

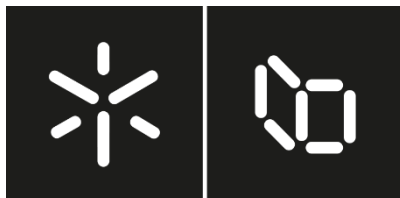


Luciana Bueno Marta Arbex

**Um olhar alemão sobre o Brasil: a
hétero-imagem de um breve futuro
(2010-2016)**

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas





Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Luciana Bueno Marta Arbex

**Um olhar alemão sobre o Brasil: a
hétero-imagem de um breve
futuro (2010-2016)**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Luso-Alemães

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Mário Manuel

Lima Matos

Outubro de 2021

DECLARAÇÃO RELATIVA A DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho:



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Mário Matos, pela seriedade de sua orientação nesses anos, por suas leituras atenciosas e críticas que me orientaram por melhores caminhos.

À Universidade do Minho e à Goethe Universität, pela oportunidade de ter finalmente podido estudar fora do meu país e enriquecer meus conhecimentos. Agradeço também aos professores do Mestrado em Estudo Luso-Alemães por compartilharem seus conhecimentos e por terem sido muito solícitos em todos os momentos.

Às colegas do mestrado, pelos momentos de companheirismo e pelas boas lembranças. Em especial, agradeço à Anie pelo acolhimento em Frankfurt e em Braga, pelas longas conversas e pela amizade, que certamente será para a vida toda.

À Ana, a primeira alemã com quem convivi, por seu olhar estrangeiro curioso, que há quase duas décadas me fez começar a questionar o que eu acreditava já conhecer sobre o meu país.

Às minhas amigas, de perto e de longe, que ouviram os meus lamentos e me deram incentivos para não desistir.

Aos meus pais, pelo apoio, incentivo e por estarem sempre presentes, mesmo à distancia.

Ao meu companheiro, Luís Fernando, meu principal interlocutor, sempre presente e parceiro. Agradeço pela paciência nos momentos mais difíceis que pareciam não ter fim. Com sua serenidade deu-me apoio incondicional para encontrar o melhor caminho para a concretização de mais esta etapa.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Um olhar alemão sobre o Brasil: a hétero-imagem de um breve futuro (2010-2016)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra do jornalista alemão Andreas Wunn, que publicou dois livros e dirigiu dois documentários sobre o Brasil entre os anos 2010 e 2016. O primeiro livro e o primeiro documentário foram publicados em 2013, antes do campeonato mundial de futebol, de 2014, quando os olhares estrangeiros voltavam-se para o Brasil e demonstrava grande euforia. Já no segundo livro e documentário, de 2014 e 2016 respectivamente, Wunn assume um posicionamento mais crítico e fundamentado a respeito do país de tão grandes dimensões e contrastes e avança para além dos estereótipos, procurando explicar o Brasil que não se confinaria apenas ao Rio de Janeiro. Procurou-se analisar a obra de Andreas Wunn como uma forma de Literatura de Viagem e também pelo viés da imagologia. Neste sentido, é importante a reflexão sobre a questão da imagem construída pelos alemães sobre o Brasil, que de alguma maneira segue uma longa tradição.

Palavras chave: literatura de viagens, imagologia, hétero-imagem, estereótipos, Brasil

A German view on Brazil: the hetero-image of a brief future (2010-2016)

ABSTRACT

This paper aims at analyzing the work of German journalist Andreas Wunn, who published two books and directed two documentaries about Brazil between the years 2010 and 2016. The first book and the first documentary were released in 2013, before the World Cup in 2014, when foreign eyes turned to Brazil and great euphoria could be noticed. In the second book and documentary, of 2014 and 2016 respectively, Wunn takes a more critical and reasoned position regarding the country of such large dimensions and contrasts and goes beyond the stereotypes, seeking to explain Brazil beyond Rio de Janeiro. This paper sought to analyze Andreas Wunn's work as a form of Travel Literature and also through the lens of imagology. It is important to reflect on the question of the image built by the Germans about Brazil, which in some way can be considered to follow a longlasting tradition.

Key words: travel writing, imagology, hetero-image, stereotypes, Brazil

Ein deutscher Blick auf Brasilien: Fremdbild einer kurzen Zukunft (2010-2016)

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit zielt darauf ab, das Werk des deutschen Journalisten Andreas Wunn zu analysieren, der zwischen den Jahren 2010 und 2016 zwei Bücher veröffentlichte und zwei Dokumentarfilme über Brasilien drehte. Das erste Buch und der erste Dokumentarfilm wurden 2013 – vor der Fußballweltmeisterschaft 2014 – veröffentlicht, als sich die Augen des Auslands auf Brasilien richteten und große Euphorie zu spüren war. Im zweiten Buch und Dokumentarfilm von 2014 bzw. 2016 nimmt Wunn eine etwas kritischere und fundiertere Position gegenüber dem Land mit solch großen Dimensionen und Kontrasten ein und geht über die Stereotype hinaus, indem er versucht, Brasilien auch abseits von Rio de Janeiro zu erklären. Die vorliegende Arbeit versucht, Andreas Wunns Werk als eine Form der Reiseliteratur und auch durch die Linse der Imagologie zu analysieren. Dabei ist es wichtig, über das Bild, das sich die Deutschen von Brasilien im Laufe der Zeit gemacht haben, nachzudenken und es in gewisser Weise als ein in einer langen Tradition eingeschriebenes Fremdbild zu betrachten.

Schlüsselwörter: Reiseliteratur, Imagologie, Fremdbild, Stereotype, Brasilien

ÍNDICE

DECLARAÇÃO RELATIVA A DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
ZUSAMMENFASSUNG	vii
Introdução	1
Capítulo 1 – O estado da arte teórico	15
1.1. As viagens e os escritos – fontes documentais em discussão.....	15
1.2. Definição e elementos da literatura de viagens.....	20
1.2.1 Género híbrido	22
1.2.2. Fatores intra e extratextuais	24
1.2.3 Subgéneros.....	27
1.2.4 Facto e ficção.....	28
1.2.5 Cariz autobiográfico da literatura de viagens	31
1.2.6 Alteridade.....	32
1.3. A imagologia	33
1.4. A imagologia alemã sobre o Brasil	38
Capítulo 2 – O gringo num caldeirão cultural.....	48
2.1 <i>In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro: uma visão geral</i>	48
2.1.1. “Wir haben Karneval, da ist alles viel unkomplizierter”	49
2.1.2 “Rio macht es einem wirklich leicht”	58
2.1.3 “Wie würdest du den typischen Carioca beschreiben?”	63
2.1.4 “Ganz brasilianisch”	68
2.1.5 “Ein <i>jeitinho</i> ist also ein Auswegchen”	72
2.1.6 “Zwei Welten”	76
2.1.7 “Endlose Favela”	79
2.1.8. “Zwischen Federkrone und Laptop”	81
2.1.9 Ein “ordnungsliebender und regeltreuer Gringo”	82
2.2 Documentário <i>Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen: em busca do tipicamente brasileiro</i>	86
Capítulo 3 - O gigante acordou.....	101

3.1	Livro <i>Brasilien für Insider – Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes</i>	101
3.1.1	“Doch wer länger in Brasilien lebt, lernt auch die Schattenseiten kennen”	106
3.1.2	“Der Traum vom sozialen Aufstieg”	109
3.1.3	“So schmeckt Brasilien”	113
3.1.4	“Das Volk ist erwacht”	127
3.2	Documentário <i>Der brasilianische Patient</i>	132
	CONCLUSÃO	142
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
	ANEXO 1 – Índice de cenas do documentário “Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen”	155
	ANEXO 2 – Índice de cenas do documentário “Der brasilianische Patient – Olympialand in der Krise”	156

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da edição de 14 de novembro de 2009 da revista <i>The Economist</i>	2
Figura 2 – Capa do livro <i>In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro</i>	4
Figura 3 – Capa do livro <i>Brasilien für Insider. Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes</i>	7
Figura 4 – Cidades visitadas por Andreas Wunn e que aparecem no 1º documentário	86
Figura 5 – Oktoberfest em Blumenau	89
Figura 6 – Entrevista a João Henrique de Orléans e Bragança	93
Figura 7 – Ensaio de bloco de carnaval	94
Figura 8 – A Mãe de Santo Monadelê	97
Figura 9 – Xikrins do Cateté	98
Figura 10 – Imagem aérea do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro	134
Figura 11 – Vista aérea do Parque Olímpico	135
Figura 12 – Pichações com protestos	136
Figura 13 – Protestos silenciosos no Rio de Janeiro	137

“Tenho tão nítido o Brasil que pode ser, e há de ser, que me dói o Brasil que é.”

Darcy Ribeiro

“Todo caminho da gente é resvaloso.

Mas também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!
O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem.”

João Guimarães Rosa

Introdução

Nein, mein Hemd ausziehen kann ich jetzt nicht. Obwohl ich es gerne würde. Es klebt klatschnass an meinem Rücken. (...) Es ist heiß. Unglaublich heiß. Weit über 30 Grad müssen es sein, die Schwüle liegt schwer in der Luft. (...) Meine Beine schmerzen. Ich bin die Bewegungen nicht gewohnt, die Sambaschritte. (...) Es ist nicht nur heiß, sondern auch laut. Trommelschläge wummern durch die Halle. Ich werde sie bestimmt noch in meinen Ohren dröhnen hören, wenn ich später längst im Bett liege. Um mich herum überall Menschen. Alte, junge, dicke, dünne, schwarze, weiße. Sie tanzen, sie singen, und sie strecken die Arme in die Höhe. Mache fast wie in Trance, eine glückliche Trance. (...) Vorne tanzen die passistas, eine Art Vortänzerinnen. Die schönsten Frauen der Sambaschule. Schlank, halb nackt, mit fantasievollen Kostümen und üppigem Federschmuck wirbeln sie jedes Jahr bei der großen Parade durch das Sambodrom (Wunn, 2013: 5-8).

No excerto acima é apresentada uma cena que habita de forma paradigmática o imaginário estrangeiro sobre o Brasil. Trata-se da descrição dum ensaio da escola de samba Imperatriz Leopoldina para o desfile de carnaval no Rio de Janeiro. Tal narrativa refere-se a um evento que aconteceu no início do século XXI, mas poderia muito bem ser uma descrição feita por um estrangeiro de qualquer nacionalidade e noutras alturas do século XX. Estão presentes algumas das principais imagens que tradicionalmente mais se veiculam sobre o Brasil: muito calor, pessoas felizes, reunidas num ambiente efervescente e ruidoso, mulheres bonitas e seminuas, samba e, é claro, carnaval.

É com essa descrição detalhada de uma cena, que ocupa as cinco primeiras páginas do livro *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro*, que Andreas Wunn, um jornalista alemão que trabalhou como correspondente internacional do canal de televisão alemão ZDF no Rio de Janeiro, inicia o seu relato de viagem sobre o Brasil.

Andreas Wunn, nascido em 1975, estudou Ciências Políticas em Berlim e em Tóquio, viveu na Bolívia, onde fez serviço cívico, e nos Estados Unidos. Desde 2000, trabalha como repórter e redator para o canal televisivo alemão de serviço público “Zweites Deutsches Fernsehen” (ZDF), sendo atualmente diretor de redação e moderador de programas de notícias¹. Entre 2010 e 2016, trabalhou como correspondente da América Latina para essa emissora, período em que viveu no Rio de Janeiro. Durante esses anos, Wunn escreveu dois livros e produziu dois documentários sobre o Brasil, que são o objeto de estudo do presente

¹ <https://presseportal.zdf.de/biografie/Person/andreas-wunn/>

trabalho. Tais obras são as seguintes, em ordem cronológica: *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro* (livro, fevereiro de 2013); *Sehnsuchtsland Brasilien - Von Menschen, Träumen, Traditionen* (documentário, dezembro de 2013)²; *Brasilien für Insider. Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes* (livro, abril de 2014) e *Der brasilianische Patient* (documentário, agosto de 2016).

Entre a chegada de Wunn no Brasil e a publicação do primeiro livro, o país passava, no geral, por um período de otimismo. O presente século começou para o Brasil com um significativo protagonismo no cenário económico mundial. Um marco relevante nesse contexto deu-se em 2001, quando foi cunhado o termo BRIC. A sigla, que surgiu a partir das letras iniciais dos países Brasil, Rússia, Índia e China, foi criada por Jim O'Neill, chefe de pesquisa em economia global do grupo Goldman Sachs e o uso da sigla rapidamente disseminou-se mundialmente, não apenas no meio económico, mas também nos veículos de comunicação e nos mais diversos contextos, sendo que em 2011, com o ingresso da África do Sul, o grupo BRICS alcançou sua composição definitiva.³

No ano de 2009, houve outro marco icónico sobre o Brasil. A revista *The Economist* publicou, na edição semanal lançada em 14 de novembro, uma reportagem especial sobre o país, com o título "Brazil takes off". A imagem, presente até hoje no imaginário mundial, mostrava a estátua do Cristo Redentor a decolar, como um foguete.



Figura 1 – Capa da edição de 14 de novembro de 2009 da revista *The Economist*

² Em 2015, juntamente com sua equipe da ZDF, recebeu o Prêmio Petrobras de Jornalismo por essa reportagem-documentário.

³ Num estudo daquele ano intitulado "Building Better Global Economic BRICs" o economista afirmou que esses quatro países juntos, que correspondem a mais de 25% do território e mais de 40% da população do planeta, dado o crescente poder econômico que apresentavam, poderiam superar em 2050 as atuais maiores economias do mundo, segundo projeções (BRICS - Brasil, 2019).

Diversos fatores eram apresentados como responsáveis pelo excelente momento que o país vivia, como, por exemplo: a descoberta de gigantescas reservas de petróleo na camada do pré-sal, as crescentes exportações de commodities para países asiáticos (num período de alta de preços das mesmas), os ajustes económicos que foram feitos desde a década de 1990, a escolha do Brasil como sede do campeonato mundial de futebol e dos Jogos Olímpicos nos anos seguintes, entre outros fatores.

Muitos intelectuais e especialistas em economia do mundo todo viam, naquele momento, um futuro glorioso para o Brasil. Futuro esse que já havia sido vislumbrado por escritores-viajantes de língua alemã em pelo menos três livros: *Brasilien. Ein Land der Zukunft*, de Heinrich Schüller, de 1912; *Land der Zukunft. Reise in Brasilien*, de Hermann Ullmann, de 1937 e *Brasilien, ein Land der Zukunft*, de Stefan Zweig, publicado em 1941. Nos três livros, havia algo em comum: o Brasil visto como um país cheio de riquezas naturais, com grande extensão territorial e com muitas possibilidades. No começo do século XXI parecia que esse futuro glorioso tinha chegado para o Brasil. Parecia que o país poderia finalmente realizar o seu enorme potencial.

Esse foi, muito sumariamente, o contexto do período no qual o jornalista Andreas Wunn se mudou para o Rio de Janeiro, em 2010, então com 35 anos de idade. Tal cenário de entusiasmo e otimismo, bem como as posteriores mudanças no cenário político, social e económico do Brasil nos anos seguintes, até ao final do período que Wunn viveu no Brasil (2016), encontram-se refletidos sob várias formas na sua obra.

O livro *In Brasilien geht's ohne Textilien*, de onde foi extraído o trecho citado no início do presente trabalho, é um dos exemplos de um variado leque de livros publicados em 2013 na Alemanha sobre o Brasil. Às vésperas do mundial de futebol de 2014, as editoras trataram de publicar livros que pretendiam informar os alemães sobre o que seria o Brasil e como seriam os brasileiros, abordando e mobilizando alguns dos principais estereótipos, como o carnaval, o samba, mulheres e futebol. Por outro lado, havia também uma preocupação em abordar problemas mais graves do maior país da América Latina: as desigualdades sociais, o racismo e a violência.

Na capa do livro de Andreas Wunn pode-se perceber, a título paradigmático, como ainda prevalecem os tradicionais estereótipos sobre o Brasil, como uma mulher negra seminua com trajes carnavalescos a sambar, a cidade do Rio de Janeiro e suas praias, a estátua do Cristo Redentor, uma arara azul (um animal “exótico”) e um copo de caipirinha.

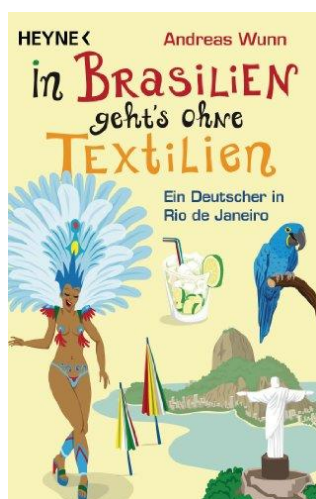


Figura 2 – Capa do livro *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro*

Nesse primeiro livro, que tem um tom festivo e descontraído, Wunn narra com muito bom humor as suas aventuras no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que brinca com os clichês sobre o Brasil, revela aos poucos a difícil realidade de viver num país com tantas diferenças sociais. Ainda que relate experiências vividas noutras regiões do Brasil, como São Paulo ou a Amazônia, o local central da narrativa é a cidade do Rio de Janeiro.

Em termos de estilo, o livro é escrito em tom coloquial, com narrador em primeira pessoa. Em cada capítulo é descrita uma situação e também uma ou mais personagens, que representam aquele contexto. O autor alemão adota modo geral a figura e perspectiva dum “gringo” – que é como os estrangeiros, especialmente os turistas, são muitas vezes chamados no Brasil - e não a dum jornalista interessado em investigar a cultura brasileira.

É preciso levar em consideração quem são os alocutários para quem Wunn se dirige nesse primeiro livro. São os alemães, provavelmente de classe média, que possivelmente viajarão para o Brasil nos anos seguintes. Em vista disso, o autor destaca factos do quotidiano dos brasileiros e experiências que os turistas alemães provavelmente buscarão na visita ao Rio de Janeiro. Dentre elas, podemos destacar a vivência *in loco* do carnaval, uma aula de surfe, um almoço numa churrascaria, uma visita ao Cristo Redentor, um dia na praia, um tour pela maior favela carioca, um baile *funk* e um jogo de futebol no estádio do Maracanã. Essa leveza de sua escrita aparece relacionada à atmosfera da cidade: “Rio muss die schönste Stadt der Welt sein. (...) Eine natürliche Schönheit. Rio macht es einem

Fremden leicht, sich in diese Stadt zu verlieben. Und es ist sehr schwer, hier nicht glücklich zu werden” (Wunn, 2013: 7).

Aos poucos, os problemas e as críticas aos brasileiros aparecem, ainda que com tons de humor e ironia. O narrador-viajante apresenta as diferenças entre ricos e pobres, por meio das conversas com Antonio, o chefe dos porteiros do seu prédio, e com Rosangela, sua empregada doméstica. Wunn tenta explicar ao leitor alemão o hábito brasileiro de haver nos edifícios um elevador social e um elevador de serviço. Nesse mesmo capítulo há uma crítica ao hábito brasileiro de ter empregados e ao “quarto de empregada” que há até algumas décadas existia em praticamente todos os apartamentos de classe média: “Mehr Platz ist nicht, denn insgesamt misst Miniraum kaum drei Quadratmeter. Hier wohnten und schliefen früher die Hausangestellten. Apartheid in Architektur gegossen” (*idem*: 15).

Além da segregação entre patrões e empregados, refletida nesse “apartheid” arquitetônico, as favelas também são muito representativas dessas diferenças, resquícios dum sistema escravocrata e merecem especial atenção no livro, juntamente com temas usualmente associados a elas, como a violência, o turismo estrangeiro, o estilo musical *funk* e a banalização do uso de armas.

Ainda desse livro podemos destacar as análises que o jornalista faz dos gestos, gírias e até movimentos corporais dos brasileiros: “Wir verabschiedeten uns mit Daumen-hoch-Zeichen, machten Skakehands und klopfen uns minutenlang auf die Schulter. Ganz brasilianisch” (*idem*: 52). E também alguns costumes, que para ele pareciam estranhos: o consumo de bebidas extremamente geladas, a lentidão e a falta de pontualidade, o uso frequente de aumentativos na linguagem coloquial e o hábito de ir ao supermercado praticamente sem roupa.

Esse primeiro livro, que será analisado no segundo capítulo, dentre as quatro obras que compõem o *corpus* do presente estudo, é o que sugere um clima mais festivo e descontraído, podendo, de certa forma ser considerado um guia turístico bem-humorado. Salta aos olhos a escolha feita pelo escritor por um narrador jovem e aventureiro que aproveita o estilo de vida relaxado e praiano do Rio de Janeiro. Os seus comentários pretensamente sociológicos a respeito do caráter dos brasileiros e do estilo de vida dos cariocas, com críticas a comportamentos como o “jeitinho” e a falta de organização, ainda que sempre de maneira irônica e divertida, deixam também transparecer uma certa autoimagem dos alemães, como organizados e pontuais, por exemplo.

O segundo capítulo tratará também do documentário *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen*, de 2013, que, assim como o primeiro livro, possui um tom mais positivo e descontraído. Além disso, no documentário é possível perceber uma tentativa de entender a formação étnica do povo brasileiro, sendo retratadas pessoas que vivem nalguns lugares representativos da diversidade geográfica e cultural do Brasil. O jornalista alemão procurou representar como os diferentes imigrantes que povoaram o Brasil ainda mantêm algumas tradições das suas culturas de origem.

Wunn passa por diferentes cidades: em Blumenau (Santa Catarina) mostra a arquitetura das casas em estilo “enxaimel”, a maior Oktoberfest fora da Alemanha e entrevista descendentes de alemães. Também passa pelo bairro japonês em São Paulo, onde entrevista um neto de japoneses, que pratica karatê e se diz dividido entre a cultura brasileira e japonesa.

No documentário também são retratadas as três culturas que historicamente são consideradas como “formadoras” do povo brasileiro: a portuguesa, a africana e a indígena. Em Paraty, visita o príncipe Dom “Joãozinho”, trineto do último Imperador do Brasil (Pedro II do Brasil) e no Rio de Janeiro, experimenta a feijoada e os pastéis de bacalhau no bar duma família de portugueses que chegou ao Brasil na década de 1950.

Ainda no Rio de Janeiro, entrevista Elano, que participa dum ensaio de carnaval. Elano é negro e arquiteto “und diese Kombination gibt so gut wie nicht in Brasilien”. Nesse momento, Wunn procura destacar em seu documentário o racismo contemporâneo que está entranhado na cultura brasileira, ao visitarem a escola de classe média na qual Elano estudou.

Na Amazônia, visita o território Xikrin do Cateté (Pará), uma área indígena demarcada, onde vive uma população de 1500 pessoas, da etnia dos Kayapó. Aos poucos aparece a vida quotidiana na tribo: “Ein Leben zwischen Laptop und Federkrone”. Retratam-se os elementos da cultura tradicional, como as redes onde dormem, os telhados de palha e a pintura dos corpos e rostos antes das festas, que ao mesmo tempo dividem espaço com elementos da vida moderna: televisores, Havaianas e o lixo gerado pelo consumo de produtos industrializados.

O principal eixo condutor do documentário, que se encontra mesmo expresso no seu título – pessoas, sonhos e tradições – é o interesse em compreender como diferentes culturas fundiram-se no que ele chama de “caldeirão cultural brasileiro”. Para a análise mais

aprofundadas dessas questões, os paradigmas da transculturalidade propostos por Wolfgang Welsch (1999) serão de grande valia. O conceito de transculturalidade remete de forma clara e lógica para a ideia de emaranhamento, mistura e semelhança que subjaz à cultura global. Somos híbridos culturais e trabalhar na identidade significa trabalhar na integração de componentes de diferentes origens culturais.

As obras que serão analisadas no terceiro capítulo – o segundo livro e o segundo documentário – foram lançadas depois de 2013, um ano marcante politicamente na história recente do Brasil e isso está refletido no trabalho do jornalista alemão. O segundo livro de Andreas Wunn, *Brasilien für Insider*, de 2014, apresenta uma capa que remete o leitor de língua alemã à cidade do Rio de Janeiro e a um universo praiano e de lazer, mas, contrariamente ao que isso poderia sugerir, possui um tom mais sério e apresenta análises aprofundadas sobre a economia, a política, a história e os problemas sociais, numa perspectiva mais ampla, que abrange todo o país.

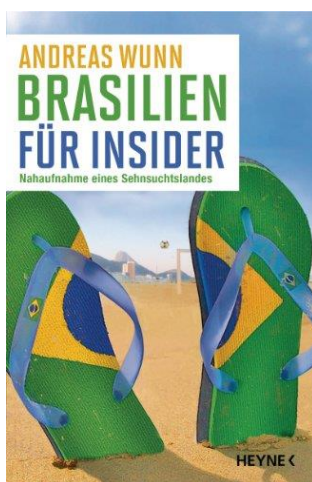


Figura 3 - Capa do livro *Brasilien für Insider*. *Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes*

Diferentemente do primeiro livro (*In Brasilien geht's ohne Textilien*), *Brasilien für Insider* tem uma apresentação visual mais formal, com uma contracapa dobrável, onde aparece um mapa do Brasil, com as divisões dos estados e as capitais e principais cidades, um sumário e uma bibliografia ao final.

Percebe-se a tentativa de aprofundar as informações e o conhecimento sobre o país que, para o autor, era cheio de contradições e simultaneidades. Logo no início do livro, deixa claro quais são as suas intenções:

Dieses Buch ist der große Versuch, Brasilien zu erklären. Dazu schreibe ich über Politik, Geschichte und Wirtschaft, aber auch über die prägenden Dinge des brasilianischen Alltags wie Musik, Strand, Karneval, Essen, Fußball, Religion und vieles mehr. Ich erzähle von meinen zahlreichen Reisen, die ich in den vergangenen Jahren in diesem riesigen und spannenden Land unternommen habe. Und von den Menschen, denen ich dabei begegnet bin. Die Klischees spare ich nicht aus, denn ich habe nichts gegen sie. Oft helfen sie, ein Land kennenzulernen. Doch man muss hinter die Klischees blicken, um ein Land und sein Volk verstehen zu lernen. Brasilien ist für mich nicht nur ein Land der Gegensätze, sondern auch ein Land der Gleichzeitigkeiten (Wunn, 2014: 14).

Vale destacar a mudança do ponto de vista: o autor alemão assume a sua posição de jornalista interessado em compreender o Brasil, diferentemente do narrador do primeiro livro, que se identificava como um “gringo” à procura de aventuras. Podemos afirmar que neste segundo livro de Wunn há um aprofundamento do referencial teórico, histórico e também de dados estatísticos que dão suporte aos seus argumentos.

Naquele momento da publicação do segundo livro, em 2014, o Brasil começava a atravessar uma longa crise política e económica, e isso será analisado em diferentes perspetivas por Wunn. As manifestações populares iniciadas em junho de 2013, o processo de afastamento da presidenta Dilma Rousseff, a corrupção dos políticos, o racismo e a religião foram temas que nesse livro dividiram espaço com outros tópicos mais conhecidos sobre o Brasil: carnaval, samba e bossa nova, os chinelos Havaianas e os ídolos brasileiros⁴.

É interessante notar que o seu olhar crítico mudou muito do primeiro livro para o segundo: parece mais amadurecido, mas também um pouco mais desiludido com o “país do futuro”. No segundo documentário, *Der brasilianische Patient*, de 2016, fica ainda mais clara a preocupação com o país que sediará os jogos olímpicos naquele ano. Na cena de abertura aparecem imagens aéreas das belezas naturais do Rio de Janeiro e a praia de Copacabana, em outubro de 2009, quando foi anunciada a escolha do Rio de Janeiro para sediar os jogos olímpicos. Era uma grande festa, pessoas representando a diversidade brasileira comemorando, sambando e tomando caipirinha. Na sequência, cenas do quotidiano: filas de

⁴ A mesma revista *The Economist* fez, em 2013, outra reportagem especial sobre o país, desta vez no sentido exatamente oposto ao da primeira. Com o título “Has Brazil Blown it?”, o “foguetete” Cristo Redentor está em queda. Corrupção, problemas de infraestrutura, alta carga tributária, fraco desempenho da economia, diferentemente do que se esperava, protestos da população e problemas no sistema de previdência social foram alguns aspectos apresentados como responsáveis pelo Brasil não ter correspondido às expectativas apontadas em 2009.

desempregados, obras inacabadas, escolas em péssimas condições, manifestações contra a corrupção e a disseminação do vírus zika, responsável por uma grave doença infecciosa.

Neste documentário, Wunn entrevista doze pessoas e muitas delas tecem críticas ao facto dos gastos públicos serem destinados ao evento esportivo e não aos investimentos necessários em educação, saúde e infraestrutura. A corrupção e as disputas políticas, os hospitais e escolas sucateados, as condições de trabalho dos policiais, a violência e as favelas são os temas levantados no documentário. No final, Andreas Wunn conclui que o Brasil precisa de reformas, de um empurrão e de políticos mais comprometidos com o futuro do país. E complementa: “Doch der Heilungsprozess des brasilianisches Patienten wird lang und schmerzhaft sein.”

O nosso interesse no presente trabalho consiste em investigar e compreender as diferentes abordagens adotadas nas obras que constituem o *corpus* de pesquisa, lançadas entre 2013 e 2016, analisando-as sob o prisma do referencial teórico da literatura de viagens e da imagologia.

As narrativas de viagem sempre tiveram um papel de grande destaque na tradição cultural europeia, em geral, e na alemã, em particular. Por outro lado, também para a constituição da historiografia brasileira, os relatos de viagens feitos por estrangeiros foram fonte essencial e base de estudos científicos.

Segundo Peter Brenner, os relatos de viagem são representações verbais de viagens ou uma “descrição narrativa duma jornada real” (1990: 468). São descrições aparentemente factuais do encontro com o outro, em que ficam evidenciadas as diferenças entre as culturas, as tradições e os hábitos daquele que elabora o relato e dos habitantes do local da viagem. Tal aspeto intercultural é muito evidente em toda a historiografia brasileira, em que o “Novo Mundo”, o Brasil, era visto pelo olhar da tradição cultural europeia.

Uma das principais questões subjacentes à investigação nesse campo, que se pretende detalhar no presente trabalho, consiste no facto de que antes de qualquer interpretação sobre um relato de viagem, o investigador deve questionar quem é o escritor que está por trás da figura do viajante-narrador ou quem “ele quer ser” (Junqueira & Franco, 2011: 46). Ou seja, o relato de viagem diz muito sobre o lugar para onde foi feita a viagem, mas também diz tanto ou até mais sobre a cultura de onde vem o viajante.

Por isso, os investigadores da área discutem até que ponto os relatos são factuais ou factológicos, bem como em que medida essa classificação é ou não relevante.

É de referir que, dum ponto de vista formal, o género “relato de viagem” pode ser considerado uma forma híbrida, muito ligada ao romance e a autobiografia, mas que também se pretende um registo documental da realidade, evidenciando um carácter dual de ficção/realidade. Ottmar Ette afirma ser impossível determinar uma linha fronteira entre a literatura ficcional e a literatura de viagens (2001: 37), considerando esta última um género “friccional”.

Os relatos de viagem possuem características e elementos de tal tipicidade que justificaram que no início do século XX passassem a ser enquadrados numa categoria autónoma, a literatura de viagens, área de investigação desde a década de 1980 bem ancorada na Germanística e cuja origem se deve em parte a um gradual desprendimento do conceito tradicional de literatura baseado em cânones classicistas e numa estética purista. Segundo Peter Brenner, tais reorientações encontravam-se dentro dum movimento mais global, progressivamente inserindo os conteúdos nos estudos comparados das literaturas, ampliando os paradigmas dos estudos das humanidades (Matos, 2010: 61).

Como área interdisciplinar que é, na literatura de viagens devem-se levar em conta o intercâmbio com outras áreas do conhecimento e a heterogeneidade de discursos e textos que compõem este género literário. A investigadora alemã Barbara Korte, ao tratar dos relatos de viagem em língua inglesa, faz um apontamento em relação a essa questão, indicando que muitas vezes se encontra o termo *omnium-gatherum* nos estudos que se ocupam de relatos de viagem. Com efeito, tal termo, que poderia ser explicado como um conjunto de diferentes itens, dá conta da diversidade que pode ser abarcada pelos escritos de viagem. Nas palavras da autora, o que quer que o viajante/autor entender pertinente pode ser incluído num escrito de viagem. É possível perceber assim que se trata dum campo muito amplo, que abrange não só os mais diferentes géneros textuais, como também conteúdos muito diversificados (Korte, 2000: 5).

Um grande desafio que se apresentou nessa área de investigação foi a construção dum modelo unificador para enquadrar a diversidade de abordagens do género, principalmente devido à sua já referida heterogeneidade e à disparidade teórica e metodológica, conforme se verá no primeiro capítulo. Assim, a reflexão proposta no presente trabalho concentrar-se-á nas características minimamente definidoras da literatura de viagem, no seu desenvolvimento histórico como área autónoma de investigação e na questão da alteridade cultural, que fornece elementos importantes para a análise da obra de Wunn.

Outro referencial teórico usado na análise desenvolvida é a imagologia, cujo objeto de estudo são os imagotipos, que são as formulações representativas de mentalidade e cultura de pertença ou estranhamento a determinada identidade. Celeste Sousa define a imagologia como uma área do saber que investiga imagens de nações, povos ou grupos, veiculadas em quaisquer textos escritos (Sousa, 2011: 172). Sendo assim, é preciso ter atenção ao discurso literário, pois ao mesmo tempo que pode ser veículo da conceção imagológica existente, também reconfigura as identidades, sob a forma de atitudes, estereótipos, preconceitos, clichés, anedotas, lugares-comuns e outros traços do esboço identitário formado pelos imagotipos referenciais (Campinho, 2018: 27).

É na interseção entre esses vários paradigmas teóricos que se pode enxergar a obra de Andreas Wunn. Inicialmente é contudo necessário que se faça uma ressalva. Sendo um repórter e correspondente, Wunn não é um escritor canónico nem reconhecido pela academia na área dos estudos literários e culturais. As suas obras podem ser compreendidas como reportagens de viagens, mais um dos subgéneros que cabe no abrangente género da literatura de viagens. As reportagens de viagens existem desde tempos tão antigos quanto o século V a.C., sendo o geógrafo e historiador grego Heródoto considerado o primeiro “repórter”, tendo fundamentado muito dos seus escritos nas viagens que fez a diferentes partes do mundo então conhecido pela civilização helénica (Baptista, 2010). Mais recentemente, a partir da década de 1920, a reportagem de viagem passa a ter especial relevância na língua alemã, citando-se como exemplo o escritor e jornalista austro-checo Egon Erwin Kisch, que escreveu diversas críticas sociais sob a forma de reportagens de viagens. Membro do partido comunista austríaco, publicou vários livros, dentre os quais *Der rasende Reporter*, uma de suas mais conhecidas e influentes obras, na qual são compiladas reportagens feitas pelo autor em diferentes localidades na Europa, que se caracterizavam por “uma técnica caleidoscópica de apresentação determinada pela velocidade e factualidade”, fazendo dele “um repórter da Nova Objectividade e o verdadeiro fundador da reportagem literária” (Lebendiges Museum Online, n.d.).

As obras de Wunn encontram-se em diálogo com esse tipo de textos por apresentar os seguintes pontos em comum: seus livros são compilados de reportagens sobre diferentes situações e temas, com a significativa presença de entrevistas, muito conteúdo descritivo e a possibilidade de leitura dos capítulos de forma isolada e independente. Além de analisar as características que enquadram o *corpus* no subgénero reportagem de viagem, interessa-nos

também compreender em que medida a sua obra contemporânea dialoga com a literatura de viagens em geral de autores de língua alemã produzida no século XX. Procuramos perceber quais elementos dessa tradição estão presentes nos objetos textuais e audiovisuais que compõem o *corpus* do presente trabalho.

Apesar de o jornalista escrever e produzir documentários no século XXI, é possível identificar que há alguns padrões em comum entre as suas obras e as narrativas dos escritores anteriores a ele. Conseguimos perceber, por exemplo, que um certo encantamento com as belezas naturais do país e uma visão idealizada de “paraíso tropical”, especialmente no primeiro livro e no primeiro documentário, são temas também recorrentes nas narrativas desde a chegada dos primeiros portugueses no século XVI e em muitas das obras produzidas na língua alemã sobre o Brasil.

Além disso, Wunn também apresenta uma oposição entre os aspetos positivos do país - muito relacionados às características naturais e à simpatia das pessoas - e aspetos negativos, modo geral ligados a questões de organização social. Esta contraposição também é um elemento habitual nos relatos anteriores sobre o Brasil.

É fundamental notar que, ainda que exista um diálogo e pontos em comum entre as produções de Wunn e doutros viajantes alemães, o contexto cultural que permeia a sua obra é completamente diferente. Wunn tem uma visão cosmopolita, que celebra a alteridade e considera positivas as diferenças culturais. Não adota um posicionamento claramente etnocêntrico e de superioridade cultural. Mas é preciso refletir em que medida, nas entrelinhas, numa forma subtil, é possível identificar um referencial eurocêntrico. Nesse sentido, será importante refletir se as obras de Wunn constituem uma leitura “fácil” direcionada aos leitores europeus e que acabam por contribuir para reforçar as redes de poder do neocolonialismo (Thompson, 2011: 155; Lisle, 2006: 5-6).

Finalmente, será de nosso interesse compreender a mudança de olhar de Wunn durante o período que escreveu e publicou os seus livros, entre 2010 e 2015, nesse breve momento em que o Brasil parecia finalmente ter alcançado o futuro. Interessa perceber como essa mudança de olhar está refletida na hétero-imagem apresentada nas obras e também o quanto se refere às reais transformações pelas quais o país passou ou se se trata numa mudança mais subjetiva na percepção do observador/autor ou ainda se seriam transformações ao nível duma hétero-visão coletiva europeia, mais especificamente alemã.

No primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico a respeito da literatura de viagens, com o objetivo de delinear um panorama do que existe na produção acadêmica sobre o tema. O estudo do *corpus* do presente trabalho situa-se num campo que se relaciona com diversas áreas do conhecimento e está sujeito a diversas discussões teóricas e acadêmicas. Tais pontos de discussão referem-se à delimitação da área do conhecimento, ao enquadramento ou não como gênero literário autônomo, ao peso que tem a presença da dimensão subjetiva autobiográfica do escritor-viajante-narrador *versus* a cultura/povo observado, dentre outras questões.

Quando se trata de literatura de viagens, a primeira questão que exige atenção diz respeito à definição da área de estudo. O próprio termo “literatura de viagens” traz em si uma determinada visão teórica e escolhas adotadas. Conforme será apresentado, vários termos são usados por diferentes autores: literatura de viagem, relatos de viagem, escritos de viagem, etc.

Além disso, a discussão sobre a questão da dualidade *facto versus ficção* é outra categoria incontornável em qualquer abordagem teórica do tema, designadamente a reflexão sobre se os relatos de viagem são fontes verossímeis e fidedignas de informação. Mais ainda, por dizer respeito a um contraste, uma contraposição entre culturas, há que se considerar de quais culturas se trata e como é a imagem que existe numa em relação à outra. Esse é o objeto da imagologia, referencial teórico fundamental para a análise. Em particular o que nos interessa é a hétero-imagem alemã sobre o Brasil.

É evidente, assim, a complexidade do tema e as questões e pontos de discussão que suscita, sendo que os que foram acima listados são apenas alguns exemplos, longe de esgotar a multiplicidade de aspetos envolvidos. Portanto, o primeiro capítulo seguirá, em linhas gerais, a seguinte estrutura. Primeiramente uma análise das definições sobre viagem e literatura de viagens. A seguir, a discussão sobre a sua natureza literária e de gênero, bem como da questão *facto versus ficção*. A análise sobre a presença do “próprio” sujeito textual (sua dimensão subjetiva autobiográfica) dá continuidade ao estudo do estado da arte. Discutir-se-á também a questão da transculturalidade. Uma visão geral sobre a imagologia e sobre a imagologia em língua alemã sobre o Brasil encerra o capítulo.

Seguindo uma organização cronológica, no segundo capítulo será feita uma análise do primeiro livro de Andreas Wunn *In Brasilien geht's ohne Textilien* e do documentário *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen*, ambos de 2013. Como já

destacamos anteriormente, neste momento o autor parecia estar a descobrir o Brasil, estava interessado em saber como se dava a formação do povo brasileiro. Percebe-se nesse momento um tom mais “literário”, onde podemos duvidar se todos os factos narrados são reais ou não.

No terceiro capítulo, trataremos do momento final de sua estadia no Brasil, quando publicou o livro *Brasilien für Insider. Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes* (2014) e o documentário televisivo *Der brasilianische Patient* (2016). Pretende-se em especial perceber a mudança de abordagem ao longo dos anos e das diversas obras. Primeiramente com um olhar de turista e gradativamente com uma visão mais jornalística e cada vez mais crítica, paralelamente à situação geral social, económica e política do Brasil que vai se tornando complexa e passando dum grande otimismo para uma crise, que até agora não terminou.

Na última parte serão apresentadas as considerações finais. Retomando-se as questões iniciais de investigação é feito um balanço das obras, designadamente em relação às semelhanças e diferenças entre si, bem como em relação à literatura de viagens escrita em língua alemã a respeito do Brasil.

Capítulo 1 – O estado da arte teórico

1.1. As viagens e os escritos – fontes documentais em discussão

Em 1838, no Rio de Janeiro, foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB, que tinha como principais metas “construir uma história que elevasse o passado e que fosse patriótica nas suas proposições, trabalhos e argumentos” (Schwarcz, 2019: 13). Um primeiro concurso público foi organizado em 1844 e tinha como proposta de trabalho a construção duma narrativa com o seguinte tema: “Como escrever a história do Brasil”. O vencedor dessa disputa foi o naturalista alemão Carl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868), que já tinha relativo reconhecimento como cientista, mas que no campo das humanidades, mais especificamente na História, tinha realizado pouquíssimos trabalhos. A principal tese defendida por von Martius era que, duma maneira “desconhecida na história antiga”, o Brasil se definia por sua mistura de povos e que lá havia condições para o “aperfeiçoamento das três raças humanas” (*idem*: 15).

Von Martius e o experiente zoólogo Johann Baptist von Spix foram enviados ao Brasil pelo rei da Baviera, Maximiliano I José, no começo do século XIX, com a tarefa de realizar para a Real Academia de Ciências de Munique uma vasta expedição pelo país, tendo percorrido cerca de dez mil quilómetros ao longo de três anos. Como resultado dessa expedição foram publicados os volumes *Reise in Brasilien* em Munique entre 1823 e 1831 (Lisboa, 2008: 117).

Evidencia-se, assim, já desde a primeira iniciativa formal para a construção duma identidade brasileira, a importância do olhar estrangeiro, em particular, o alemão. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, os estrangeiros de diversas profissões que chegaram ao Brasil a partir da chegada da família real portuguesa e da abertura dos portos brasileiros em 1808, e que investigaram minuciosamente o país, contribuíram para “um novo descobrimento do Brasil” (*idem*: 116). Os relatos de viagem influenciaram a historiografia do Brasil e serviram como fontes desde a chegada dos primeiros portugueses. Para o crítico literário brasileiro Alberto Dines, “o Brasil começa com um relato, sua história é uma relação destes relatos. O entusiasmo de Pêro Vaz de Caminha ao descrever a terra recém-descoberta deu o tom e estabeleceu um padrão raramente contrariado” (Dines, s/d).

De facto, a carta enviada por Pêro Vaz de Caminha a D. Manuel I, Rei de Portugal, quando relatou a chegada à Terra de Santa Cruz no século XVI, é um dos documentos mais

importantes da história do Brasil. Essa carta tornou-se a “autêntica certidão de nascimento” do país, a “pré-história das nossas letras” (Bosi, 1994: 14).

É preciso destacar a importância que os relatos de viagem tiveram para a constituição da historiografia brasileira, uma vez que obras fundamentais para o desenvolvimento desta área de investigação tiveram como fonte fundamental os relatos de estrangeiros. Pode-se citar Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre como exemplos de alguns dos mais renomados estudiosos que refletiram sobre a complexa história e identidade do Brasil e que tomaram os relatos como obras fornecedoras de informações, dados, factos e costumes (Franco, 2011: 65).

Os relatos de viagem têm uma longa tradição. Narrativas sobre viagem e sobre as experiências de contacto com o “outro” remontam a uma multissecular presença e tradição na história da literatura, não somente quando se volta a atenção à história do Brasil. Compreende-se que seja assim, uma vez que desde a aurora da humanidade as migrações são uma constante da realidade dos diversos povos. Muitos são os fatores que podem levar à realização de viagens e há períodos históricos em que os fluxos humanos pelo planeta são especialmente intensos. As peregrinações religiosas, as viagens de comércio, as grandes navegações e outras viagens de expansão territorial são alguns dos exemplos da multiplicidade de razões pelas quais se realizam as viagens: “*Homo viator*, sim, mas também *homo narrans*, duas das atividades mais antigas da humanidade”, nas palavras de Gonçalo Vilas-Boas (2015: 10).

É mesmo possível afirmar que a cultura europeia sempre esteve ligada às viagens e que alguns dos textos literários ocidentais mais antigos tratam do tema. Por muitos séculos, os escritos de viagem tiveram como principal objetivo transmitir informações doutros povos e lugares pouco conhecidos ou totalmente desconhecidos. De acordo com Thompson (2011), os escritos de viagem têm uma dupla função: informar e entreter. No período que vai do século XVI ao século XIX os textos sobre viagens eram genericamente classificados sob o rótulo “*voyages and travels*” (que se poderia traduzir como “viagens e expedições”). Ao tratar de tais obras, Thompson afirma que, numa forma geral, esses textos estavam consideravelmente preocupados em disseminar informações úteis. Tinham um carácter informativo, impessoal, servindo como um relatório do que foi encontrado no lugar desconhecido. Mas ressalta também que, nos séculos XVIII e XIX, os melhores exemplares

desses textos eram tidos como fonte duma combinação plenamente satisfatória de prazer literário e conhecimento útil (Thompson, 2011: 20, 32-33).

Esses dois aspetos – informativo e de entretenimento – devem sempre ser considerados ao se analisar os escritos de viagem, sendo certo que a suas proporções dependerão, evidentemente quer dos gostos e normas epocais quer do estilo e da forma de escrita de cada autor. Mas tão importantes quanto esse aspeto subjetivo são os paradigmas mais gerais da cultura do viajante, que influenciam diversos elementos importantes dos textos de viagem e que serão discutidos em mais detalhes nas próximas seções.

Nesse mesmo sentido, Celeste Sousa destaca que “os primórdios da existência brasileira se confundem com a cultura portuguesa” e com a imagem que os portugueses e outros europeus construíram do Brasil naquela época e aponta que o que escreviam tinha muito a ver com a fantasia do europeu de encontrar o Éden, “ainda profundamente arraigada na Idade Média”. Eram textos que descreviam o paraíso e “crônicas que davam notícias do Eldorado”. O Brasil era retratado como o país das possibilidades ilimitadas, muito rico em terras férteis, onde os imigrantes poderiam enriquecer e desfrutar da felicidade (Sousa, 2004: 31).

Esse olhar idealizado, com descrições sobre as belezas naturais, as paisagens, as grandes extensões de terras, os habitantes, a vida social, os costumes, a fauna e a flora pode ser encontrado em muitos outros relatos de viajantes europeus de diversas nacionalidades, em diferentes épocas.

Tal enfoque está presente na análise feita por Paul Fussel dos tipos de livros de viagem, conforme citado por Carl Thompson (2011): “picarescos”, que relatam as aventuras e desventuras dos viajantes ou “elegíaco” ou “pastoral”, no qual a ênfase está em buscar os últimos vestígios dum modo de vida em extinção ou uma cultura percebida como menos complexa e menos estressante que a do viajante. Ainda que Fussel esteja a tratar especificamente dos livros de viagens, categoria para a qual tem uma definição bastante restritiva, é possível perceber que é exatamente esse olhar elegíaco ou pastoral que informa os textos descritos acima por Sousa.

A respeito dum período um pouco posterior, a historiadora Maria Fernanda Bicalho (2003) trata da importância do clima cultural e ideológico que se disseminou pela Europa durante o Iluminismo, no século XVIII, época em que se desenvolveu a ciência, a razão e a curiosidade pelos fenómenos da natureza. Houve “um certo olhar voltado para o exótico e o

selvagem, que aguçou a curiosidade de cientistas e filósofos a respeito das sociedades não europeias, sobretudo aquelas ainda pouco conhecidas ou contatadas pelos navegadores” (Bicalho, 2003: 105). Com a nova forma de fazer ciência difundida pelo Iluminismo os intelectuais saíram dos seus gabinetes e os relatos de viagem tiveram um grande impulso e um papel fundamental como fonte de informações.

Certas áreas das ciências humanas como a Geografia, a Antropologia e a Sociologia devem muito do seu desenvolvimento aos relatos de viagem, pois ocuparam-se, em seus primeiros tempos, de questões de investigação e temas que eram comuns com tais formas textuais. Deve ser ressaltado, porém, que com a institucionalização dessas áreas do conhecimento no século XIX, metodologias e modos de discurso científicos foram adotados para que a produção de tais áreas fosse diferenciada doutras formas de escritos de viagem mais anedóticas e subjetivas (Thompson, 2011: 4).

Paralelamente ao seu papel fundamental de fonte documental, não se pode desconsiderar a presença muito frequente de tal olhar idealizado em relação aos diferentes povos e culturas, um aspeto recorrente ao longo dos séculos, conforme referido acima, ao se citar Celeste Sousa. Ou uma certa abordagem “elegíaca” ou “pastoral”, nas palavras de Fussel.

Karen Lisboa, ao analisar os escritos alemães do início do século XX, afirma que surgiu em torno dos anos 1900 na Alemanha, uma literatura exotista de viagem, que se manteve até a década de 1930. Afirma que o “espaço predileto para as projeções exotizantes e escapistas de autores de língua alemã” foi primeiramente a Ásia, antes da Primeira Guerra Mundial, tendo sido posteriormente “redescobertos” outros continentes, como a África e a América Latina (Lisboa, 2013: 69).

Diferentemente do que ocorreu noutros momentos, o exotismo do início do século XX revela a fascinação estética e a simpatia pelo estrangeiro enquanto desnuda ao mesmo tempo um processo de desilusão desencadeado pela consciência de se estar vivendo num mundo “descoberto” e europeizado, lembrando o dilema sobre o qual Claude Lévi-Strauss reflete ao referir-se ao fim das “verdadeiras viagens” (idem: 70).

Gostaria de ter vivido no tempo das *verdadeiras* viagens, quando um espetáculo ainda não estragado, contaminado e maldito se oferecia em todo o seu esplendor; (...) Cada lustro para trás permite-me salvar um costume, ganhar uma festa, partilhar uma crença suplementar. Mas conheço bem demais os

textos para não saber que, me privando de um século, renuncio simultaneamente a informações e a curiosidade dignas de enriquecer minha reflexão. (...) No final das contas, sou prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo, confrontado com um prodigioso espetáculo do qual tudo ou quase tudo lhe escapava – pior ainda, inspirava troça e desprezo -, ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida (Lévi-Strauss, 2000: 39-40).

A questão abordada pelo pensador francês consiste num dilema que tem relação ao facto de que o século XX foi o período em que as viagens se massificaram e passaram a ser mais acessíveis, com as novas tecnologias de transporte, como o automóvel e o avião. O historiador Henrique Carneiro define no seu artigo sobre o imaginário das viagens que “existem basicamente dois tipos de viagem: as voluntárias e as forçadas” e que esses dois tipos sempre existiram concomitantemente, em especial a partir do século XIX, quando se vivenciou, nas palavras de Hobsbawm, “a maior migração de massas da história até aquela data” (Hobsbawm, 1995: 122, citado em Carneiro, 2001: 228). As duas guerras mundiais e as centenas de guerras da segunda metade do século XX multiplicaram ainda mais os deslocamentos humanos forçados. Porém, também foi um momento em que se pode vivenciar um aumento das viagens voluntárias, principalmente favorecidas pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, o que caracteriza a própria noção de modernidade. O autor destaca que o direito a viajar livremente é muito recente e que o número de pessoas que transitam pelos lugares por opção de prazer ou de conhecimento aumentou vertiginosamente no último século (Carneiro, 2001: 228-229).

Esse é o cenário em que a Historiografia passa por uma significativa mudança de paradigma, que vai impactar as ciências sociais como um todo e, mais particularmente, a forma de se perceber as fontes historiográficas e os métodos para se explorá-las, atribuindo-se diferente valor aos relatos de viagem a partir do início do século XX (Burke, 1997: 89). Um importante elemento, que até então era ignorado, passou a ser também considerado: o universo cultural do viajante, “uma vez que suas opiniões e julgamentos apontavam mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado” (Junqueira, 2011: 45).

Pode-se perceber que os relatos de viagem constituem um tipo de obra de grande riqueza, passíveis de serem analisados sob diversos prismas, seja, por exemplo, com relação ao seu papel como fonte historiográfica, com relação às informações que trazem das culturas envolvidas, tanto do observador, quanto do observado, ou mesmo com relação às

várias formas em que se materializam. Portanto, é muito oportuna uma reflexão sobre como tais viagens são relatadas e também sobre como essas obras são estudadas pelos investigadores das áreas da literatura e dos estudos culturais.

1.2. Definição e elementos da literatura de viagens

A partir do novo paradigma acima referido, os relatos de viagem tornaram-se objeto doutra área à qual sempre estiveram ligados, mas até então numa forma não sistemática: a Literatura. Entendiam-se os relatos de viagem como meras descrições factuais do encontro com o outro, como textos com finalidade imediatista, sem pretensão estética, e assim, desinteressantes do ponto de vista da literatura. (Brenner, 1990: 468)⁵

Ao tratar do facto de que nem todos os textos de viagem pertencem à categoria literatura, Gonçalo Vilas-Boas afirma que “o que distingue o literário do não literário é o trabalho de linguagem, de construção narrativa, a relação do sujeito enunciador com o enunciado”. A título de exemplo, cita os guias de viagem, que existem desde o século XIX, como a série alemã de guias *Baedeker*, que classificava monumentos mas não tinham a pretensão de ser obras literárias e tampouco eram considerados como tal, ocorrendo o mesmo com muitos textos de viagens publicados em jornais e revistas. O autor ressalta que o modo de publicação é um elemento fundamental para a atribuição de valor literário para escritos (Vilas-Boas, 2015: 11).

Em *Postigos para o mundo. Cultura turística e livros de viagens na República Democrática Alemã (1949-1989/90)*, Mário Matos resume os principais fatores que levaram a que, na segunda metade do século XX, o fenómeno da viagem e, respetivamente, suas múltiplas formas de representação textual se tornassem objetos de estudo numa subárea das ciências literárias e culturais de grande produção académica. Isso se deve, principalmente a uma “intensa reconsciencialização dos ideais humanistas e universalistas” e ao “surto de mobilidade internacional” decorrente do intenso desenvolvimento das infraestruturas turísticas e dos meios de comunicação (Matos, 2010: 59).

Além de tais fatores, outro aspeto que contribuiu para que surgisse essa área de investigação em torno da literatura de viagens (*Reiseliteraturforschung*), consiste nas diversas reorientações teóricas e metodológicas dentro da Germanística: o gradual despreendimento dum conceito tradicional de literatura baseado em cânones classicistas e

⁵ Para uma perspectiva da problemática da história do género, ver o estudo de Peter J. Brenner (1990).

numa estética purista. Segundo Brenner, tais reorientações encontravam-se dentro dum movimento mais global, progressivamente inserindo os conteúdos nos estudos comparados das literaturas, ampliando os paradigmas dos estudos das Humanidades. (*idem*: 61)

É importante ressaltar a profundidade da mudança do enfoque dado aos relatos de viagem. Não apenas os fatores que condicionam a escrita dos autores de tais relatos passaram a ser levados em consideração e a ter papel de destaque na análise das obras. Nessa área de estudo, que transpõe as tradicionais fronteiras disciplinares, devem-se levar em conta o diálogo com outras áreas do saber e a heterogeneidade de textos que compõem este género literário.

Podemos afirmar que existe uma grande dificuldade de construir um modelo unificador para enquadrar a diversidade de abordagens do género literatura de viagem principalmente devido à sua referida heterogeneidade e à disparidade teórica e metodológica adotada pelos vários investigadores que se debruçam sobre o tema. Isto fica evidente já mesmo quando se analisa o termo utilizado para rotular o género. Há investigadores que utilizam a denominação “literatura de viagem” (Lisboa, 2012; Junqueira, 2011) outros, “literatura de viagens” (Clara, 2007), enquanto outros adotam “escritos de viagem” (Thompson, 2011), “livros de viagem” ou “narrativas de viagens” (Matos, 2010). Apesar de tais termos serem usados no presente trabalho, duma forma geral, será adotado o termo “literatura de viagens” para referir-se a essa área de estudo.

Outro ponto importante de reflexão sobre as indefinições do género diz respeito ao seu carácter híbrido e à dificuldade de se estabelecer com clareza os seus limites e fronteiras.

1.2.1 Género híbrido

Na sua obra *Travel Writing*, Carl Thompson apresenta, no primeiro capítulo, algumas perguntas essenciais para a discussão quanto à definição do género: todas as formas de escritos decorrentes duma experiência de viagem podem ser classificadas como escritos de viagem? Meras listas ou catálogos de informações, por exemplo, devem ser excluídos da definição do género? Quais critérios podem ser utilizados para incluir ou excluir obras no género? (Thompson, 2011: 10-11).

Da mesma forma que muitos são os tipos de objetivos e motivações das viagens, também diversas são as formas que os relatos de viagem tomam no decorrer dos tempos. Esses podem estar materializados como estudos científicos, romances, poemas, cartas, diários ou mesmo, mais recentemente, como reportagens e documentários jornalísticos, quer textuais quer audiovisuais, apenas para citar alguns exemplos.

Literatura de viagens é um rótulo abrangente, bastante vago, que abarca uma gama muito diversificada de textos. Thompson afirma que o género sempre manteve uma relação complexa e confusa com vários outros géneros, com os quais vincula-se intimamente ou, na verdade, se sobrepõe, tais como a autobiografia, a etnografia, os estudos das ciências naturais e a ficção (*idem*: 11). O carácter híbrido do género diz respeito não apenas à sua diversidade formal, mas também ao amplo espectro de temas e tons abarcados na categoria. Ou, noutras palavras, “a literatura de viagens constitui um complexo campo discursivo no qual o *tema* da mobilidade mental e física está ligado, dum modo inextrincável, à sua *forma* de representação” (Matos, 2013:18).

Assim, percebe-se o quão complexa é a discussão e a caracterização dessa área de investigação. Fernando Clara, em *Mundos de Palavras* (2007) parte das indefinições sobre a literatura de viagem para chegar às definições e faz apontamentos importantes.

Quanto às indefinições, Clara afirma que a multiplicidade e a heterogeneidade dos textos e dos autores constituem um sério obstáculo tanto à formalização duma definição como ao surgimento dum campo de estudo que se dedique à literatura de viagem. Também o tempo e o espaço da produção e da receção dos textos são fatores decisivos nas formações de consensos das teorias sobre o género. Primeiramente, sobre a produção, Clara acredita que “aquilo que a literatura de viagens é, para uma dada comunidade nacional,

depende mais ou menos directamente da produção própria - e das épocas de produção - de textos desse género existentes no âmbito dessa comunidade” (Clara, 2007: 13).

A respeito da receção dos textos, ou seja, a produção dos discursos críticos e analíticos sobre a literatura de viagens, o momento e o local em que isso ocorre são importantes fatores de “deformação” do objeto de estudo. Tal se dá porque significativas marcas do espaço e do tempo encontram-se presentes e “frequentemente convergem e se cristalizam em atitudes e perspectivas nas quais a identidade nacional do observador desempenha um papel absolutamente primordial” (*idem*: 14).

Quanto a esse aspeto espacial, Ottmar Ette (2001: 24-25) defende que o fascínio que os relatos de viagem exercem sobre os mais diversos estratos sociais se baseia fundamentalmente nos movimentos de compreensão do espaço. Os relatos de viagem concretizam a dinâmica entre o saber e a ação dos seres humanos, entre o conhecimento prévio e o desconhecido, entre os locais de leitura, de escrita e os locais relatados. A compreensão é apresentada como um processo fechado – mas aberto ao leitor. Cada relato de viagem apresenta aos seus leitores modelos de compreensão facilmente assimiláveis, evidenciando a sua dimensão espaço-temporal. O relato de viagem é um modelo encenado de experiência que visa a assimilação de modos de percepção de elementos culturais estrangeiros e não primariamente dos próprios elementos (*idem*: 3-4). A esse respeito, Gonçalo Vilas-Boas afirma que nesse género, “os espaços são vividos sempre de modo relacional: a qualidade da observação faz com que um viajante veja esse outro espaço a partir do seu, podendo esta relação ser mais ou menos forte” (Vilas-Boas, 2015: 11). Na leitura das obras de literatura de viagens, o relevante é o texto em si e não os aspetos factuais.

É preciso considerar que o relato de viagem é um género “tradutológico”, segundo Ottmar Ette, pois cada experiência individual é transposta para o domínio coletivo de conhecimento (ou minimamente é com ele relacionada) e também porque as formas de expressão do Outro têm de ser traduzidas para a linguagem do Próprio. Para este investigador, o conceito de tradução aqui vai além do tradicional aspeto linguístico, abrangendo também uma tradução sociocultural.

É por conta dos aspetos acima discutidos que Clara defende que toda definição de literatura de viagens é uma ficção que remete para o seu autor e para o seu público, com a

interferência das características próprias do tempo e do espaço. Resumindo, para se definir literatura de viagem é necessário perguntar-se não apenas “o que”, mas “o que para quem”.

Clara faz uma importante reflexão sobre os riscos de se fazer definições, chegando, finalmente, a uma definição mínima: literatura de viagem = literatura + viagem.

(...) Aquilo a que se chama <literatura de viagens> depende daquilo a que, *para* um determinado tempo e espaço, se chama <literatura>; depende, por outro lado, daquilo que, *num* determinado tempo e espaço, caracteriza a <viagem>; e depende ainda, finalmente, do *modo como* a <literatura> e a <viagem> convergem ou se articulam entre si num determinado tempo e espaço, transformando-se em <literatura de viagens> (Clara, 2007: 19)

No mesmo sentido, muitos outros estudiosos da área, como Thompson e Brenner, ao se dedicarem à definição do campo de estudo procuram identificar quais são os elementos caracterizadores mínimos, tendo em vista a diversidade formal e as ténues fronteiras do género.⁶ O traço em comum entre todas as variadas e possíveis categorias consiste em serem basicamente narrativas extensas em prosa, divididas em capítulos, que podem contar com material ilustrativo (gráfico ou visual), mas que são sempre elementos secundários na obra (Thompson, 2011: 14). Podem também ser definidos como representações escritas de viagens, descrições factuais do encontro com o outro ou uma “descrição narrativa duma jornada real” (Brenner, 1990: 468).

Desta forma, mais do que se buscar uma definição de literatura de viagem, o referencial teórico apresentado acima ajuda a perceber a complexidade e a fluidez do tema e as inúmeras discussões subjacentes a esse género transfronteiriço.

1.2.2. Fatores intra e extratextuais

Há dois aspetos sempre presentes na literatura de viagem, de acordo com Fernando Clara: a dupla materialidade e o conhecimento do Outro. Esse segundo aspeto será analisado em detalhes mais adiante, quando tratarmos das questões de identidade e

⁶ A respeito da definição de literatura de viagens, Mário Matos (2010) faz uma análise detalhada de alguns autores como Manfred Link (1963), Zlatko Klátik (1969) ou Joseph Strelka (1971 e 1985) que buscaram “elaborar definições tipológicas e classificações taxativas de contornos rígidos” acabando por “reproduzir a obsoleta dicotomia categorial autenticidade *versus* poeticidade ou facto *versus* ficção” e desconsiderar “os múltiplos factores extra-literários de género, como a historicidade social e as convenções culturais e discursivas” em que a literatura de viagem se insere. Por outro lado, Matos cita outros dois estudos, de Hans-Joachim Possin (1972) e William E. Stewart (1978), que podem ser considerados mais inovadores, visto que conseguiram ultrapassar a mencionada tradicional dicotomia de realidade *versus* ficção e/ou artístico *versus* utilitário. Vale destacar que o primeiro investigador propõe-se a considerar qualquer relato de viagem como um texto ficcional e o segundo, pelo contrário, considera o relato de viagem como um género factológico, mas determinado e regido por convenções intra e extratextuais (Matos, 2010: 62, 65-66).

alteridade. Interessa-nos agora examinar a dupla materialidade - extratextual e intertextual – da literatura de viagens.

A materialidade extratextual consiste na presença indelével de elementos externos, que contribuem para constituir a própria essência do texto. A literatura de viagens remete o leitor para “fora”, para questões espaço-temporais relativas ao momento da produção e receção da obra:

Trata-se de uma força centrífuga fundamental que marca toda a literatura de viagens, devendo todavia sublinhar-se que esse fora do texto é essencialmente (re)criado e (re)constituído dentro do próprio texto, proporcionando-lhe o enquadramento que se afigura absolutamente necessário e indispensável à sua própria existência e legitimação” (Clara, 2007: 19).

Noutras palavras, a extratextualidade pode ser compreendida como os fatores externos que influenciam o olhar do escritor e a própria escrita. O texto é em parte resultado de fatores ligados a fenómenos sociais, históricos, étnicos e culturais (Cabete, 2010: 93). A historiadora Mary Anne Junqueira lista quais seriam esses fatores extratextuais a serem considerados aquando da análise dum relato de viagem: o universo cultural do viajante e seu “lugar de enunciação”, o período em que se escreveu e publicou o texto e a forma textual escolhida (narrativa, memória, cartas, diário, etc.) (Junqueira, 2011: 47).

A segunda materialidade mencionada por Clara é a referencialidade literária, intertextual. Outros textos são “introduzidos” no relato, através de referências diretas ou indiretas que podem não ser facilmente percebidas pelo leitor. Dessa forma, a produção escrita do viajante é influenciada pelas conclusões doutros investigadores e viajantes, bem como pelo estudo de fontes doutros arquivos e bibliotecas, dialogando com tais referências. Assim compreende-se que o relato de viagem sempre se relaciona com outros textos, sejam de diferentes autores (*intertextualidade*) ou ainda do mesmo autor (*intratextualidade*) (Ette, 2001: 27).

É possível sintetizar da seguinte maneira as referencialidades que fazem da literatura de viagens um território híbrido:

O território ocupado pela literatura de viagens constitui-se, assim, como um espaço fundamentalmente <híbrido>, para onde convergem e onde se entrecruzam a referencialidade epistemológica (com textos a remeterem para a materialidade espaço-temporal dos mundos que dizem ser-lhes externos e

exteriores), a referencialidade ontológica (onde se levantam as questões identitárias dos mundos dos seus próprios produtores e dos mundos por eles produzidos) e, finalmente, a referencialidade literária (em que os textos remetem para os mundos já construídos por outros textos) (Clara, 2007: 21).

Brenner também entende que os fatores intra e extra-literários são a tal ponto fundamentais para a investigação sobre literatura de viagens que somente uma abordagem analítica do género que considere a complexidade de tais fatores, integrando questões histórico-literárias e sociais, permite chegar a uma fundamentação metodológica clara e coerente para a área de investigação (Brenner, 1990: 7).

1.2.3 Subgéneros

Assim como a definição do género apresenta subtilezas e variações, a depender do autor, veremos que a literatura de viagens apresenta, da mesma maneira transfronteiriça, diferentes classificações em subgéneros, conforme o investigador que se ocupa da questão. Cabe ressaltar que a literatura de viagens é uma categoria muito ampla que, conforme já dito anteriormente, pode compreender desde um tratado científico até um diário pessoal. Por isso, ao analisar uma obra de literatura de viagens é sempre importante ter em mente de que subcategoria específica se está a tratar, ainda que as fronteiras entre os subgéneros sejam também fluidas, como são os limites do género.

Apesar de os limites que separam os escritos de viagem (terminologia usada por ele) dos outros géneros literários serem difíceis de se estabelecer com clareza, a distinção entre os diferentes modos e subgéneros específicos, dentro do género maior, é um pouco mais evidente e tem muito a ver com a presença da dimensão subjetiva autobiográfica do narrador e com uma questão crucial para a literatura de viagens: a distinção entre facto e ficção.

É possível compreender os subgéneros dentro dum amplo espectro que vai desde o extremo subjetivismo como, por exemplo, um livro de memórias ou um diário íntimo de viagem até um extremo objetivismo que procura apresentar factos sobre o mundo, sem mediação narrativa assente em estratégias literárias, como fazem alguns tipos de guias turísticos (Thompson, 2011: 99). O autor alerta que cada subgénero tem a sua história, as suas convenções retóricas e o seu papel na cultura mais ampla da qual faz parte, sendo importante dar a devida atenção a essas tradições específicas dos subgéneros para não interpretar as diferentes formas de escritos de viagem de maneira inadequada ou anacrónica (*idem*: 26-27).

Fernando Cristóvão (1999) propõe uma tipologia de carácter temática repartida em cinco itens principais: viagens de peregrinação; viagens de comércio; viagens de expansão; viagem erudita, de formação ou de serviço e viagens imaginárias. Apesar da tipologia proposta por tal autor ter como foco específico a literatura portuguesa, não há dúvida que se trata de categorias de análise úteis para a literatura de viagens em geral, independentemente do país de produção.

As profundas transformações ocorridas nos séculos XIX e XX na prática das viagens e, conseqüentemente, na literatura de viagens levaram a uma fragmentarização do género

tradicionalmente “indiferenciado” em subgéneros direcionados a públicos distintos, com funções diferenciadas, de acordo com Mário Matos (2010). Para o autor, que também ressalta que as fronteiras traçadas entre os subgéneros não são estanques, é possível estabelecer uma quadripartição do género, pelo menos para fins esquemáticos: o relato de viagem de índole científica; a narrativa de viagem literária; a reportagem de viagem, muito presente em jornais e revistas, e atualmente em *blogs* e nas redes sociais e, por fim, o guia de viagem, pragmático, com o propósito de orientação das pessoas nos seus momentos de lazer. Há de se notar ainda os recentes fenómenos de “áudio-visualização” e “hipermediatização” das experiências de viagens que possibilitaram maior subjetivismo aos relatos de viagens atuais, por terem menor relevância no fornecimento de informações factuais (Matos, 2010: 81).

1.2.4 Facto e ficção

Ao iniciar a leitura dum livro de viagens é certo que o leitor possui, numa forma geral, a expectativa de que os factos ali relatados sejam verdadeiros. O narrador em primeira pessoa é o responsável por essa sensação, pois em grande parte dos relatos, os autores viajantes se afirmam testemunhas oculares, que vivenciaram as experiências ali relatadas.

Com isso, imaginamos que seja possível conhecer um outro lugar sem sair de casa, acreditando que o autor viajante já fez essa viagem por nós. Nos dias atuais, não apenas por meio dos livros impressos, mas mais do que nunca, com o acesso à internet, a leitura de literatura de viagens pode substituir o ato de viajar, com uma vasta gama de estilos e géneros disponíveis. A leitura poderia assim, segundo Ette, marcar o fim das viagens enquanto experiência no espaço geográfico (Ette, 2001: 42).

No entanto, ao se tratar dos escritos de viagens, uma questão presente é: em que medida o que há no texto é mesmo verdade ou não? É possível mensurar a veracidade dum relato? Tal inquietação teórica sempre esteve presente, mas as correntes mais recentes abordam a questão de forma integrativa, não colocando facto e ficção de maneira oposta, dicotómica e antagónica, a evidenciar assim, mais uma característica transfronteiriça do género. Devemos considerar que o relato de viagem assimila tanto os padrões de leitura ficcionais quanto os não ficcionais e que uma divisão entre o “fictício” e a “conformidade com a realidade” torna-se obsoleta (Ette, 2001: 47-48; Matos, 2010: 51).

É importante ponderar que o relato de viagens está intrinsecamente ligado ao leitor, às suas expectativas de verdade, e depende das relações do relato com os pressupostos e as convicções coletivas do que é tido por verdadeiro, o que varia a depender do momento histórico. Muitos textos que hoje são tratados como literatura ficcional já foram anteriormente lidos como relatos de viagem e vice-versa, ou seja, situações de relatos “factuais” que foram interpretados como ficções. Existe um pacto, cultural e historicamente estabelecido, entre leitores e autores que determina o que é exetável em termos de verdade quanto ao conteúdo do texto (Ette, 2001: 37).

É frequente que o texto escrito por um viajante contenha detalhes que não podem ser confirmados, seja por meio doutras testemunhas ou de qualquer outra forma. Assim, é necessário que se estabeleça uma confiança do leitor em relação ao autor. Esse pressuposto da confiança, porém, muitas vezes resulta no efeito oposto, fazendo com que os leitores desenvolvam um certo ceticismo, pois têm consciência de que o autor viajante pode se valer da sua posição privilegiada para alterar detalhes ou mesmo criar situações totalmente ficcionais. Em decorrência disso, ao longo dos séculos, é um lugar-comum frequente a associação entre viajantes e mentirosos (Thompson, 2011: 65).

A perspectiva atual na investigação da área compreende que na literatura de viagens, assim como na literatura em geral, a função poética é elemento fundamental. Alfred Opitz, em *Reiseschreiber*, cita Georg Foster no sentido que o autor deve se ocupar do que interessa ao seu coração e à sua razão, em detrimento duma descrição de objetos e locais que se pretenda factológica:

Der Preis, den die Hypostasierung subjektiver Erkenntnisorgane wie “Herz” und “Gemüt” im Reisebericht erfordert, ist eine kaum vorauszusehende Varianz der Rezeptionsmöglichkeiten. Wenn der emotionale Gleichklang bei der Lektüre allerdings funktioniert, vermittelt er ein Ausmaß an Vergnügen, das der faktologische Reisebericht nicht erreichen konnte (Opitz, 1997: 37-38).

Noutro enfoque sobre a mesma questão, Carl Thompson afirma que os escritores de viagens têm de se equilibrar entre dois papéis diferentes e potencialmente conflituosos: o de repórter, ao procurarem transmitir com precisão a informação adquirida através das viagens, e o de contador de histórias, ao procurarem manter o interesse do leitor e apresentar a informação de forma agradável ou de fácil compreensão. Conclui que, por

conta disso, a distinção entre "ficção" e "não-ficção" na escrita de viagens não é tão clara e estanque (Thompson, 2011: 27).

No que diz respeito ao papel de repórter, algumas estratégias de factualização são usadas pelos autores de literatura de viagens para criar um efeito de realidade, tais como a já citada utilização da primeira pessoa na narrativa, a citação de autores e investigadores teóricos sobre os temas discutidos, a utilização de imagens, mapas, figuras, as “declarações de presença” (“eu estive lá”) e o discurso indireto livre (*idem*: 28-29).

Um dos principais recursos utilizados na narrativa viática para o convencimento do leitor quanto à veracidade do relato consiste na utilização de muitas descrições, com um considerável nível de detalhes. Trata-se de recurso para criar o “efeito do real”, nas palavras de Roland Barthes. O autor francês desenvolveu tal conceito ao tratar das obras do realismo literário e explica que, a partir do realismo, os detalhes (como, por exemplo, objetos presentes em ambientes) passaram a ser inseridos nas obras literárias não mais como signos, para significar algo, mas simplesmente para atestar a sua presença. É isso que provoca no leitor o efeito do real. Apesar de ter sido formulada em relação ao realismo, constitui uma categoria epistemológica de grande valia para a análise da literatura de viagens, por explicar o mesmo recurso que é usado por muitos autores viajantes.

Por fim, Ottmar Ette estabeleceu o conceito de “friccionalidade”, que deixa muito claro o hibridismo tão marcante na literatura de viagens e a interrelação e a amálgama entre facto e ficção no género. O investigador parte dum estudo pioneiro de Gérard Genette, que apresenta uma distinção entre literatura de ficção e literatura de dicção. A primeira seria essencialmente marcada pelo carácter imaginário dos seus objetos. Por outro lado, a literatura de dicção é marcada por qualidades formais. No entanto, tais categorias não são aplicáveis aos relatos de viagem, pois a dimensão do imaginário não pode ser atribuída a esse género textual e as qualidades formais (que constituem a essência da literatura de dicção) não são tão claras nos textos viáticos, conforme visto na seção “Género híbrido” acima. Assim, para Ette, o relato de viagens caracteriza-se por uma peculiar oscilação entre ficção e dicção, saltando duma para outra, impedindo ao investigador proceder a uma atribuição categórica. A literatura de viagens é, portanto, uma área literária que dissolve as tradicionais fronteiras entre o relato factual e a criação ficcional, podendo ser chamada de literatura friccional (Ette, 2001: 48).

1.2.5 Cariz autobiográfico da literatura de viagens

Pelo que vimos até agora a respeito do carácter transfronteiriço dos escritos de viagem, foi possível perceber que um dos traços caracterizadores da literatura de viagens contemporânea se relaciona com o cunho autobiográfico ou memorialista que o narrador-viajante empresta ao relato, na medida em que a apresentação da sua vivência e subjetividade assumem um papel essencial. Consequentemente, o “eu” que conduz a narrativa fica em primeiro plano, assumindo uma dimensão intimista, que parece coincidir com o eu do autor.

Grande parte das investigações que tratam do carácter autobiográfico, subjetivo e memorialista da literatura de viagens tendem a tratar desse aspeto de forma bastante relacionada à questão facto/ficção. Tais análises consideram a subjetividade um fator preponderante, sendo que os leitores são expostos não apenas aos lugares que foram visitados pelo autor viajante, mas também à “resposta do autor àquele lugar, e às suas impressões, pensamentos e sentimentos”. Ao distinguir entre guias e livros de viagem Thompson afirma que nos segundos certamente vamos encontrar o autor e a sua sensibilidade e o seu estilo distintivos (Thompson, 2011: 14-15).

Outro eixo de análise muito explorado pelos investigadores que tratam do aspeto autobiográfico dos relatos de viagem, no mesmo sentido das ponderações sobre facto e ficção, concerne à discussão sobre a memória do autor/viajante. Ou seja, em que medida é possível confiar na memória do narrador? Um argumento recorrente utilizado para por em xeque a fidedignidade do relato é o de que a memória é incompleta, fragmentada, ocorrendo uma dissolução do sujeito da narrativa. Esse fenómeno psíquico é ainda agravado nos relatos de viagem, devido à distância temporal e ao afastamento físico. (Soares, 2018: 58).

Sobre esse distanciamento físico e temporal, Mary Anne Junqueira afirma que fatores extratextuais, tais como o período da vida do autor em que o relato foi escrito e a distância temporal em relação da experiência de viagem devem ser considerados quando se estuda um texto viático, pois o “relato de viagem nem sempre trata daquilo que o viajante viu, na hora em que viu e como as coisas se deram.” (Junqueira, 2011: 49). Portanto, é possível perceber que os fatores extratextuais interferem diretamente na subjetividade, na memória do escritor e na interpretação do leitor. Além disso, a historiadora adverte que, antes de qualquer interpretação sobre um relato de viagem, o investigador deve questionar quem é o

escritor que está por trás da figura do viajante-narrador ou quem “ele quer ser”, considerando que “em muitos casos o autor pode sobrepujar esta ou aquela experiência ou carregar nas tintas sobre determinados perigos, no intuito de ressaltar suas qualidades e reputar a sua experiência em lugares distantes de casa” (*idem*: 46).

Outro autor que também enfatiza o caráter seletivo da memória é Gonçalo Vilas-Boas, que compreende essa seletividade como fator de interferência no teor autobiográfico do relato, abrindo espaço para a expressão da ficção. Nas palavras do autor, “pretende-se mostrar a vivência no seu imediatismo, mas ficamos só pela memória da vivência, não imediata. É neste processo de selecção e escrita que a ficção pode sub-repticiamente ou conscientemente entrar” (Vilas-Boas, 2014: 52).

Em que pesem todas essas análises, Alfred Opitz faz uma oposição contundente às abordagens geralmente feitas pelos investigadores em relação à questão autobiográfica nos relatos de viagem e propõe um olhar mais crítico, no livro *Reiseschreiber*. Neste trabalho faz uma distinção entre o viajante (social) e o autor (medial) e alerta que sempre se deve ter em mente essas categorias ao se analisar um escrito de viagens. O investigador afirma que o narrador e o viajante são diferentes personagens criadas pelo escritor, ao qual, enquanto figura dum género, se podem atribuir experiências e vivências cada vez mais complexas. Apesar de, na maioria das vezes, o autor legitimar essa figura artística com o seu próprio nome e a sua própria existência, o leitor não pode desconsiderar essa fundamental diferença, pois a frequente equiparação entre o viajante (social) e o autor (medial) é falaciosa. Opitz aconselha a utilização do termo “viajante literário” em itálico, para diferenciá-lo do autor como produtor do texto. (Opitz, 1997: 10).

Para concluir as reflexões sobre o (pretense) aspeto autobiográfico, Matos alerta que desconsiderar essa abordagem recomendada por Opitz, na qual os recursos e mecanismos literários de criação e tessitura do texto são postos em relevo, resulta numa leitura, receção e análise ingénuas do relato de viagem. Corre-se o risco de proceder a uma análise pseudocientífica especulativa centrada na “pretensa sensibilidade sensorial e estética, o talento artístico-literário e a integridade, soberania e autonomia da figura mítica do escritor-viajante” (Matos, 2010: 87).

1.2.6 Alteridade

Mais um aspeto sempre presente nos escritos de viagem, sejam eles de qualquer época ou subgénero, é o encontro com o “outro”, sendo o principal foco de discussão as semelhanças e as diferenças existentes, ou mais especificamente, uma negociação entre alteridade e identidade. Assim, uma possível definição de viagem é ser a negociação entre o “eu” e o “outro” que é resultado do movimento num espaço determinado (Thompson, 2011: 9). Fernando Clara ressalta que na própria tentativa de definição e de descrição dos “outros” observados, é inevitável que se revele o “eu” do autor. Sendo assim, a descrição e a definição duma cultura observada sempre dependerá do seu observador, revelando mais uma característica da literatura de viagens: de “mútuas interdependências” (Clara, 2007: 20). Clara conclui o seguinte sobre as regularidades deste género de literatura:

O território ocupado pela literatura de viagens constitui-se, assim, como um espaço fundamentalmente <híbrido>, para onde convergem e onde se entrecruzam a referencialidade epistemológica (com textos a remeterem para a materialidade espaço-temporal dos mundos que dizem ser-lhes externos e exteriores), a referencialidade ontológica (onde se levantam as questões identitárias dos mundos dos seus próprios produtores e dos mundos por eles produzidos) e, finalmente, a referencialidade literária (em que os textos remetem para os mundos já construídos por outros textos) (*idem*: 21).

1.3. A imagologia

O investigador do campo da literatura de viagens costuma ter como principal objeto de estudo o olhar que um viajante direciona para o “Outro”, que é um sujeito duma diferente nação e possui determinados hábitos culturais diferentes daqueles do viajante. Ao descrever o que é diferente, o viajante explica, caracteriza e, muitas vezes, rotula o país ou o povo que conheceu, mas também acaba por deixar transparecer a sua própria identidade.

Joep Leerssen, em “Imagology: history and method”, afirma que a tendência de atribuir características específicas a diferentes sociedades, raças ou nações é muito antiga e difundida. O registo padrão dos contactos dos humanos com diferentes culturas é etnocêntrico, na medida em que qualquer coisa que se desviasse dos padrões habituais era “alterizado” como uma esquisitice, uma anomalia, uma singularidade. Tais registos etnocêntricos da diferença cultural assentam na noção de que, assim como as pessoas, cada diferente nação tem as suas peculiaridades e o seu carácter específicos (Leerssen, 2007: 18).

A análise dos textos literários sob o prisma da imagologia, campo de investigação que se ocupa das formas pelas quais tais representações do Outro são manifestadas, possibilita o aprofundamento da reflexão a respeito das imagens culturais presentes na literatura. O objeto de estudo da imagologia literária são os imagotipos, ou seja, as formulações representativas de mentalidade e cultura de pertença ou estranhamento a determinada identidade. O discurso literário, ao mesmo tempo que é veículo da conceção imagológica existente, também reconfigura as identidades, sob a forma de atitudes, estereótipos, preconceitos, clichés, anedotas, lugares-comuns e outros traços do esboço identitário formado pelos imagotipos referenciais. Sendo assim, a imagologia literária não se restringe meramente à análise do conteúdo textual, mas abrange o campo mais vasto das produções culturais em geral (Campinho, 2018: 27).

Segundo Celeste Sousa, a imagologia

é uma área do saber que investiga imagens de nações e ou de povos ou de grupos, veiculadas em textos literários (poéticos, de história da literatura, de crítica literária e respectivas traduções). Hoje a Imagologia, tendo expandido seu alcance e, dado o fato de que possui objeto e método próprios, pode mesmo ser considerada uma disciplina, que alcança o exame de imagens de países, de povos e de grupos em quaisquer textos escritos (de antropologia, de etnologia, de história, de sociologia, de jornalismo, de política, de psicologia, de didática de língua estrangeira etc.) (Sousa, 2011: 172).

A mesma autora afirma que a imagologia não tem como tarefa descobrir novos perfis nacionais nem perguntar pelos caracteres nacionais, mas procura alcançar e analisar as configurações das imagens, o modo como elas se estruturam, assim como estudar a sua evolução e o seu efeito na literatura. A imagologia “também pretende contribuir para esclarecer o papel que tais imagens literárias desempenham no encontro de culturas” (Sousa, 2004: 70).

Portanto, podemos perceber que a imagologia busca compreender um discurso e não uma sociedade (Leerssen, 2007). A análise de obras literárias demonstra que as caracterizações nacionais são predominantemente construídas por intermédio de sentidos comuns e clichés e pouco por observações empíricas ou constatações factuais. São objetos de estudo relevantes para a imagologia as imagens que caracterizam o “outro” (heteroimagens) e as que caracterizam a sociedade de origem da obra (autoimagens). Para a imagologia interessa a tipologia das caracterizações e dos atributos, sua utilização corrente e

sua implantação retórica. A imagologia possibilita também identificar a utilização do discurso e das imagens pelos países para lhes conferir legitimidade, principalmente pelos países que foram colonizados, fortalecendo-os no mundo globalizado. A esse respeito, a afirmação de Hugo Dyserinck é esclarecedora:

Die Untersuchung des literarischen 'Bildes vom andern Land' (sowohl durch Konfrontation mit der Wirklichkeit als durch Aufspüren der geistesgeschichtlichen Prozesse, in denen das betreffende Bild wurzelt, usw.) könnte überhaupt in hohem Maße zur weiteren Entideologisierung der Methoden der Literaturwissenschaft beitragen (Dyserinck, 2015: 57).

Joep Leerssen traça um panorama elucidativo sobre a evolução da história e dos métodos da imagologia nos estudos literários. O autor defende que desde antes de esse novo ramo do conhecimento estar formalmente estabelecido, estava presente o impulso classificatório de relacionar as diferenças culturais com os estereótipos étnicos, o que levaria a uma sistematização nacionalista de estereótipos étnicos e conhecimento anedótico sobre "maneiras e costumes" (Leerssen, 2007:17). É um período que ele denomina "pré-história", objeto duma arqueologia da imagologia, que investiga esse impulso de se classificar os padrões culturais e sociais em categorias nacionais.

Um outro momento importante para a história da imagologia foi o surgimento da Literatura Comparada nos departamentos filológicos das novas universidades do século XIX, como a Universidade Humboldt, em Berlim (Leerssen, 2007: 2). O novo conceito de caráter nacional estava vinculado à sociedade da mesma forma que se encontram vinculados o corpo e a alma num indivíduo. Disso decorre que a história literária é, portanto, uma forma de estudar o verdadeiro caráter da nação expresso em sua história cultural. A essência ou caráter da nação era totalmente determinada por estereótipos e imagens arraigadas.

É possível afirmar que até os anos 1950, a pesquisa imagológica era praticada de forma a analisar as imagens de países em obras literárias como representações coletivas de cunho histórico social. Ainda se falava sobre a "alma dos povos" e as características nacionais como um modelo explicativo.

Entre os anos 1953 e 1966 houve uma espécie de interrupção nas investigações de cunho imagológico depois das declarações de René Wellek em Congressos de Literatura Comparada (em 1953 e 1958), ao defender que o texto literário é um produto fechado em si

mesmo, que exige uma leitura “fechada”, com ênfase unicamente no próprio texto, sem se levar em conta aspetos extratextuais.

Em 1966, Hugo Dyserinck publicou o artigo “*Zum Problem der images und mirages und ihrer Untersuchung im Rahmen der vergleichenden Literaturwissenschaft*”, que é considerado um marco na história da imagologia. Nesse artigo refutou as afirmações de Wellek, de acordo com o seguinte raciocínio, apresentado por Sousa:

será que é mesmo verdadeiro que a Imagologia literária, como tal, pertence a um campo de estudos especificamente extraliterários? Será que o fato de existirem determinados aspectos da pesquisa imagológica que podem ser aproveitados por áreas além das fronteiras da literatura é razão suficiente para que os comparatistas deixem de se preocupar com ela? A reflexão de Wellek peca não só por deixar de lado os múltiplos aspectos da Imagologia que, desde sempre, têm sido computados na área de interesse da literatura, mas também por ignorar aqueles que são considerados literários até mesmo na perspectiva específica e tão cara a René Wellek, isto é, aqueles que são imanentes à obra (Sousa, 2011: 170).

Manfred Beller e Joep Leerssen, investigadores formados sob a orientação de Dyserinck, na obra *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey* (2007), apresentam cinco ensaios sobre a origem da imagologia, e, na segunda parte, fazem um primeiro levantamento em ordem alfabética, dos povos, nações e regiões cujas imagens literárias foram objeto de pesquisas.

Ao tratar dos métodos de análise duma obra literária, Leerssen relaciona alguns pressupostos metodológicos elaborados nas últimas décadas para balizar o trabalho do imagologista. São perguntas e indicações importantes para os investigadores que se dedicam ao assunto, destacando-se a seguir alguns desses principais pressupostos. O primeiro que merece atenção trata do referencial textual e intertextual. A imagologia preocupa-se com as representações de estereótipos culturais e nacionais dentro dos textos e no discurso. Assim, o referencial do imagologista é textual e intertextual e o objetivo da imagologia é entender um discurso de representação e não uma sociedade.

O segundo pressuposto consiste no facto de que as fontes para a pesquisa imagológica são subjetivas. Os imagologistas terão interesse particular na dinâmica entre as imagens que caracterizam o “outro” e aquelas que caracterizam a própria imagem. Merece também atenção o pressuposto relacionado ao intertexto. É tarefa do imagologista estabelecer o

intertexto numa determinada representação nacional como tipo imagológico. Algumas questões podem nortear o trabalho do investigador: *“What is the tradition of the trope? What traditions of appreciation or depreciation, and how do these two relate historically? To which extent is that background tradition passively or actively echoed or reinforced, varied upon, negated, mocked or ignored by individual instance in question?”* (Leerssen, 2007: 29).

A respeito da contextualização afirma que o imagotipo deve ser contextualizado dentro do texto de sua ocorrência. Deve-se perguntar qual é o género textual em análise, sendo também necessária uma contextualização histórica. Além disso, deve-se perguntar também qual é o público alvo do texto e como estão a retórica e a implantação dos imagotipos nacionais voltados para esses leitores. O investigador tem disponíveis informações sobre como se deu a receção e o impacto da obra que apresenta os imagotipos?

Para finalizar esta referência aos principais pressupostos que merecem atenção, Leerssen afirma que é preciso ser cuidadoso ao avaliar os clichés nacionais de diferentes perspectivas, pois eles podem aparecer de maneiras diferentes e até mesmo opostas. Por exemplo, a Alemanha dos poeta-filósofos e a Alemanha dos tecnocratas tirânicos, são duas faces do mesmo traço atribuído à Alemanha: a propensão à abstração sistemática. Ou então, no caso da Irlanda, considerado um país distante da noção de realismo razoável, isso pode aparecer negativamente como a Irlanda violenta sem sentido e, positivamente, a Irlanda do sentimento poético (Leerssen, 2007: 26-29)

Em vista do referencial teórico da imagologia apresentado, é possível perceber o quanto os relatos de viagens sobre o Brasil, desde a sua “descoberta” pelos portugueses, dizem muito sobre o novo país, mas também e especialmente sobre os países e culturas dos viajantes que se ocuparam da descrição sobre as novas terras na América.

Desde os primeiros anos da chegada de Cristóvão Colombo à América, afirma Peter Mason, a representação dos ameríndios funda-se numa dicotomia: selvagens nobres ou ignóbeis. Essa visão dicotômica do “selvagem” vem desde a filosofia de Hobbes em oposição à de Rousseau, a filmes como os de Indiana Jones, passando por obras como *O Mundo Perdido* de Conan Doyle e *Tristes Trópicos* de Claude Lévi-Strauss (Mason, 2007: 86).

As primeiras mudanças na forma de se perceber a América Latina ocorreram no período barroco, com o Iluminismo e as disputas filosóficas a respeito do Novo Mundo. Nessa época também, o interesse por relatos de viagem foi de certa forma substituído por

uma literatura mais imaginativa, narrativa e criativa. No século XIX, explorações científicas, tráfego de comércio e a emigração europeia contribuíram para um conhecimento mais detalhado da América Latina, mas que também sofreu ao mesmo tempo influência dum exotismo romântico de literatura de autores britânicos, franceses e russos. Como muitos dos contos de aventura exóticas eram situados noutros continentes, a América Latina era vista sob esse prisma (Abiada, 2007: 209).

Desta forma, a imagologia funciona como um duplo espelho, que reflete não apenas o país ou sociedade que é objeto da obra, mas também aquele que a produz. Além disso, apesar de a imagologia, como dito, ter por objeto o discurso e não a sociedade, não há dúvida que, de forma reflexa, evidencia também características mais ou menos verdadeiras das sociedades em questão. No entanto, essa distinção não é de fácil percepção, pois quando as obras são lidas pelo leitor médio, sem conhecimento da complexidade dos fenómenos envolvidos, as imagens doutros países podem ser recebidas como retratos fiéis das culturas em questão. Sendo assim, a literatura pode ser fonte de grandes mal-entendidos, os quais são um importante objeto de análise da imagologia, que procura lançar luzes sobre essas questões e estabelecer um diálogo no âmbito literário (Sousa, 2004: 143).

1.4. A imagologia alemã sobre o Brasil

Landeshymne der Deutschbrasilianer

Heil Brasilien! Hort der frein!
Dir, du trautes Heimatland,
Wollen wir uns freudig weihen,
Schützen dich mit starker Hand!
Unser Wünschen, unser Streben
Gelte dir und deinem Glück;
Deine Ehr' sei unser Leben,
Freie, stolze Republik.

(Hermer Menschen, 1924)⁷.

⁷ Esta é uma das muitas canções que foram compostas pelos imigrantes alemães que chegaram no Brasil no final do século XIX e começo do século XX. A maioria delas retratava o otimismo e a esperança dos imigrantes que chegavam ao Novo Mundo. As canções estão reunidas no trabalho de Werner Ewald (2007).

Livros de alemães sobre o Brasil não são, como é evidente, uma novidade. Desde o século XVI, com o livro *Viagem ao Brasil*⁸, de Hans Staden, viajantes alemães que passaram algum tempo ou que viveram no Brasil escreveram relatos de viagem transmitindo aos seus compatriotas imagens sobre o país tropical, geralmente visto com grande encantamento, quase um paraíso, mas com habitantes alegadamente selvagens.

A pesquisadora Celeste Sousa levanta cerca de 60 obras publicadas em alemão sobre o Brasil. A autora destaca que há dois grandes grupos de publicações: dum lado, os livros de entretenimento e os relatos de viagens, e doutro, “obras em que as imagens do Brasil surgiam trabalhadas, elaboradas, com valor metafórico e simbólico”, como em poemas, romances, novelas, contos e peças de teatro.

O livro de Staden foi o primeiro publicado em alemão sobre o Brasil, em 1557, e nele o autor relata as suas experiências e o período em que ficou preso pelos índios Tupinambás. Essa narrativa tornou-se uma obra muito lida na Alemanha e noutros países da Europa, teve várias traduções e mais de 50 edições (Sousa, 1996: 12).

No final do século XVIII e no começo do século XIX, muitos alemães foram ao Brasil, incorporados às forças portuguesas que defendiam as fronteiras da colônia. Um fator importante para esse aumento do fluxo dos viajantes alemães foi a chegada da corte portuguesa, em 1808, e a chegada de Dona Leopoldina, filha de Franz I, imperador da Áustria, que se casaria com D. Pedro I (do Brasil, que era D. Pedro IV em Portugal). Os alemães que chegaram nesse período eram artistas, artesãos, cientistas, comerciantes, camponeses e soldados (*idem*: 13). Segundo Sérgio Buarque de Hollanda, “nunca nosso país parecera tão atraente aos geógrafos, aos naturalistas, aos economistas, ao simples viajante, como naqueles anos que imediatamente se seguem à instalação da Corte portuguesa no Rio e à abertura dos portos ao comércio internacional” (Hollanda, 1962: 11).

Podemos destacar o naturalista Alexander von Humboldt, que em 1804 teve papel importante com seus estudos sobre a América do Sul, no entanto sem ter entrado em território brasileiro. Entre 1815 e 1825 foi publicada sua obra em latim *Nova Genera et species plantarum*, em sete volumes.

Os naturalistas alemães Carl Friedrich Phillipp von Martius e Johann Baptist von Spix, que realizaram uma grande viagem pelo interior do Brasil, entre os anos de 1817 e 1820,

⁸ O livro foi publicado pela primeira vez em Marburg, na Alemanha, em 1557, sob o título *Wahrhaftige Historia vnd Beschreibung eyner Landschafft der Wilden/ Nacketen/ Grimmigen Menschenfressen Leuthen in der Newenwelt America gelegen...*

percorrendo várias províncias, seguindo através do rio São Francisco, por Minas Gerais e Bahia, passando pelo sertão de Pernambuco, Piauí e Maranhão, tinham por objetivo estudar a flora brasileira. Em 1822 o trabalho deles começou a ser publicado na Alemanha e em 1938 foi traduzido para o português e publicado pela Imprensa Nacional, sob o título *Viagem pelo Brasil*. De 1860, podemos destacar o livro *História do Brasil*, do historiador Gottfried Heinrich Handelmann. O pintor Johann Moritz Rugendas, que visitou o Brasil em duas ocasiões, entre 1822 e 1825 e depois entre 1845 e 1846, e viajou por Rio de Janeiro e Minas Gerais, retratou em seus desenhos e pinturas as paisagens, os usos e costumes dos indígenas e dos negros e também os europeus que habitavam no país.

No século XX, continua a tradição de relatos de viajantes de língua alemã que passaram pelo Brasil, seja como viajantes de curto período de tempo, seja como imigrantes, que acabaram por fixar morada no país.

No artigo “Imperialismo, missão e exotismo”, a historiadora Karen Macknow Lisboa, analisa diferentes tipos de narrativas escritas nas primeiras três décadas do século XX. Destaca os seguintes títulos e autores: o livro *In Brasilien* (1909) de Wilhelm Julius Vallentin; o artigo “Eine Reise durch das Deutschtum in Brasilien” (1935), de H. Cossel; o opúsculo *Heisses Land, eine Reise nach Brasilien* (1911) e o livro *Neue Brasilienreise* (1925), de Norbert Jacques; o livro *Glanz und Elend Süd-Amerikas, Roman eines Erdteils* (1932), de Kasimir Edschmid; o livro *Südamerika: Alles und Nichts. Eine nicht ganz einfache Reise ins Blaue hinein* (1935), de Paul Zech (Lisboa, 2013).

No artigo de Karen Lisboa fica evidente a importância que editoras e editores tiveram ao financiar viagens para países fora da Europa com o intuito de se produzir uma “literatura exotista de viagem”, principalmente entre os anos 1900 e 1930. O editor Samuel Fischer, por exemplo, incentivou muitos dos “seus” autores a viajar por regiões extraeuropeias com o intuito de buscar experiências e material inspirador. Na revista *Neue Rundschau*, editada pela editora Fischer, publicava-se com frequência relatos de viagens que apresentassem uma boa qualidade literária e uma certa característica autoral (Lisboa, 2013: 69).

A historiadora afirma que o “mundo estranho” apresentado na literatura exotista moderna do século XX é como algo oposto à civilização europeia, como uma forma de “contramundo”:

Nessa contraposição, notam-se momentos de fuga (escapismo da civilização) bem como de crítica (crítica ao imperialismo e à europeização do mundo extraeuropeu) ao lado de uma certa dose de edenização do estrangeiro. Há, portanto, indícios evidentes de que o exotismo pode ser visto como movimento que se opõe à pressão civilizadora do imperialismo e da industrialização; por outro lado, há também uma “afinidade oculta” entre o impulso imperialista de se afirmar mundialmente e a crescente vontade de viajar motivada pelo exotismo (Lisboa, 2013: 71).

Ainda no século XX, merecem atenção os relatos de imigrantes que se instalaram no país por mais tempo. Ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do XX, o Brasil foi um dos países para onde os alemães mais imigraram, sendo superado numericamente apenas pelos Estados Unidos (*idem*: 64). Dentre os vários temas abordados pelos imigrantes em seus livros, que nem sempre se apresentam como relatos com um eu-narrador, alguns dos principais são as questões económicas, raciais, a contribuição da imigração europeia no país e a situação da germanidade (*Deutschtum*) nas várias cidades e regiões, como escreveu, por exemplo, Valletin no livro *In Brasilien* (1909). O sul do Brasil era considerado a região que melhor teria protegido a sua germanidade, apesar dos imigrantes já estarem na quarta geração.

Heinrich Schüler, alemão que viveu mais de 25 anos no Brasil, publicou *Brasilien, ein Land der Zukunft*, em 1912, em que analisou as possibilidades económicas do país, enfatizando os produtos da terra. Fritz Koehler, escreveu *Brasilien heute und morgen*, em 1926, sobre a colonização alemã. O livro de Alfred Funke, *Brasilien im 20. Jahrhundert*, de 1927, tornou-se um sucesso entre os imigrantes de cultura alemã. Destaca-se também o trabalho de Theodor Koch-Grünberg na área etnográfica, que passou anos convivendo com índios na Amazônia (Sousa, 1996: 13-15).

Em todos os textos, qualquer que seja o tipo de narrativa, apresenta-se uma constante na caracterização do povo brasileiro e da história do Brasil: as contradições - mundo arcaico *versus* civilização moderna / natureza *versus* técnica. Segundo Alfred Opitz, “o Brasil apresenta-se, para os autores alemães (europeus) como uma superfície de projeção dos sintomas daquilo que viviam e experimentavam como crise filosófico-histórica” (Opitz, 2003: 345).

Alfred Opitz (2003) traça um panorama dos relatos de viagens ao Brasil em língua alemã nas primeiras décadas do século XX, dividindo-os em quatro categorias. Na primeira categoria estariam os textos autobiográficos, relatos de imigrantes e exilados, narrativas de

viagens a regiões de imigração e publicações em jornais e revistas, tendo como exemplos *Durch Südbrasilien*, de Hugo Metzler e *Brasilien im 20. Jahrhundert*, de Alfred Funke. Outra categoria estariam os relatos de viagem literários, que incluem narrativas triviais de aventura assim como reportagens de viagem mais elaboradas, tais como *In der grünen Hölle, Kurbelfahrten durch Nordbrasilien* de Franz Anders, *Kampf mit Riesenschlangen* de Egon Schott e *Im Lande der Affen und Papageie* de Otto Willi Ulrich. Nesse tipo de edição era comum encontrar fotografias e outras imagens que ilustravam o enredo.

Um terceiro tipo de relato é aquele que se apresenta como um estudo científico, “claramente induzidos por antinomias histórico-filosóficas”. E a última categoria engloba os romances de carácter histórico-mitológico, como por exemplo a Trilogia *Amazonas*, de Alfred Döblin.

Orlando Grossegeesse, ao analisar o romance *Äquator*, de Curt Meyer-Clason, publicado em 1986, ressalta facto importante da literatura de viagens alemã sobre Brasil:

O Brasil representa o lugar maternal que possibilita recuperar toda a parte de sensualidade e espontaneidade original reprimida, anunciando a plenitude duma possível harmonia entre o estado natural e civilizado do homem, entre “Fühlen” e “Denken”. (...) Evocam-se, de passagem, os tópicos de natureza paradisíaca, juventude eterna, paixão e alegria primitiva de viver; expressas em samba e carnaval”. (Grossegeesse, 2003: 322)

A personagem Claus, criada por Clason, representa muito bem um certo tipo de alemães do século XX que, ao atravessar a linha do Equador, desejam “arrancar as suas raízes, desprender-se do seu mundo da zanga e do ódio, e enraizar-se no novo entorno” (Grossegeesse, 2003: 326).

Fugir da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo foi o motivo que trouxe muitos alemães ao Brasil nesse período. Esse foi o caso de Stefan Zweig que afirmou na introdução de seu livro *Brasilien: Ein Land der Zukunft* (Brasil, país do futuro): “Ich war fasziniert und gleichzeitig erschüttert. Denn hier trat mir nicht nur eine herrlichsten Landschaften der Erde entgegen, diese einzigartige Kombination von Meer und Gebirge, Stadt und tropischer Natur, sondern auch eine ganz neue Art der Zivilisation” (Zweig, 2013: 9).

Sem dúvida, esse livro de Zweig, autor de nacionalidade austríaca que era um dos escritores europeus mais renomados de sua época, é um dos mais conhecidos livros em língua alemã sobre o Brasil no século XX. Até hoje a obra continua a constituir uma

referência para escritores, críticos e estudiosos que se referem ao Brasil⁹, inclusive para Andreas Wunn (2014: 99).

Zweig esteve no Brasil pela primeira vez em agosto de 1936, por apenas dez dias, a caminho do Congresso do PEN Club em Buenos Aires. Em 1940, pela segunda vez no Brasil, começou um trabalho de investigação para poder escrever um livro sobre o país. Viajou durante cinco meses por vários estados, entre eles Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pará e Pernambuco. Em março de 1941 publicou *Brasil, país do futuro* em oito edições¹⁰.

Na apresentação da obra, o historiador Nelson Jahr Garcia ressalta pontos importantes tratados por Zweig: as percepções sobre a realidade brasileira eram mais profundas do que a doutros viajantes estrangeiros. Zweig não contava uma “historiazinha do Brasil, recitando nomes e datas sem significado, mas fazia análises económicas, políticas, sociais e culturais. E adverte o leitor sobre o único defeito da obra: ser eurocêntrico.

Um outro olhar interessante sobre o Brasil, e ainda pouco analisado, é o dos escritores alemães da antiga Alemanha Oriental, então designada de República Democrática Alemã (RDA). Mário Matos analisa, no artigo “Kein Pass für Rio”, vários géneros textuais (romance, novela, relato de viagem literário e/ou etnográfico) editados na RDA sobre o Brasil, nos anos 1960 e 1970. O artigo, que teve o título emprestado dum dos livros analisados, de autoria de Jürgen Lenz, destaca o papel dos escritores na RDA, que gozavam dum tratamento especial e tinham autorização para viajar pelo “Golden West” e pelos paraísos tropicais. Faz-nos refletir também sobre a função do escritor dentro da doutrina marxista-leninista, como “engenheiro das almas”, e os relatos de viagem como responsáveis por trazer àquela sociedade isolada notícias doutros lugares. Era comum que os livros trouxessem muitas imagens fotográficas, o que aparentemente garantia mais veracidade aos relatos. De maneira geral, nessa literatura da Alemanha Oriental sobre o Brasil, o país, não socialista, era retratado, na longa tradição duma hétero-imagem europeia do continente sul-americano, por um lado com grande encantamento pelas paisagens exóticas e, por outro, como um lugar com uma “dura” realidade, com sérios problemas sociais supostamente causados e agudizados pelas insuficiências dos regimes capitalistas (Matos, 2003: 289-309).

⁹ O livro acabou por tornar-se muito mais do que uma referência cultural importante. O seu título (que já fora utilizado por outros autores anteriores, conforme discutido na introdução do presente trabalho) transformou-se numa construção linguística recorrente ao se falar do Brasil e muito usado no âmbito político: “por governantes e autoridades públicas de diferentes filiações ideológico-partidárias” (Braga & Ernst, 2015: 169).

¹⁰ Duas edições em português (Brasil e Portugal), duas em inglês (Estados Unidos e Canadá), em francês (países francófonos, exceto a França), em espanhol (para Argentina), em alemão e em sueco (impressas em Estocolmo). Site da Casa Stefan Zweig, consultado em 12 de outubro de 2018. http://www.casastefanzweig.org/sec_futuro.php?language=pt_BR#

O trabalho de investigação de Sandra Maria Schwarz, *Rio de Janeiro in der Fremdwahrnehmung Reisender. Zu den Stadtimages Rio de Janeiros in der deutschsprachigen Reiseliteratur des 19. bis 21. Jahrhunderts*, de 2008, também é de grande importância, principalmente por ser um dos poucos estudos sobre escritos de viagens em língua alemã do século XXI. A autora analisa onze livros de viagens sobre o Rio de Janeiro, publicados entre os séculos XIX e XXI e escritos em alemão. É muito interessante perceber as várias imagens da capital carioca ao longo dos séculos, primeiramente como uma cidade atrasada, que precisa da “ajuda” europeia para se desenvolver, e depois o estabelecimento da tensão entre a imagem duma das mais belas cidades do mundo *versus* a cidade repleta de favelas, um lugar fértil para a criminalidade. Do início dos anos 2000, a autora destaca dois livros de jornalistas correspondentes que viveram no Brasil. De 2004, o livro *Geliebte zwischen Strand und Dschungel. Hitzeschübe aus Rio de Janeiro*, de Matthias Matussek, e um guia de viagens publicado em 2006, *KulturSchock Brasilien*, de Carl D. Goerdeler. Neste guia de viagens moderno, a proposta não é simplesmente passar informações dos aspetos práticos da viagem, mas sim explicar sobre a história, a política e a vida quotidiana do lugar visitado a fim de aliviar o viajante estrangeiro do choque cultural e reduzir os preconceitos. O conhecimento intercultural é mais importante que um endereço de hotel barato, afirma a editora da coleção KulturSchock (Schwarz, 2008: 157).

Como apresentado no início deste capítulo, os relatos de viagem estão íntima e profundamente presentes na história do Brasil desde o início da colonização portuguesa e mesmo depois de proclamada sua independência. No campo da literatura, os relatos de viajantes também influenciaram os escritores brasileiros. O historiador e crítico literário Alfredo Bosi afirma que:

é graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. E não é só como testemunhos do tempo que valem tais documentos: também como sugestões temáticas e formais. Em mais de um momento a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro: então os cronistas voltaram a ser lidos, e até glosados, tanto por um Alencar romântico e saudosista como por um Mário ou um Oswald de Andrade modernistas. Daí o interesse obliquamente estético da “literatura” de informação (Bosi, 1994: 13).

É inquestionável que essa literatura “de informação” escrita por estrangeiros e citada por Bosi teve grande importância para a formação intelectual e de movimentos culturais, como o Modernismo, por exemplo. Por outro lado, é necessário ter em atenção, porém, que essa visão positiva do Brasil e da cultura brasileira é muitas vezes idealizada, desconsiderando problemas sociais, culturais e económicos muito profundos do país. Isso verifica-se desde a tese defendida por Von Martius de que o Brasil, duma maneira “desconhecida na história antiga” se definia por sua mistura de povos e que havia condições para o “aperfeiçoamento das três raças humanas”. (Schwarcz, 2019: 15)

É muito interessante refletir sobre como essa teoria da convivência harmoniosa das raças pode ter sido elaborada num país que ainda mantinha um sistema escravocrata e que continuava dizimando indígenas e invadindo suas terras. E o mais curioso é como essa tese foi por muito tempo reproduzida nos discursos de brasileiros e estrangeiros sobre o Brasil.

É possível dizer que começava a ganhar força então a ladainha das três raças formadoras da nação, que continuaria encontrando ampla ressonância no Brasil, pelo tempo afora. Vários autores representariam, com pequenas variações, o mesmo argumento (...). Foi sobretudo Gilberto Freyre quem tratou, ele sim, de consolidar e difundir esse tipo de interpretação, não só em seu clássico *Casa-Grande & Senzala* (1933) como anos depois, em livros sobre o lusotropicalismo (...). (Schwarcz, 2019: 16-17).

A historiadora Karen Lisboa afirma que no século XX, quando o discurso racista e o genocídio nazista dominaram o cenário europeu, conhecer e conviver com a sociedade brasileira foi realmente uma experiência positiva para os viajantes alemães. Porém, destaca que, apesar do conhecimento histórico de muitos viajantes, eles não conseguiam perceber segregação entre ricos e pobres, e que a maioria dos pobres eram negros. Além disso, Karen Lisboa afirma em entrevista concedida a Simone de Mello (Deutsch Welle):

(...) eles não questionam em nenhum momento a atuação da classe dominante, incorporando o darwinismo social e o racismo subliminar das elites. Apesar de enxergarem a pobreza, eles não conseguem fazer uma crítica social. Além disso, eles vêem que na legislação não existe segregação, apartheid, como nos Estados Unidos, considerando isso algo modelar. Enquanto o século 19 inteiro considera a Europa um modelo para o Brasil, a metrópole um modelo para a periferia, autores do século 20, como Stefan Zweig, por exemplo, invertem a ordem,

considerando o Brasil um modelo para a Europa, no caso, a Europa nazista. Tudo isso, às custas da idealização das nossas relações raciais (Mello, 2002).

Além disso, algumas linhas de pesquisa em análises culturais tratam do conceito de transculturalidade, analisando culturas e sociedades sob essa ótica. Wolfgang Welsch, no artigo “Transculturality – the puzzling form of cultures today”, de 1999, explica a sua proposta do então novo conceito de transculturalidade, em contraste com os tradicionais conceitos de culturas como entidades alegadamente homogêneas e tendencialmente uniformes, conceitos esses que na sua opinião, continuariam a ecoar também nos conceitos mais recentes de interculturalidade e multiculturalidade.

Esta nova concepção transcultural vai assim ao encontro da realidade contemporânea, em que as culturas são extremamente interligadas e entrelaçadas umas com as outras. Estilos de vida já não terminam nas fronteiras das culturas nacionais, mas vão além delas. As novas formas de entrelaçamento são uma consequência de processos migratórios, bem como de meios de comunicação e relações económicas. Os mesmos problemas e consciência sobre determinadas questões aparecem em culturas antes consideradas muito diferentes. Exemplos disso são o debate sobre direitos humanos, os movimentos feministas ou a consciência socioambiental. As culturas hoje são híbridas, em escala global, na maioria dos países vivem membros de todos os outros países.

Ao nível microcultural, a formação cultural dum indivíduo não é determinada pela sua nacionalidade, visto que múltiplas conexões culturais são determinantes em termos da nossa formação cultural. Nós somos híbridos culturais. Trabalhar a identidade está se tornando trabalhar na integração de componentes de diferentes origens culturais. Isso é muito evidente no documentário nos momentos em que Wunn pergunta aos personagens retratados, como Horácio, o descendente de japoneses, ou o Xikrin Beka, por exemplo, com qual cultura eles se identificam mais.

O conceito de transculturalidade visa um entendimento multicultural e inclusivo, não separatista. Ao se encontrar com outras formas de vida, sempre há oportunidade de vinculação: “It is precisely when we no longer deny, but rather perceive, our inner transculturality, that we will become capable of dealing with outer transculturality” (Welsch, 1999: 198). O conceito de transculturalidade vai portanto além de aspectos globais e locais, universalistas e particularistas. As tendências globalizantes, bem como o desejo de

especificidade podem ser realizados dentro da transculturalidade. Identidades transculturais compreendem um lado cosmopolita, mas também um lado da afiliação local. Ou seja, a pátria real dum indivíduo pode estar longe de sua pátria original. Em resumo, o conceito de transculturalidade esboça uma imagem de emaranhamento, mistura e semelhança, promove a troca e a interação.

Note-se, porém, que o conceito de transculturalidade é significativamente diferente do conceito mais antigo de caldeirão cultural ou “melting pot”. Nesse conceito, que é o mais usado pelo jornalista, há o pressuposto de que os vários “ingredientes” (as diferentes culturas) quando “cozidos” juntos num mesmo caldeirão resultam num único produto final, uma cultura nova que integra os diversos elementos num resultado harmonioso. Atualmente, de acordo com vários estudos, como o trabalho de Welsch referido acima, essa visão de certa forma idealista é refutada por um paradigma transcultural, que dá conta da diversidade que continua a existir.

No caso brasileiro, em que os conflitos e diferenças são muito marcantes e patentes, é questionável o conceito de caldeirão cultural, mistura democrática de raças retratado no documentário. Mas nas demais obras de Wunn, a serem analisadas nos capítulos seguintes, um olhar mais crítico é direcionado a essas questões.

Capítulo 2 – O gringo num caldeirão cultural

2.1 *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro: uma visão geral*

Das quatro obras que compõem o corpus de análise do presente estudo, o livro *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro* foi a primeira a vir a público. Quando foi publicado, em 2013, Andreas Wunn tinha 35 anos de idade e, apesar de já ter um considerável histórico profissional como jornalista, não tinha ainda qualquer livro da sua própria autoria. O autor já vivia no Brasil há quase três anos, mas ainda assim, prevalece na obra o olhar do estrangeiro que estranha características duma cultura muitas vezes radicalmente diferente da sua. É importante destacar que esse primeiro livro foi publicado um ano antes do campeonato mundial de futebol de 2014 e, nesse contexto favorável, tinha provavelmente como objetivo informar os leitores de língua alemã, através dum olhar também alemão, sobre uma das cidades mais turísticas do Brasil e do mundo.

A começar pela capa, que traz imagens estilizadas de paisagens do Rio de Janeiro, dum copo de caipirinha, duma arara azul, duma praia e duma mulher a sambar, é possível identificar elementos que ajudam a perceber a construção da narrativa do livro. Ou seja, uma série de clichês sobre o Brasil que serão explorados ao longo da obra.

Logo nas primeiras páginas, Wunn apresenta-se como um jornalista correspondente que vive no Rio de Janeiro, uma cidade de grande beleza natural: “Rio muss die schönste Stadt der Welt sein (...) Rio macht es einem Fremden leicht, sich in diese Stadt zu verlieben. Und es ist sehr schwer, hier nicht glücklich zu werden”. Desde logo, destaca, numa alusão bastante evidente ao famoso livro de Stefan Zweig, *Brasil o país do futuro*, publicado originalmente em 1941, que a cidade passava, assim como todo o país, por uma impressionante transformação, estando prestes a materializar o tal promissor futuro: “Und Brasilien ist ein Land, dessen viel beschworene Zukunft allmählich Gegenwart wird. Alles befindet sich im Aufbruch.” (Wunn, 2013: 7).

Neste livro de Wunn, o narrador autoencena-se como um estrangeiro em busca de experiências e não como um jornalista investigativo. Isso é uma diferença marcante de abordagem entre esse primeiro livro e os posteriores documentários que dirigiu e também o seu segundo livro. O autor se propõe a narrar como são os cariocas (as pessoas nascidas na

cidade do Rio de Janeiro), os seus hábitos e como é para um “gringo” a vida numa das cidades mais bonitas do mundo. Também são descritas outras situações fora do Rio de Janeiro: sua estadia em São Paulo, para ter aulas de português, e a visita a um dos principais líderes indígenas da região amazônica, Almir Suruí, em Rondônia.

O livro divide-se em 25 capítulos, cada um com 15 páginas em média, onde o autor descreve em primeira pessoa uma experiência vivida. Em quase todos os capítulos, Wunn narra uma situação específica, com personagens descritos de forma aparentemente realista. No final do livro, porém, esclarece que nem tudo que escreveu aconteceu realmente: “Ab und zu habe ich etwas hinzugedichtet – und natürlich zugespitzt, wo es nur ging. Trotzdem ist irgendwie alles wahr. Einige Namen habe ich geändert, andere nicht” (*idem*: 255).

É de se notar que um recurso presente com grande frequência é a comparação entre os hábitos dos cariocas/brasileiros e os hábitos dos alemães. Trata-se, porém, duma análise que não se pretende muito aprofundada. Como mencionado, o ponto de vista do narrador é o dum estrangeiro em busca de experiências. Por isso, as referidas comparações são basicamente centradas em estereótipos usuais sobre as duas culturas, conforme se verá adiante em alguns exemplos selecionados.

Outro aspecto bastante relevante da estrutura da obra diz respeito à característica de determinados capítulos, como “Rio von oben” (que trata da paisagem), “Surfen im Schleudergang” (sobre uma aula de surfe) e “In Cristos Kopf” (sobre a icônica estátua do Cristo Redentor), que nitidamente têm por objetivo servir de recomendações turísticas, lembrando-se que o principal público alvo do livro são os falantes de alemão, às vésperas do campeonato mundial de futebol de 2014.

Ao terem como eixo central episódios que abordam determinadas características da cultura brasileira e dos cariocas, os capítulos do livro são independentes, não seguindo uma sequência linear. Por isso, para a análise da obra, não se seguirá a ordem dos capítulos no livro. A análise será feita sobre os temas que foram considerados mais importantes, recorrentes em vários capítulos. As temáticas a analisar são designadamente: o carnaval, os cariocas, as diferenças sociais no Brasil, as favelas, alguns hábitos dos brasileiros, como, por exemplo, a falta de pontualidade, a relação com o corpo, o costume de beber bebidas muito geladas e, por fim, algumas diferenças entre brasileiros e alemães.

2.1.1. “Wir haben Karneval, da ist alles viel unkomplizierter”

O ponto de partida do livro é talvez o mais recorrente estereótipo a respeito do Brasil: o carnaval. Logo na primeira página do capítulo inicial “Mein brasilianischster Moment”, é feita uma descrição das sensações do viajante-narrador ao vivenciar um ensaio de carnaval no Rio de Janeiro. Ainda sem especificar onde estava, descreve o calor que sentia, o suor que escorria pelo seu corpo e a vontade de tirar a camisa, numa das situações que exemplifica o título do livro. Sentia dor nas pernas, afinal não estava acostumado aos passos de samba. É assim que dá as primeiras pistas do lugar onde se encontrava. E completa referindo-se à música: “Trommelschäge wummern durch die Halle. Ich werde sie bestimmt noch in meinen Ohren dröhnen hören, wenn ich später längst im Bett liege” (Wunn, 2013: 5).

Muito calor, barulho e pessoas de etnias e biótipos diferentes que dançavam, cantavam de olhos fechados e levantavam as mãos, como se estivessem em transe. Para ele era um grande momento, uma experiência nova:

Ich tanze mit, so gut es geht, fühle mich wie im Rausch. Mir ist heiß, mein Herz klopft, ich bin außer Atem. Sie fixieren mich mit herausforderndem Blick. Die Sambamusik wird immer lauter. Wir tanzen immer enger. Ohne uns auch nur ein einziges Mal zu berühren (...) Und ich denke nur: Besser kann es eigentlich nicht werden. Das ist mein brasilianischer Moment. Von jetzt an geht's bergab (*idem*: 8-9).

Noutra parte do livro, Andreas Wunn, como jornalista correspondente da ZDF, e sua equipe estavam a preparar uma reportagem a respeito do carnaval do Rio de Janeiro, com entrevistas a pessoas responsáveis pela organização, músicos e dançarinos e também com gravações de ensaios da escola de samba Imperatriz Leopoldinense. A escolha dessa escola específica certamente não foi um acaso, sendo possível perceber um recurso deliberadamente usado pelo escritor para estabelecer um vínculo com o leitor de língua alemã.¹¹

Esse capítulo, “Rafaela, Felipe, die Fahne und ich”, que é o mais longo do livro, traz o nome da porta-bandeira e do mestre-sala Imperatriz Leopoldinense. É curioso notar que Wunn se referiu a eles pelos seus primeiros nomes, sendo que noutra parte do livro ele mostra estranhamento em relação ao hábito brasileiro de chamar as pessoas pelo primeiro

¹¹ O autor explica a origem do curioso nome da escola, uma homenagem à imperatriz Leopoldina (ou Maria Leopoldina da Áustria). Ela foi a primeira esposa do imperador Dom Pedro I (do Brasil), proclamado rei em 1822, quando tinha apenas 16 anos (*idem*: 182). A esse propósito é porém de destacar que o nome da escola de samba não é uma homenagem direta à referida imperatriz, como se pode supor da leitura do livro. A escola de samba tem esse nome porque foi criada numa região que era cortada por uma estrada de ferro, cujo nome homenageava a imperatriz.

nome, tão logo se é apresentado. O capítulo trata especificamente da escola de samba, fundada em 1959, na zona norte do Rio de Janeiro. O autor refere que no ano em que fez a reportagem (2012) o tema do desfile era a obra do renomado escritor baiano Jorge Amado e traduz o primeiro verso do refrão do samba enredo (Sou Imperatriz! Sou emoção! / Meu coração quer festejar! / Ao mestre escritor, um canto de amor / Jorge Amado, Saravá!): “Ich bin Imperatriz. Ich bin Emotion.” (*idem*: 187).

É feita uma descrição detalhada da escola, administrada por uma equipa profissional, com cargos como presidente, vice-presidente, diretor carnavalesco, coordenador artístico e musical, coreógrafos, mestre de bateria e dançarinos. Completa com uma observação a respeito dos longos e minuciosos preparativos para o desfile: “In den Monaten vor dem Karneval arbeiten einige Hundert Vollzeitkräfte für die Sambaschule: Sie nähen Kostüme, bauen Themenwagen und entwerfen Requisiten. Auch eine Pressesprecherin gibt es” (*idem*: 183-184).

É também abordada a forma de financiamento das escolas de samba, explicando-se que os valores nem sempre chegam de forma lícita. Ressalta-se que, para aquele ano, a Imperatriz Leopoldinense tinha um orçamento maior que dois milhões de euros e conclui-se: “Ein Sieg im Sambodrom ist also nicht nur eine Frage der Ehre, sondern knallhartes Geschäft. Es geht um Geld, viel Geld” (*idem*: 184).

O texto dá a entender que é tudo novidade para o autor, que deseja transmitir aos seus leitores não apenas uma infinidade de pormenores, como também suas emoções e sentimentos ao vivenciar aquela experiência. No seguinte excerto, por exemplo, é possível perceber o quanto Andreas Wunn estava positivamente surpreso com o impacto daquela grande festa junto de todos os tipos de pessoas da população:

Auf unseren Bildern sah ich singende Menschen, die sich fast in Trance tanzen (...) Alle schienen Samba zu tanzen, als gäbe es kein Morgen. Mit schnellen Beinbewegungen und lockeren Hüften. Kleine Kinder, junge Frauen, alte Männer. Sie gaben sich der Musik und dem Moment einfach hin. Die Freude darüber stand ihnen ins Gesicht geschrieben (*idem*: 191-192).

Vale notar que isso exemplifica dois traços muito fundamentais presentes na literatura de viagens: a riqueza de detalhes para a criação do efeito do real e a presença não apenas de informações sobre o ambiente e a situação, mas, acima de tudo, as sensações, emoções e sentimentos vivenciados pelo narrador naquela experiência. Dessa maneira, fica evidenciada

a dimensão subjetiva autobiográfica do narrador para o primeiro plano da narrativa viática, conferindo um certo caráter autobiográfico ao texto, conforme discutido no capítulo 1.

Apesar de todo o encantamento com a folia carnavalesca, o viajante-narrador não deixa de fazer críticas aos hábitos culturais brasileiros, designadamente quanto à diferença em relação à sua expectativa de organização dum ensaio, a começar pela famigerada falta de pontualidade: “Unter einer Probe hatte ich mir im ersten Moment etwas anderes vorgestellt. Pünktliches Erscheinen, geordnetes Üben, konzentriertes Proben und messbare Resultate. Doch ich sollte es inzwischen natürlich besser wissen. In Brasilien ist alles anders” (*idem*: 187).

O entrevistado Wagner Araujo, que foi diretor da Imperatriz Leopoldinense entre 1989 a 2019, é descrito por Wunn como um homem sério, de poucas palavras e pouco “calor”. Wagner era o responsável pela supervisão e coordenação geral a quem cabia corrigir os erros antes do desfile. Segundo Wunn, ele estava sempre agitado e parecia, ao contrário da maioria dos brasileiros, concentrado e preocupado: “Wagner ist vielleicht der unbrasilianischste Brasilianer, der mir bisher begegnet ist. Total diszipliniert und fokussiert. Und das beim Brasilianischsten, dass es gibt: beim Karneval” (*idem*: 195). No ensaio geral, Wunn constata que há uma enorme organização, em grande discrepância com o que afirma ser a regra na vida quotidiana do brasileiro: “Im Gegensatz zum wahren Leben in Brasilien wird beim Karneval so wenig wie möglich dem Zufall überlassen” (*idem*: 193).

Nesse comentário, com um tom subtilmente humorístico, como faz em diversas outras passagens da obra, Wunn demonstra a sua surpresa com o nível de organização dos preparativos para o carnaval. Assim, o narrador deixa transparecer a imagem que tem do Brasil e, ao mesmo tempo, nos possibilita perceber a sua auto-imagem da cultura alemã subjacente a essa crítica. Ao afirmar que para o carnaval nada é deixado ao acaso, ao contrário do que acontece na “vida real” no Brasil, nota-se uma fina ironia, sendo possível perceber, sob o paradigma da imagologia, um juízo de valor da cultura brasileira (desorganizada) em contraposição à organização alemã. Vale ainda apontar que o narrador identifica uma certa inversão de valores: onde há mais organização é no contexto que supostamente seria mais livre, a concretização dum ideal de libertação das amarras sociais (carnaval), sendo que na vida “real”, sujeita a uma rigorosa organização na cultura alemã, imperaria a desordem no Brasil, de acordo com a crítica externalizada com ironia.

É de se notar que o livro aborde basicamente o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro ao tratar do carnaval. Evidentemente trata-se dum evento de proporções gigantescas, mundialmente conhecido. No entanto, o carnaval no Brasil é um fenômeno muito mais complexo e multifacetado do que os desfiles das escolas de samba. Não é exagero dizer que existem muitos carnavais que acontecem ao mesmo tempo¹², mas isso somente será referido em seu segundo livro, evidenciando as diferentes figuras que o autor criou para cada obra (*gringo/turista versus jornalista viajante*), bem como um conhecimento mais aprofundado da realidade brasileira no livro de 2014.

O carnaval é um tema de grande complexidade, que comporta análises muito profundas e detalhadas, objeto específico de estudo de diversos livros e trabalhos acadêmicos, alguns dos quais serão referidos mais à frente. Uma análise muito detida do carnaval vai além do escopo do presente trabalho. O que interessa aqui é traçar um breve panorama desse fenômeno e evidenciar que, de certa forma, o olhar que Wunn direciona ao carnaval reflete uma perspectiva predominantemente estrangeira, que não dá conta da diversidade do fenômeno e se restringe ao grande espetáculo de mídia. Além disso, outro aspecto interessante com relação aos objetivos do presente trabalho diz respeito à análise de como esse ponto de vista adotado pelo autor não consiste meramente numa opção pessoal. Ao contrário, ecoa um enfoque deliberadamente adotado na história brasileira, pelo governo brasileiro, para a promoção da imagem do país, como será demonstrado a seguir.

É necessário ter em mente alguns eixos de análise relativos ao carnaval. O primeiro diz respeito ao facto de o carnaval ser, na sua essência, tanto no Brasil, quanto em todo o mundo, um momento de maior permissividade social.¹³ O segundo eixo de análise que repercute em vários dos outros eixos é a oposição entre as classes sociais no Brasil, que desde o final do século XIX, depois da abolição da escravatura, tornou-se um problema cada vez mais complexo. O terceiro eixo diz respeito ao aspecto musical, ao samba. Conforme já foi referido acima, a diversidade dos carnavais no Brasil tem muito a ver também com a diversidade de géneros musicais, como o axé na Bahia, o frevo em Recife, por exemplo. Nos últimos anos essa variedade de estilos musicais é cada vez mais intensa. Mas é possível

¹² Além do concurso de escolas de samba, há festas de carnavais em clubes, em salões; há uma infinidade de blocos que ocupam as ruas com músicas e temas variados em muitas das cidades brasileiras (sendo este um fenômeno que tem crescido cada vez mais nos últimos anos); há o carnaval de Salvador, na Bahia, de Recife/Olinda com a tradição do frevo e cada vez mais se percebe que há uma mistura de ritmos e de estilos durante essa tradicional festa popular.

¹³ O final do carnaval, a quarta-feira de cinzas, marca o início da quaresma para os cristãos, período de penitência, jejum e abstinência. Isso é mesmo refletido na própria palavra, cuja etimologia tem relação com a proibição da carne na quaresma. Esse eixo de análise não será desenvolvido no presente estudo, mas deve ser levado em consideração pois é fácil perceber o seu peso num país – o Brasil – colonizado por um outro país fortemente católico, como é o caso de Portugal.

afirmar que todos esses diversos ritmos bebem na fonte ou comunicam-se de alguma forma com o samba. É fácil perceber o amplo universo de análise que é a questão musical. Mas aqui o que interessa é compreender a relação do samba com o carnaval e, em especial, como esse foi um ritmo por muito tempo proibido, como forma de dominação social, por ser associado aos escravos africanos e, por fim, como foi posteriormente incorporado à cultura dominante. Como quarto eixo de análise deve ser considerado o aspecto das tradições culturais, de forma mais ampla. Isto é, o que do carnaval vem da tradição portuguesa, da elite branca brasileira e o que vem dos escravos negros africanos, manifestações mais “espontâneas”, sem grandes regras. Por fim, como quinto eixo, vale ressaltar que o samba teve um papel fundamental na busca da construção de uma identidade nacional por parte da intelectualidade brasileira no século XX.

Feitas essas considerações é o momento de analisar de forma resumida o que levou à organização das escolas de samba como são hoje e a razão de o narrador achar surpreendentemente organizada a forma pela qual os desfiles são tratados pelos profissionais envolvidos.

O carnaval foi introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses, no século XVI, com o nome de entrudo. Eram brincadeiras que aconteciam nas ruas e também nas casas e consistiam em jogar água com cheiros nos participantes. Participavam do entrudo tanto as classes aristocráticas como as populares. Com o passar dos séculos foi havendo uma distinção da forma de se brincar o carnaval entre as diferentes classes sociais. O historiador e investigador especialista em carnaval Luiz Antonio Simas destaca que, no começo do século XX, a cidade do Rio de Janeiro era um lugar de grande mistura e efervescência cultural, onde disputavam espaço os milhares de negros libertos em 1888 (ano da abolição da escravatura no Brasil) que tentavam desbravar os caminhos da aceitação cultural e, por outro lado, havia um Estado disciplinador, que buscava controlar manifestações culturais (Simas, 2015: 14).

Nesse período havia uma nítida distinção no carnaval no Rio de Janeiro:

De um lado a festa burguesa de grupos familiares fantasiados desfilando sobre carruagens abertas enfeitadas com laços e flores, chamada inicialmente de batalha de flores ou batalha de confetes e, mais tarde, de corso. Conhecida como Grande Carnaval, essa festividade incluía também os desfiles das grandes sociedades com seus imponentes carros alegóricos nos quais esplendor visual e crítica social

dividiam a atenção do público que lotava o eixo viário composto pelas avenidas Central e Beira-Mar (Turano & Ferreira, 2013: 68-69).

Já o carnaval mais popular era o chamado Pequeno Carnaval, que consistia em variados grupos populares que ocupavam as ruas da cidade, tais como: os cordões, que eram “os grupos carnavalescos mais temidos, que, com seus batuques e instrumentos selvagens, exerciam fascínio e repulsa na população carioca que afluía às ruas nos dias de carnaval” (*idem*: 69); os blocos, que se apresentavam ao som do novo ritmo que surgia, o samba maxixado (*idem*: 70) e os ranchos, que eram mais “civilizados”, cantavam músicas mais melodiosas, moviam-se de forma mais suave, ao som de violões e ao ritmo das músicas entoadas nas comemorações religiosas. Estes últimos incorporavam a face mais suave (e socialmente aceitável) da festa popular e, por sua organização e “civilidade”, se tornaram os maiores representantes do Pequeno Carnaval.

No decorrer da década de 1920, como os desfiles dos ranchos passaram, na ser cada vez mais elaborados, com dramatizações do cortejo, canto, dança e aparato visual, alguns críticos afirmaram que perdiam, assim, a sua essência popular, estavam se elitizando e se aproximando dos desfiles das sociedades do grande carnaval. Isso ocorreu justamente no período em que começam a surgir nas ciências sociais movimentos de valorização de culturas “típicas”, tradicionais e de busca por uma identidade nacional.

Com isso, houve a necessidade de se construir “novos” mitos e crenças, voltando-se às culturas ditas “primitivas”, como a africana, e havendo uma preferência pelos grupos carnavalescos mais voltados ao ritmo. Se, por um lado, o samba e as manifestações culturais de origens africanas possuíam a raiz do que havia de mais popular, por outro lado, atrelavam o país ao passado escravista que se queria enterrar. Era preciso, então, repensar o modelo de nacionalismo que o Brasil pretendia difundir e exportar para o mundo “civilizado” (Cunha, 2004: 30).

Essa busca dos intelectuais por alguma manifestação popular, tipicamente brasileira, para mostrar aos turistas estrangeiros que vinham ao Rio de Janeiro em busca do exotismo tropical abriu o espaço para as escolas de samba, uma opção muito adequada a esse propósito, por virem da favela, muitas vezes “romantizada” e adotarem o samba de batuque, novo ritmo que surgia e que era apropriado para uma apresentação no formato de desfile.

Como resultado, a criação das primeiras escolas de samba no final dos anos 1920, no Rio de Janeiro, é uma grande mistura de referências: “os sons das macumbas e batuques cariocas; a tradição carnavalesca de ranchos, blocos e cordões (...), e a herança festiva dos cortejos processionais (...), os afoxés vinculados aos candomblés e as procissões religiosas católicas” (Simas, 2015: 17).

Lira Neto (2017), na obra *Uma história do Samba* apresenta, de forma bastante esclarecedora, uma cronologia que mostra como o desfile das escolas de samba se tornou o principal símbolo do carnaval do Brasil. Em 1932, as escolas de samba do Rio competiram pela primeira vez na praça Onze, conhecida com pequena África (Neto, 2017: 245), num concurso criado por Mário Filho, dono do jornal esportivo *Mundo Sportivo*, que ficara sem notícias pela ausência de grandes jogos de futebol e começou a preencher o seu jornal com entrevistas com sambistas, relatos das visitas dos repórteres às sedes das agremiações nas comunidades e notícias sobre os preparativos (*idem*: 247).

Neto afirma que, paralelamente a essa organização, houve o interesse pela institucionalização por parte do governo, como ação de promoção do turismo:

Aquele primeiro desfile das escolas de samba coincidiu com a decisão do interventor do Distrito Federal de dar início à progressiva oficialização do Carnaval. O propósito era transformar a maior festa popular do país em um negócio lucrativo, atraindo o máximo possível de turistas nacionais e estrangeiros ao Rio. Para tanto, organizou-se um forte esquema repressivo para coibir os excessos da folia” (*idem*: 249).

No ano seguinte, em 1933, o jornal *O Globo* passou a patrocinar o concurso e fez-se mudanças nos regulamentos: a obrigatoriedade de fantasias e novos critérios de julgamento: harmonia, poesia do samba, enredo, originalidade e conjunto (*idem*: 254). Nesse ano compareceram 40 mil pessoas no desfile.

É possível perceber como em poucos anos ocorre o que pode ser chamado duma institucionalização dos desfiles de escolas de samba. Se, por um lado é um movimento popular, também é nota-se que há uma ação deliberada do poder institucional para criar uma imagem e um veículo de promoção do Rio de Janeiro como destino turístico.

Ainda sobre a construção duma identidade cultural brasileira e o peso das tradições, vale dizer que se pretendeu “tirar o carnaval e o samba da rua”, que já eram muito populares, e domesticá-los. Na década de 1930, em linha com a política nacionalista do presidente Getúlio Vargas, as agremiações estabeleceram no regulamento da recém-criada

União das Escolas de Samba que os temas abordados a partir de então deveriam ter um caráter “nacional e construtivo”. Ao longo da década de 1940, o poder público passou a interferir cada vez mais nas escolas de samba, pois eram vistas pelos políticos como “canais de promoção de certa pedagogia de exaltação aos valores da pátria”, para quem “os enredos e os sambas teriam o caráter de instrumentos civilizadores das massas” (Simas, 2015: 18-19).

Mas não se pode perder de vista que, embora o samba, o carnaval e as escolas de samba tenham sido adotados pelo poder institucionalizado como símbolo duma identidade cultural brasileira, havia o interesse em desassociá-los de suas origens negras e africanas. Exemplo disso foi a afirmação do radialista Silvio Moreaux, nos anos 1940, de que o desfile das escolas de samba poderia servir como “uma maneira inteligente de livrar o nosso povo das ideias africanistas” (*idem*: 20).

Para concluir, sobre essa institucionalização do movimento essencialmente negro e popular, o antropólogo brasileiro Roberto Damatta (1997: 127) afirma:

O nome “escola”, para designar a associação de pessoas destituídas no mundo cotidiano, coloca mais um paradoxo do mundo carnavalesco. Pois trata-se de um nome fixado pelo tempo para grupos sabiamente ignorantes, sistematicamente perseguidos pela polícia e residentes nas favelas dos morros do Rio de Janeiro. Eles que, no mundo diário, vivem aprendendo nossas regras e ocupam nossas cozinhas e oficinas, surgem agora como professores, ensinando o prazer de viver atualizado no canto, na dança e no samba. Revelam, por trás de um surpreendente poder de arregimentação e ordem, uma fantástica vitalidade e amor à vida. Tudo isso que se traduz por generosidade e que é típico daquelas camadas sistematicamente exploradas. Afirimo, portanto, que o nome escola de samba tem, entre outros, um significado altamente compensatório.

Portanto, percebe-se que o olhar que Wunn tem a respeito da escola de samba, do desfile e sua organização possui raízes profundas numa imagem intencional e deliberadamente construída e projetada do Brasil no exterior. É certo que o samba, o carnaval, o desfile das escolas de samba são manifestações populares com as quais grande parte das pessoas no Rio de Janeiro e no Brasil têm um envolvimento profundo, sendo muito importante na vivência de indivíduos e comunidades, mas o que interessa neste trabalho é identificar o quanto imagens e símbolos culturais são objeto de construção intencional e deliberada.

2.1.2 “Rio macht es einem wirklich leicht”

Conforme apontado acima, o carnaval é um dos temas mais recorrentes no livro e parece que um dos objetivos da obra é explicar aos leitores porque o Brasil é conhecido como o “país do carnaval”. Mas, além do carnaval, Andreas Wunn também quis relatar outras experiências de diversão que encontrou no país, principalmente no Rio de Janeiro. Algumas poderiam já ser conhecidas dos seus leitores alemães e, até mesmo estereotipadas, como o hábito de jogar futebol e tomar caipirinha, mas outras poderiam soar como novidades, tais como ir à praia à noite, pular de asa-delta, surfar e fazer musculação na praia. Há que se atentar para o facto de que o autor se apresenta, com uma certa dose de ironia, como um alemão razoavelmente integrado à cultura brasileira, o que explicaria a apresentação de algumas dessas dicas menos “óbvias” no livro.

O capítulo “Surfen im Schleudergang” é dedicado à narração de suas supostas aventuras no surfe. O narrador inicia o capítulo contando sobre a marcação do horário de encontro com João, o professor. O local combinado fora o Arpoador, um local muito frequentado pelos surfistas o dia todo e também onde se reúnem muitas pessoas no final da tarde para ver o pôr-do-sol. O Arpoador, assim como a quase totalidade dos mais conhecidos pontos turísticos do Rio de Janeiro, localiza-se na Zona Sul da cidade, que, em termos geográficos representa uma parcela bem pequena da sua área total. No entanto, é a área mais “nobre” e mais conhecida, nacional e internacionalmente. Ao descrever o Arpoador, Wunn afirma que ali também é possível encontrar adolescentes da favela, o que se reconhece por usarem “colares pesados de ouro e prata no pescoço” (Wunn, 2013: 66).

Com muito bom humor, o narrador afirma que demorou para conseguir decidir se aprenderia a surfar ou não; a pressão vinha de todos os lados: “Von allen Seiten gab es bei diesem Thema Druck, Häme und Zweifel”. Por um lado, os comentários dos seus amigos alemães, que acreditavam que no Rio de Janeiro as pessoas não trabalham, só vivem na praia; diziam que ele não poderia perder a oportunidade de surfar no Rio de Janeiro, pois isso era a “cereja do bolo”. Por outro lado, os cariocas, que faziam caretas ao imaginar um “gringo” subindo na prancha de surfe. (*Idem*: 67)

Após a introdução, em que faz as observações acima, seguem-se três páginas a descrever o professor, um “típico carioca”, e a criticar os atrasos dele e dos brasileiros, tema que será trabalhado posteriormente. No começo da aula, a primeira fala do professor foi:

“Also, Andreas. Du wirst heute Surfen lernen. Das Wichtigste ist, dass du immer versuchst, eins mit dem Meer zu werden. Du kämpfst nicht gegen das Meer, sondern nutzt seine Kraft”. E assim, com humor, ele classificou sua primeira aula de surfe: “Romantische Surferesoterik auf Brasilianisch” (Wunn, 2013: 70). Tal tom irônico continua, durante a narração da aula, especialmente quando compara o professor a um instrutor de “Bootcamp der US-Army” e ao citar que, apesar do seu cansaço, João incentivava-o a não desistir, com conselhos parecidos com conversas motivacionais.

A imagem do professor e de toda a situação criada pelo narrador viajante nas longas páginas de descrição detalhada nos levam a crer que ele realmente esteve lá e vivenciou essas experiências, conseguindo prender a atenção do leitor ao contar essas situações anedóticas divertidas. Porém, mais importante do que a questão sobre se o que é descrito é verdade ou não, é perceber que se trata dum recurso de criação do texto literário, para compor uma hétero-imagem do Rio de Janeiro, do ritmo de vida do carioca e, em particular, do profissional do surfe. Nas palavras de Carl Thompson, “travel writers are notoriously prone to summing up whole cultures, and passing sweeping judgements on other peoples and places on the basis of just a few personal impressions, or from merely anecdotal evidence” (Thompson, 2011: 90).

Ainda no sentido de narrar as boas experiências que teve no Rio de Janeiro (e, implicitamente, dar conselhos quanto ao que fazer lá), Andreas Wunn escreve quase seis páginas sobre o voo de asa-delta no capítulo “Fliegen mit dem großen Paul”. Descreve toda a preparação anterior ao salto, como é o professor Paulão; os lugares sobre os quais voou, como as praias, as favelas, as montanhas; alguns lugares que conseguiu reconhecer e destaca que mais uma vez se encantou com a beleza do Rio de Janeiro: “Wieder einmal übermannte mich die Schönheit Rio de Janeiro. Diese magische Kombination aus Wasser, Wald und Felsen. Und jedes Mal, wenn wir direkt aufs Meer zuglitten, dachte ich, wie schön es wäre, endlos weiterzufliegen” (Wunn, 2013: 129).

Esse trecho em que descreve as belezas naturais, topográficas e urbanísticas durante o voo de asa-delta é exemplificativo dum fenômeno recorrente na obra e também noutras obras de estrangeiros a respeito do Brasil. Percebe-se que em vários momentos o autor destaca a beleza natural e arquitetônica da cidade, mesmo quando trata de temas mais complexos como as diferenças sociais, a violência ou o racismo. Às vezes, parece uma tentativa de balancear o que há de bom e o que há de mal numa cidade ou pode ser uma

perplexidade perante o facto de que um lugar ao mesmo tempo seja tão belo e tenha tantos problemas.

A investigadora Celeste Souza, referência na área da imagologia, ao analisar essa tradição de exaltação das belezas naturais e paisagísticas do país, linha seguida por Wunn nesse excerto, afirma que “as imagens do Brasil estarão associadas a um espaço físico de fertilidade, de beleza e riqueza incomuns e a um ambiente onde o homem se sente ou busca sentir-se feliz e pleno” (Souza, 2004: 151).

Numa outra situação em que sobrevoou o Rio de Janeiro, dessa vez de avião, comentou novamente a propósito da beleza quase indescritível da cidade, porventura num estilo descritivo muito característico de certo género de literatura de viagens de índole turística: “Verschwenderische Schönheit, kaum im Worte zu fassen. Eine Feierlaune der Natur, die diesen Ort so besonders macht. Farben und Formen. Wasser, Luft und schimmerndes Grün, von der Sonne bestrahl. Es ist ein Anblick, den man nie wieder vergisst” (Wunn, 2013: 30).

Esse capítulo sobre o voo de asa-delta é encerrado com uma pergunta ao professor Paulão: quem tem mais medo de voar, os gringos ou os brasileiros? E Paulão prontamente responde: os brasileiros.

Wenn ein Gringo zu mir kommt, um einen Flug zu buchen, hat er sich das vorher gut überlegt und sich vorbereitet. Er ist also fest entschlossen. Bei den Brasilianern sieht das anders aus. Sie schauen erst mal beim Landeplatz vorbei und wissen noch nicht genau, ob sie wirklich fliegen wollen. Sie entscheiden sich dann spontan. Und bekommen es manchmal, wenn sie oben stehen, mit der Angst (...)

Wenn ein Gringo Angst hat, zeigt er sie nicht (...) Der Brasilianer lässt alles raus. Redet oder schreit sich während des Fluges die Angst aus dem Leib (*idem*: 130).

É interessante notar que nesse trecho, tal como acontece noutros que serão analisados a seguir, o autor coloca na fala doutras pessoas, muitas vezes dos brasileiros, uma opinião a respeito dos mesmos. Nesse caso, apesar da questão evidente ser o medo do voo, é de se notar a oposição: brasileiros indecisos e dominados pelas emoções *versus* estrangeiros decididos e racionais.

Ottmar Ette, em *Literatur in Bewegung*, estabelece paralelos entre os romances e os relatos de viagem, tratando do recurso do diálogo e da polifonia na construção das imagens

do “eu” do narrador e do “outro”, evidente nos capítulos acima descritos bem como noutros que serão analisados na sequência. Afirmo que o diálogo deve ser reconhecido como condição fundamental para a experiência escrita, visto que o “outro” é colocado em relação ao “eu”, independentemente do tipo de hierarquia existente entre ambos (Ette, 2001: 38-39). Portanto, essas outras vozes são essenciais para diferenciar e contrastar as culturas brasileira e estrangeira, sendo irrelevante se tais vozes são reais ou ficcionais.

Ainda a respeito das múltiplas vozes presentes nos diálogos, isso consiste num recurso literário utilizados pelos autores, que muitas vezes colocam nas palavras doutros participantes duma cena os pensamentos, sentimentos e perspectivas que o autor pretende transmitir. Quando os diálogos são narrados na forma direta, passam a impressão de que o escritor, ao elaborar o seu texto, se lembrava exatamente das palavras utilizadas na conversa. Porém, isso é extremamente improvável, a não ser que o autor estivesse simultaneamente a tomar notas ou a gravar, no decorrer da conversa. Dessa forma, quando o autor apresenta aos seus leitores um diálogo direto, será sempre um relato em certa medida ficcionalizado da sua experiência e da viagem (Thompson, 2011: 28).

Tal polifonia aparece também noutra parte na qual o autor trata de aspetos positivos da vida no Rio de Janeiro, como no capítulo “Das erste Date”, onde, por meio de diversos diálogos com a sua namorada, Sophia, o narrador descreve o seu encanto com a vida noturna na praia de Copacabana. Já passava das dez horas da noite e ainda viam-se pessoas praticando esportes, sentadas nos bares a beber cerveja e caipirinha: “Der Strand war wie ein großer Spielplatz für Erwachsene, selbst um diese Zeit” (Wunn, 2013: 117).

Em conversa com Sophia, o narrador afirma a sua admiração pela aparente leveza e beleza do estilo de vida carioca: “Ich finde Rio einzigartig. Es ist ein gutes Leben hier, wenn man genug Geld hat. Alles findet draußen statt. Die Cariocas sind entspannt und freundlich. Rio macht es einem wirklich leicht” (*ibid.*).

Como é evidente, outro tema como que obrigatório no relato do viajante alemão semi-integrado na cultura brasileira é o futebol, afinal escrevia no ano anterior ao campeonato mundial de futebol que seria sediado no Brasil e no país que se autointitula “país do futebol”. No capítulo “Drei Chancen für Flamengo”, o jornalista descreve a sua primeira experiência num estádio de futebol no Brasil, ao mesmo tempo em que compara a relação dos brasileiros e dos alemães com o futebol.

O capítulo começa com a conversa entre o narrador e o seu amigo Carlos, que, surpreso, pergunta se na Alemanha não existe uma estação de rádio que trata de futebol o dia inteiro, como acontece no Brasil aos domingos. O jornalista responde que não e que a cobertura dos jogos é de duas horas, no máximo. Logo explica aos leitores alemães que domingo é o dia do futebol no Brasil e que na rádio se escutam, praticamente o dia inteiro, a narração de jogos, bem como comentários e os resultados.

Wunn também explica quais são as principais equipas de futebol do Rio de Janeiro, dando destaque ao Flamengo, a equipa com maior número de adeptos do Brasil. Era surpreendente para o narrador encontrar no estádio a grande quantidade de pessoas vestidas com a camisa preta e vermelha da equipa e destaca que isso era uma questão de honra para os adeptos (*idem*: 133).

A relação como que amorosa dos brasileiros com o futebol também é analisada. A pergunta “für welchen Verein bist du eigentlich?” foi muitas vezes dirigida ao jornalista, que se sentia incompreendido ao dizer que não era adepto de nenhuma equipa e que, na verdade, tinha mais interesse pelo ténis do que pelo futebol. Wunn afirma que, em geral, a relação dos latino-americanos com o futebol é bem diferente da média dos alemães. Com humor, ele afirma que enquanto estrangeiro se sentia um estranho por não ter o costume de olhar os resultados do seu clube favorito, a escalação exata dos últimos jogos e os golos mais importantes dos últimos anos (*idem*: 134-135).

Através da figura do seu amigo Carlos, descreve-se a emoção que o futebol suscita nos brasileiros. Esse amigo estava quase sempre sério, mas quando o seu clube marcava um golo, ficava feliz como uma criança e batia palmas de maneira que o narrador julgava constrangedora e comparava, com um subtil sarcasmo, com a primeira-ministra alemã: “Meistens schaut er sehr ernst und nachdenklich. Doch wenn Flamengo ein Tor schießt, lacht er wie ein Kind und klatscht in die Hände wie Angela Merkel. Etwas unbeholfen und mit gespreizten Fingern” (*idem*: 133).

O narrador ainda relata mais dois jogos do Flamengo a que assistiu no estádio. Mas, além de expressar a alegria que sentia, também falou de problemas no estádio e das dificuldades de acesso. Trata dessa questão com seu habitual humor e ironia, e usa o bordão “Imagina na Copa!”, que foi muito popular entre os brasileiros nos anos que antecederam o campeonato mundial de futebol. Wunn refere que se escutava isso com muita frequência

nos aeroportos, que não estavam preparados, como seria de se esperar, para receber o enorme fluxo de turistas gerado por um evento como esse (*idem*: 141).

Um ponto em comum dos diversos capítulos que abordam as oportunidades de diversão no Rio de Janeiro é o destaque que é dado ao lado emocional e “de bem com a vida” dos habitantes dessa cidade, como se fosse possível definir uma cidade inteira com um “happy mood” (Thompson, 2011: 90). Em todos os trechos citados nesta secção transparece um clima festivo, de lazer e diversão, do qual a imagem da capa do livro é uma síntese iconográfica. Tais aspetos também serão desenvolvidos na próxima secção, que trata das alegadas características dos “Cariocas”.

2.1.3 “Wie würdest du den typischen Carioca beschreiben?”

Em diversos capítulos, mas principalmente em “Pedrinho und die Klimmzüge am Strand”, o autor ocupa-se de descrever os cariocas, sua aparência física, seus gestos, seus hábitos, como se relacionam com os outros, etc. Um dos pontos tratados é o seu costume de praticar esportes, que o estrangeiro identifica como um traço característico dos cariocas. Relata que, cedo ou tarde, qualquer carioca vai colocar uma “questão crucial”: qual esporte que você pratica? Conta que nas orlas de Copacabana e de Ipanema todos os esportes acontecem: corrida, caminhada, skate, bicicleta, surfe, vôlei, futebol, futevôlei, não importa o horário, desde as seis da manhã até à meia-noite. Na opinião do jornalista, os cariocas não dormem, eles praticam esporte dia e noite, pois o que importa é ter uma boa aparência.

Além de todos esses esportes praticados nos calçadões e nas praias da zona sul do Rio de Janeiro, a prática da musculação em espaços criados em quase todas as praias chama a atenção do jornalista. Esses espaços cheios de aparelhos de ginástica e pesos são pontos de encontro para os “*Fitnessfans*” de todas as classes sociais, tanto os jovens da favela como os corredores idosos. Foi precisamente aí que o narrador conheceu Pedrinho, um típico carioca que é descrito, quanto ao seu físico e à sua forma de ganhar dinheiro nas seguintes palavras:

Einen Kopf kleiner als ich, stand vor mir mit Schultern doppelt so breit wie meine. Er wohne in Copacabana und mache irgendwie in Tourismus, erzählte er. Wie ich später erfahren sollte, verdient er sein Geld unter anderem damit, dass er es verleiht. Eine Woche für dreißig Prozent Zinsen. (...) Wie sein Alltag im Geldverleih aussieht, habe ich ihn nie gefragt (Wunn, 2013: 80).

Esse trecho ilustra bem o estereótipo do malandro, muitas vezes associado ao carioca, como uma pessoa que se procura valer de formas “fáceis” de ganhar o seu sustento, muitas vezes às custas da ingenuidade ou da necessidade dos outros. Pedrinho, um jogador de futebol aposentado, jogava futevôlei e assediava verbalmente as mulheres que passavam na rua, convidando-as a treinar junto num dos espaços de musculação, do qual ele era frequentador assíduo. É no diálogo com ele que o narrador define o que seria um típico carioca: extrovertido, espontâneo, de bom humor e que tem a praia e o esporte como elementos fundamentais do seu dia-a-dia. Nas palavras do próprio Pedrinho:

Den typischen Carioca? Er ist auf jeden Fall extrovertiert. Ein Typ, der dich nach ein paar Minuten zum Bier einlädt oder zum Fussball. Er ist ganz spontan und immer gut drauf. Das hat vielleicht auch mit dem Klima zu tun. (...)

Der Strand ist für uns ein grosses Vergnügen. Am Wochenende geht der Carioca auf jeden Fall an den Strand. Wenn er kann, auch während der Woche. Um zu baden, um mit seinen Freunden zu quatschen und Sport zu treiben. Wir wollen fit sein, aber vor allem wollen wir uns gut fühlen. Der Strand ist ganz wichtig (...). (*Idem*: 83).

Ainda nessa conversa, o jornalista pergunta se para o carioca o futebol é tão importante quanto a praia. A resposta que recebe é que o “futebol é o grande amor dos brasileiros”. Mesmo quando há muitos problemas acontecendo, até mesmo quando não tem condições financeiras, quando só consegue comer “arroz com feijão”, se a equipa do brasileiro estiver bem, ele fica feliz. Por isso que o mundial de futebol é tão importante para o brasileiro (*idem*: 84). É interessante destacar que a definição do carioca não vem das palavras de Wunn. Percebe-se aqui, mais uma vez, a estratégia narrativa de colocar os conceitos do viajante narrador nos diálogos e no discurso do outro.

O capítulo “Einkaufen in Rio: ziemlich nackt und ziemlich langsam” é dedicado à descrição dum dia de compras num supermercado no verão do Rio de Janeiro. Explica-se primeiramente que durante os meses de janeiro e fevereiro, quando faz um calor intenso, os cariocas andam pelas ruas “quase sem roupas”, principalmente os homens. Observa-se que a roupa básica do verão são calções de banho e chinelos Havaianas, mesmo fora da praia e independentemente do físico da pessoa. O narrador estrangeiro acrescenta, num tom deveras satírico, que o “figurino” pode ter variações, pode-se estar molhado do mar ou não,

com as Havaianas ou mesmo com os pés descalços. Assim, faz mais uma caricatura dos cariocas:

Und deshalb mag er selbst bei den lästigen Pflichten des Alltags nicht auf sein Lieblingsoutfit verzichten. Das sind Badehose und Havaianas und viel nackte Haut. Und so spaziert der selbstbewusste Carioca auch draußen herum, fährt Bus oder kauft im Supermarkt ein. Alles mit freiem Oberkörper und egal mit welchem Bauchumfang (...) Die Karte selbst steckt entweder im Hosenbund oder in der Gesäßtasche der manchmal noch feuchten Badehose. Wer bar zahlt, tut dies nicht selten mit durchweichten Scheinen (*idem*: 207).

Ainda outra caracterização do carioca veiculada no discurso dum terceiro aparece no capítulo “Churrasco mit Gringos”. Na situação narrada, o jornalista participa dum churrasco para o qual uma amiga o convidou, num lugar privilegiado da cidade, próximo à praia. Entre os convidados estavam brasileiros e alguns estrangeiros de vários outros países: Argentina, França e Suécia, ou seja, nas palavras de Wunn: “die Gäste waren bunt gemischt” (*idem*: 121). Um dos brasileiros presentes é o carioca Pedro, de quem é feita uma breve descrição. Esse é um trecho onde é possível perceber um estranhamento do olhar do narrador em relação à aparência dum engenheiro (Pedro) e da sua mulher, uma advogada, em contraste com a imagem pré-concebida de pessoas profissionalmente qualificadas, das quais o jornalista esperaria terem uma aparência mais “bem cuidada”.

Ich schätzte ihn auf Anfang fünfzig. Verlebt sah er aus, zu viel Alkohol und zu viele Zigaretten, schlechte Zähne, verwaschenes T-Shirt. Seine Frau mochte etwas jünger sein als er, wirkte aber ebenfalls nicht sonderlich gepflegt. Ihre gefärbten Haare wuchsen gerade heraus. Umso verwunderter war ich zu erfahren, dass er Ingenieur sei und sie Anwältin. Auch das ist Rio. Hier kann ein erfolgreicher Akademiker bisweilen aussehen wie ein Strandclochard (*idem*: 122).

É interessante notar aqui que o nativo é descrito com tintas fortes, quase como se fosse um “bárbaro”. Mesmo séculos depois das primeiras vindas de europeus para o Brasil e guardadas as devidas proporções e as diferenças decorrentes das épocas distintas, o olhar não é muito diferente. O alemão vê no brasileiro o selvagem, não civilizado. Deve ser ressaltado, porém, que a interpretação desse comentário do narrador sobre um engenheiro de aparência mal cuidada, pode ser ambígua. Tanto pode ser que o narrador tenha ficado consternado, reiterando o olhar de “superioridade”, quanto pode ter achado positiva essa

falta de preocupação com a aparência estética, estando implícito que o Brasil seria um lugar onde se pode viver mais livremente. O narrador não toma um posicionamento claro, deixando essa possibilidade de interpretação aberta ao leitor. O mais interessante, porém, é perceber que há esse paralelismo entre o olhar do estrangeiro em relação ao brasileiro na obra analisada e nos relatos anteriores, ainda que não seja necessariamente com o mesmo viés.

Nesse mesmo capítulo, ao contar que tem uma namorada brasileira, segue-se um diálogo entre o narrador e outros participantes do churrasco que começa com o assunto do interesse dos gringos pelas mulheres brasileiras e termina com um estereótipo muito frequente com relação ao trabalho. Pedro diz que conhece três alemães que bebem muito, mas também trabalham muito. A seguir é o personagem sueco que verbaliza o estereótipo recorrente de que os gringos trabalham muito e os cariocas não: “Der Unterschied zwischen Gringos und Cariocas ist ganz einfach: Cariocas reden viel, Gringos arbeiten viel” (*idem*: 123). Fica uma situação constrangedora entre os participantes, todos se calam e Carla, a amiga do jornalista alemão, faz uma analogia entre os cariocas e os paulistanos (as pessoas naturais da cidade de São Paulo), também reforçando um estereótipo que é muito frequente internamente no Brasil que apresenta os paulistanos como trabalhadores e os cariocas como *bons-vivants*. Pedro encerra o diálogo com a observação de que todos gostariam de ser cariocas. É um diálogo que tem uma estrutura mal construída, em que se transita dum assunto para outro de forma abrupta. Mas serve bem ao propósito de apresentar as opiniões do narrador sobre os cariocas e os estrangeiros, nas palavras de terceiros, embora ele mantenha-se calado e não concorde expressamente com a opinião do sueco ou de Pedro.

O estereótipo do “carioca malandro” é objeto de diversas representações em obras de arte, como quadros, canções, literatura, peças de teatro, bem como tema de diversas análises e estudos acadêmicos. Ressalte-se que é um estereótipo muito forte não apenas na imagem do Brasil e do carioca projetada no exterior quanto internamente no país, na própria auto-imagem que é veiculada, cultivada e reforçada.

Um dos principais ícones desse estereótipo e que certamente teve papel muito relevante na sua divulgação é o personagem “Zé-Carioca”, criado pela Disney em 1942.¹⁴

¹⁴ O personagem Zé Carioca foi uma criação da Disney num momento em que os Estados Unidos, sob a presidência de Franklin Roosevelt, implementavam a “política da boa-vizinhança”, buscando uma aproximação com os países latino-americanos, durante a Segunda Guerra

Massagli (2018: 242) apresenta de forma bastante sintética uma descrição do personagem e do estereótipo que inspirou a sua criação:

Zé Carioca é um papagaio antropomorfizado, retratado como preguiçoso, malandro, que gosta de enganar as pessoas, sempre se esconde de seus credores e gosta de flertar com muitas mulheres. Em suma, seria a representação falsa de um malandro. Digo falsa porque é uma representação unidimensional, que faz desses traços um atalho para essencializar uma identidade que é muito mais complexa.

Fica evidente que o personagem Zé Carioca foi construído a partir de um estereótipo, aquele malandro carioca das primeiras décadas do século XX, uma figura marginal, normalmente um negro ou mestiço, avesso ao trabalho, que vivia de expedientes, cultuava a vadiagem, a capoeira e o samba.

Algumas observações são essenciais para se analisar e compreender o estereótipo do carioca apresentado por Wunn no livro. Em primeiro lugar, é fundamental ter em mente que o Rio de Janeiro e os cariocas tratados pelo jornalista na obra são um recorte dum universo muito maior. As experiências e os episódios narrados acontecem essencialmente na Zona Sul da cidade e com os habitantes dessa região, que pertencem à elite ou pelo menos às classes sociais mais privilegiadas. Mas a grande maioria da população vive noutras zonas da cidade e enfrenta condições de vida e de trabalho muito adversas. O porteiro Antonio e a empregada Rosângela são dois personagens retratados no livro que representam essa imensa população de moradores do Rio de Janeiro, ou seja, cariocas. Mas o que é interessante notar aqui é que tais personagens não se encaixam no estereótipo do “carioca”, veiculado na obra de Wunn e em tantas outras obras e mídia no Brasil e no mundo. Como refere Massagli, trata-se de uma simplificação, ao resumir a apenas poucas características uma identidade muito mais complexa.

Outro aspecto chave para se compreender como o estereótipo do carioca malandro dialoga com a imagem transmitida do Brasil diz respeito ao olhar do “estrangeiro trabalhador” sobre o “nativo ocioso e indolente”. As diferentes maneiras pelas quais o narrador caracterizou os cariocas sempre são carregadas de humor, porém esse tipo de alterização, ainda que numa roupagem completamente diferente, muito lembra tantas outras representações dos índios nativos do Brasil (indolentes, amantes da liberdade e

Mundial. Walt Disney esteve no Brasil em 1941, lançou o personagem em 1942 e em 1943 lançou os filmes *Alô, Amigos* e *Você já foi à Bahia?*, nos quais Zé Carioca era um dos protagonistas.

governados pelo hábito) e dos negros (preguiçosos e negligentes), feitas no passado pelos europeus.¹⁵ Esse mito da superioridade europeia, desenvolvido, reforçado e naturalizado ao longo dos séculos, não se resume a discursos de europeus para não europeus. Também reverbera em desdobramentos dentro do Brasil, com categorização similar dos brasileiros, especificamente dos cariocas, nesse caso, e outros estereótipos regionais; “são discursos de mundos urbanos sobre mundos não urbanos, discursos burgueses e letrados, sobre mundos não letrados e rurais” (Barbato, 2016: 232).

É evidente que não se vai encontrar nas obras qualquer suporte direto ou defesa desse tipo de categorização anacrônica dos seres humanos e das pessoas de diferentes culturas. Trata-se duma visão muito defendida em séculos passados, mas que é completamente obsoleta e ultrapassada. O autor, Andreas Wunn (e também a personagem do narrador viajante), é uma pessoa cosmopolita, que valoriza a diversidade e a diferença entre as culturas, sem ter uma abordagem neocolonialista. Contudo, Debbie Lisle argumenta que muitos dos escritores de viagens contemporâneos têm consciência de que a abordagem colonial, de diferenças entre “raças” e povos é descabida. Mesmo ao tratar de tais questões com ironia e humor, contribuindo para a formação de leitores cosmopolitas, mais tolerantes, que compreendem as diferenças culturais e que conseguem rir dos estereótipos, é possível que os autores estejam continuando a reforçar tais estereótipos e, conseqüentemente, o mito da superioridade europeia (Lisle, 2006: 100-107).

2.1.4 “Ganz brasilianisch”

O narrador-viajante começa a descrição do seu primeiro dia no Brasil pelas suas experiências na chegada ao aeroporto, com algumas reclamações sobre diferentes situações. Conta que era um dia cinzento e chuvoso, em que saía com suas malas e irritou-se pela primeira vez com o mau funcionamento do carrinho de malas do Aeroporto Internacional do Galeão. Ao tratar dos aeroportos, Wunn expressa uma das críticas recorrentes aos brasileiros no livro: as queixas em relação aos atrasos. “Flughäften in Brasilien sind Albträume. Ausnahmen gibt es leider keine. Ob Rio de Janeiro, São Paulo oder Brasilia. Es empfiehlt sich immer, viel Zeit, viel Geduld, gute Nerven und ein gutes Buch mitzubringen. Falls es wieder wie so oft länger dauert” (Wunn, 2013: 100). Noutra parte da sua narrativa, afirma que a pontualidade nos voos é uma raridade (*idem*: 27), mas mitiga

¹⁵ Para maior aprofundamento no assunto, ver Barbato (2016) e Munanga (2004).

essa crítica com um elogio à simpatia da tripulação de cabine no Brasil, em contraste com a tripulação das companhias aéreas europeias.

A irritação com a falta de pontualidade dos brasileiros e a lentidão com que fazem as coisas aparece não apenas no contexto dos aeroportos, mas em várias outras situações, como, por exemplo, no caixa do supermercado, ou com o seu professor de surfe, como visto anteriormente. Ao adotar, por assim dizer, uma visão de antropólogo conhecedor, o narrador faz referência a um suposto senso de tempo diferente dos brasileiros e afirma que a pontualidade seria até mesmo considerada rudeza:

Wie oft ist schon über das völlig andere Zeitempfinden der Brasilianer geredet, geschrieben und geschimpft worden. Irgendwo habe ich gelesen, dass in Brasilien das Nichterscheinen als extremste Form des Zuspätkommens angesehen wird. Pünktlich aufzutauchen, vor allem bei einer privaten Verabredung oder zu einer Party, macht hierzulande keinen Sinn und wird machmal sogar als unhöflich angesehen (*idem*: 68).

Outra situação em que destaca o mesmo tema é na conversa com Pedrinho, o “típico carioca”, conforme analisado na secção anterior. Ambos tinham combinado de se encontrar para assistir a uma partida de futevôlei. O jornalista estrangeiro já esperava o atraso, porém Pedrinho chegou no horário combinado, situação que terá deixado o narrador “perplexo”, que então o questionou, a dizer que ele era muito pontual para um carioca. Pedrinho responde que aprendeu na França a pontualidade e o respeito (*idem*: 81), reforçando assim ironicamente a imagem construída pelo narrador de impontualidade e desrespeito como traços característicos dos brasileiros.

Sobre a imagem de atraso e lentidão dos brasileiros, assim como a reiteração duma visão eurocêntrica, Karen Lisboa faz uma interessante análise do que o escritor alemão do início do século XX Norbert Jacques escreveu a esse respeito:

Nas observações de Jacques, há nítidas dimensões de uma crítica ao imperialismo, bem como às atitudes arrogantes dos europeus. No entanto, prevalece a ambivalência que ora se revela em puras observações eurocênicas e em repetições de preconceitos já tão naturalizados. Se em certos momentos elogia o antimaterialismo dos brasileiros, em outros retoma argumentos raciais, alegando ser ele herança dos negros e índios. E nesse sentido, provoca os brios patrióticos: em vez de “ordem e progresso”, o lema da bandeira nacional deveria ser “amanhã e paciência” (Lisboa, 2013: 73).

No capítulo *“Einkaufen in Rio: ziemlich nackt und ziemlich langsam”* aprofunda-se a reflexão a respeito da concepção e percepção do tempo no Brasil, afirmando o viajante que tudo no Brasil demorava pelo menos o dobro do tempo necessário para se fazer a mesma tarefa na Alemanha, principalmente no supermercado. Para reforçar suas impressões a respeito do que chamou de “lentidão brasileira” (*“brasilianische Langsamkeit”*), Wunn cita o livro *Uma Geografia do Tempo*, do professor de psicologia norte-americano Robert Levine, que chegou a viver no Brasil nos anos 1970. Levine viajou praticamente pelo mundo inteiro e comparou o ritmo de 31 países, com atenção a três variáveis: velocidade dos peões; agilidade dos correios e precisão dos relógios. Da pesquisa de Levine é destacado que o brasileiro caminha devagar, ficando na última posição no ranking. Na média geral, o Brasil ficou em 29º lugar. A Alemanha, em terceiro e a Suíça, em primeiro lugar (Wunn, 2013: 211).

No livro de Robert Levine também se afirma que os brasileiros estão sempre atrasados para os seus compromissos e, em geral, as pessoas mais atrasadas são as mais bem-sucedidas, que podem manter seus subalternos esperando: *“Brasilianer halten unpünktliche Menschen sogar für erfolgreich und pünktliche für Versager. Wer ständig zu spät kommt, ist beliebt, weil man ihn für gut gelaunt und relaxed hält”* (*idem*: 212).

O jornalista não faz uma análise aprofundada do livro do estudioso americano, mas afirma não se sentir mais sozinho no seu choque cultural e na sua impaciência com a lentidão brasileira. Depois disso, narra um episódio ocorrido no supermercado, em que estava na fila do caixa para pagar e percebeu que não tinha pesado as frutas, o que deveria ter feito noutro setor. Ele pede desculpas, sai da fila para pesá-las e, quando volta, para sua grande surpresa, as pessoas ainda estavam esperando por ele, sorrindo. Isso o leva a concluir que o brasileiro é o povo mais relaxado do mundo. Também sobre o bom humor dos brasileiros, afirma que existem poucas coisas sobre as quais não aceitam piada, designadamente o carnaval e o futebol, estereótipos clássicos sobre o povo e a cultura brasileira.

Sobre o tema da alimentação, no capítulo *“Kalt wie blöd”*, o jornalista trata da famosa caipirinha, explicando os ingredientes e como é feita. Ressalta a importância da temperatura das bebidas para os brasileiros, que sempre gostam que estejam bem geladas. O viajante alemão afirma que os brasileiros bebem muita cerveja, compram sacos de gelo para gelar as bebidas e destaca, como algo surpreendente, que existam até lojas que vendem gelo, para

que as bebidas estejam sempre estupidamente geladas, como se diz no país, o que foi traduzido por ele como a expressão que dá nome ao capítulo.

O narrador elabora um capítulo inteiro para explicar como funciona um rodízio de carne numa churrascaria: “Ein Ballett der Spiesse. Eine Choreografie des Fleisches”. Explica os cortes das carnes, os acompanhamentos, que o costume do rodízio vem do estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul, mas que quem costuma trabalhar nos rodízios são migrantes vindos da região nordeste do Brasil. Afirma que se come exageradamente nos rodízios e que o exagero é um traço marcante em vários aspetos, tais como “a beleza natural”, “a sensualidade das mulheres”, “o exotismo das praias”, “o entusiasmo pelo futebol”, a quantidade de políticos corruptos, a acumulação de eventos gigantescos e “também o comportamento alimentar”:

Generell ist in Brasilien alles leicht übertrieben. Im Guten wie im Schlechten. Die Schönheit der Natur: übertrieben. Die Sinnlichkeit der Frauen: übertrieben. Die Exotik der Strände: übertrieben. Die Begeisterung für Fußball: übertrieben. Die Anzahl korrupter Minister: übertrieben. Fußballweltmeisterschaft und Olympische Spiele innerhalb von zwei Jahren: übertrieben. Und eben auch das Essverhalten (*idem*: 169).

Tal exagero e o gosto por aumentar as coisas aparecem inclusive em especificidades da linguagem e o autor aponta que no português brasileiro existe o aumentativo formado pelo substantivo acrescido de sufixo (na maioria dos casos, o sufixo “-ão”), algo que não existe em alemão, e constata que isso se aplica inclusive ao nome das pessoas, que muitas vezes têm alcunhas no aumentativo: “Im brasilianischen Portugiesisch gibt es etwas, das man im Deutschen so nicht kennt. Es handelt sich um den Augmentativ eines Substantivs mittels Suffix. Klingt verwirrend, ist aber bemerkenswert, weil es viel über das Seelenleben des Brasilianers aussagt” (*idem*: 126).

Percebe-se que os traços que o narrador indica como característicos dos brasileiros são análises bastante superficiais e generalizantes. É evidente que, conforme já referido anteriormente, o objetivo do livro é proporcionar uma leitura agradável e divertida para pessoas de língua alemã que poderiam ir ao Brasil como turistas nos anos seguintes, para assistir ao campeonato mundial de futebol e aos Jogos Olímpicos. Ainda assim, é bastante revelador perceber que os brasileiros são definidos a partir de alguns poucos traços escolhidos pelo jornalista alemão, que servem como base para traçar um quadro bastante

estereotipizado da sociedade e do país. É curioso que esses estereótipos reflitam, ainda que sob roupagens algo diferentes, imagens há séculos construídas sobre os brasileiros, como sendo um povo preguiçoso, cordial, malandro, alegre, relaxado e impontual, por exemplo.

2.1.5 “Ein *jeitinho* ist also ein *Auswegchen*”

Um capítulo inteiro é dedicado a explicar o que é o famoso “jeitinho brasileiro”. O narrador apresenta uma história que aconteceu no Sambódromo do Rio de Janeiro, enquanto a emissora de televisão ZDF se preparava para a transmissão dos desfiles das escolas de samba. Estavam programadas quatro “entradas” de Wunn para o programa *ZDF-Morgenmagazin*¹⁶ e, depois da primeira entrada, em que contou sobre a atmosfera e a energia presentes durante a concentração das pessoas que iam desfilar e dos brasileiros em geral, Claus, o produtor do programa, comunicou ao apresentador que tinham um problema: de acordo com a organização, não poderiam estar a ocupar a posição onde a equipa se encontrava, pois aquela era a posição doutra emissora de televisão.

Devido ao que parece ter sido um problema de comunicação anterior ao evento, o narrador afirma que havia chegado o momento em que precisaria dar um “jeitinho” e apresenta a sua definição desse conceito alegadamente tão essencial para a vida brasileira:

Der Begriff leitet sich ab vom portugiesischen Wort *jeito*: Weg oder *Ausweg*. Ein *jeitinho* ist also ein *Auswegchen*, eine Lösung in einer schier ausweglosen Situation, in der man seinen Kopf so gerade noch aus der Schlinge zieht. In Brasilien gilt das für jede ungenehme Lebenslage (...)

Ohne das würde das Land nicht mehr funktionieren, würde paralysiert und träge vor sich hindümpeln, weil alles ewig dauert und sich niemand um nichts kümmert. Erst der *jeitinho* fordert den kreativen Geist des Brasilianers heraus und stachelt ihn an, die eleganteste Problemlösung für einen spezifischen Problemfall zu finden.

Wenn tausend Regeln in den Abgrund führen, zeigt der *jeitinho* das Licht am Ende des Tunnels. Man muss nämlich wissen: Im Vergleich mit der brasilianischen Bürokratie kommt jede mittelmässige deutsche Behörde daher wie ein voll automatisiertes Hochgeschwindigkeits-Service-Center (Wunn, 2013: 232-233).

Nessa passagem, pode-se perceber que o autor alemão tenta esclarecer aos leitores, de maneira bastante crítica, o uso do “jeitinho” no Brasil. A flexibilidade e a simpatia do

¹⁶ Destaca-se que os desfiles do carnaval brasileiro acontecem, na sua maior parte, na madrugada e que, com a diferença de três horas de fuso-horário, os alemães só assistiriam a transmissão no período da manhã.

brasileiro, que noutros momentos do livro são elogiadas e vistas com bom humor, nesse trecho recebem duras críticas. O jornalista ressalta que o jeitinho é uma prática quotidiana e amplamente aceita na sociedade brasileira. Serve para solucionar todos os problemas no Brasil e pode ser concretizado através de relacionamentos, promessas, recompensas e até chantagens. Para o autor, tal prática é a mais brasileira de todas as soluções, quando todas as outras tentativas já falharam (*idem*: 234).

Para resolver o referido problema da dupla reserva do espaço previsto para os operadores de televisão, o narrador relata que Claus, o produtor do programa, que era brasileiro, foi conversar com o segurança daquela área do Sambódromo. Foi uma longa conversa, de cerca de vinte minutos, em que Claus explicava a situação e repetia algumas vezes o mal-entendido. O autor destaca a maneira como o produtor falava: “Claus palaverte freundlich, witzig, selbstbewusst” (*idem*: 238). E, no final da conversa, ficou tudo bem; conseguiram chegar a um acordo e estavam todos como “irmãos”: “Jetzt lagen sie sich in den Armen. Schulterklopfen und wiederholte gegenseitige Respektbezeugungen. Zufriedenes Lachen auf beiden Seiten und komplizenhafte Daumen-hoch-Zeichen” (*idem*: 239). Depois de tudo resolvido, no final das gravações, com os equipamentos já organizados, deram dinheiro ao segurança, cerca de quarenta euros.

Ainda para exemplificar a estarecedora burocracia existente no Brasil e a necessidade do uso do jeitinho, Wunn invoca a profissão do despachante, que, de acordo com ele, seria a profissionalização do jeitinho. Conta que ele mesmo precisou de contratar um desses profissionais para resolver alguns problemas relativos à sua autorização de residência quando chegou ao Brasil, tendo sido aconselhado a contratar esses serviços para acelerar o processo.

No mesmo capítulo, há a narrativa do encontro do autor com o senhor Jorge, o despachante, que prefere ser tratado como um “juristischer Berater”. O senhor Jorge é descrito fisicamente, assim como a conversa que tiveram. Nessa conversa, o senhor Jorge fala com orgulho a respeito de seus quarenta anos de experiência na profissão, da nacionalidade preferida de seus clientes, da sua especialização em imigração, dos seus bons contactos com os funcionários da polícia federal e do ministério do trabalho em Brasília, de modo que Wunn o descreve sumariamente nos seguintes termos satíricos: “Er hatte die Kunst des jeitinho zu seinem ausschliesslichen Beruf gemacht” (*idem*: 236).

O tema do jeitinho brasileiro já foi amplamente debatido por historiadores, antropólogos e sociólogos brasileiros. Podemos citar como fundamental a obra pioneira do antropólogo Roberto DaMatta, e principalmente os seus livros *Carnavais, malandros e heróis*, de 1979 e *O que faz o Brasil, Brasil?*, de 1984.

DaMatta considera que existem dois tipos de sociedades: a da pessoa e a do indivíduo. Ele considera sociedades da pessoa aquelas culturas em que os laços interpessoais de convivência têm papel determinante para os destinos dos membros do grupo. Os desfechos sociais são diferentes a depender do grupo social ao qual se pertence. O autor considera que as sociedades latinas são desse tipo.

Já as sociedades do indivíduo são aquelas em que os desfechos sociais são vinculados a regras transparentes e públicas. As pertenças grupais não são relevantes, o que valem são as leis, iguais para todos. Exemplos desse tipo de sociedade são a França, a Inglaterra, os Estados Unidos. Trata-se dum modo de organização e funcionamento social estruturado a partir das necessidades do capitalismo, da economia de mercado e da ideologia liberal (Wachelke & Prado, 2017: 148).

Quanto à sociedade brasileira, DaMatta considera tratar-se duma condição *sui generis*, uma fusão imperfeita da sociedade da pessoa com a do indivíduo. O Brasil seria uma sociedade liberal e moderna com regras impessoais, mas o modo de funcionamento tradicional – da pessoalidade – teria grande influência na resolução de problemas, constituindo a supremacia do pessoal sobre o impessoal.

Mas no Brasil, a comparação por contrastes revela uma dupla possibilidade. E mostra que o sistema é dual: de um lado, existe o conjunto de relações pessoais estruturais, sem as quais ninguém pode existir como ser humano completo; de outro, há um sistema legal, moderno, individualismo (ou melhor, fundado no indivíduo), modelado e inspirado na ideologia liberal e burguesa. É esse sistema de leis, feito por quem tem relações poderosas, que submete as massas. Assim, o sistema legal, em sociedades com esqueleto hierarquizante, não só amplia a representatividade de amplos setores do sistema, mas tende também a sufocar esses setores por meio do jugo impessoal da lei. A consequência disso é, (...) uma estrutura dual, que tende a autoalimentar-se na dialética da lei draconiana e impessoal e do sistema de relações pessoais que permite, por causa disso mesmo, saltar a regra e o decreto. Daí a profunda verdade sociológica do ditado: “Aos inimigos, a lei; aos amigos, tudo!” (DaMatta, 1997: 24).

Para DaMatta, o jeitinho é a maneira encontrada pelo cidadão, que utiliza algumas estratégias para se desvencilhar da burocracia pública. Destaca que para que haja

necessidade de “dar um jeitinho” é necessário que estejam presentes na situação uma autoridade e um cidadão, que fará alguma solicitação, cada um deles representando posições sociais distintas. Nesse momento pode surgir algum entrave legal e o cidadão pode tentar apresentar alguma questão pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambiguidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) para resolver um problema impessoal. Se o agente público consente, a exceção criada anula o princípio da igualdade, refletindo-se na diferenciação entre a pessoa beneficiada pelo jeitinho e as outras pessoas que façam uso do serviço público e enfrentam os requisitos padrão (Wachelke & Prado, 2017: 148).

Resumidamente, Roberto DaMatta considera o jeitinho como uma prática social conhecida e legitimada por todos os segmentos sociais, não sendo exclusivo duma camada ou classe social.

A antropóloga Livia Barbosa, em *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*, escreve sobre as diversas maneiras como o jeitinho pode ser interpretado, dependendo das situações e das pessoas que a ele se referem.

Quando o jeitinho é contextualizado no âmbito das relações interpessoais sua interpretação é, via de regra, positiva. Quando ele surge nas discussões sobre nossas instituições, sua qualificação é negativa. Quando é descrito para estrangeiros surge com uma roupagem alegre e criativa, quando é descrito para brasileiros aparece como negativo e prejudicial ao Brasil (Barbosa, 2005: xi)

A autora propõe uma sistematização do “jeitinho brasileiro” a partir dum *continuum* que vai do favor (positivo), passando pelo jeito (que pode ser positivo ou negativo) até a corrupção (negativo).

Pese embora o narrador apresente um olhar bastante crítico quanto ao jeitinho, há que se ressaltar que ele próprio se beneficia desse recurso nas situações narradas acima. Vale lembrar que cria um distanciamento ao explicar o que é o jeitinho, caracterizando-o como algo típico do Brasil e dos brasileiros e em momento algum do livro reflete sobre como a sua postura de beneficiar-se do jeitinho contribui para perpetuar essa prática, alvo de suas críticas tão contundentes. É interessante aqui traçar um paralelo com situação análoga analisada por Carl Thompson ao se referir à obra *French Lessons in Africa* de Peter Biddlecombe, quando o investigador afirma que tal postura possibilita aos leitores

ocidentais eximirem-se de qualquer responsabilidade pela manutenção de injustiças nos países (África e Brasil, no caso), ao mesmo tempo em que fomentam uma percepção de superioridade moral e cultural e sugerem implicitamente que apenas a Europa e a América do Norte são modernos e civilizados (Thompson, 2011: 158).

2.1.6 “Zwei Welten”

No segundo capítulo, com o título *“Antonio und die brasilianische Aufzugphilosophie”*, a observação crítica do jornalista alemão direciona-se as diferenças entre ricos e pobres. Por meio das conversas com Antonio, o chefe dos porteiros do seu prédio e com Rosangela, a sua empregada doméstica, Wunn tenta explicar ao leitor o hábito brasileiro de haver nos edifícios um elevador social e um elevador de serviço. Através da fala de Antonio, que é caracterizado pelo viajante alemão como sendo uma das pessoas mais sentimentais que conheceu, é apresentada a diferenciação entre quem deve utilizar o elevador social e em quais situações, numa nítida segregação entre patrões e empregados.

Nesse mesmo capítulo há também uma crítica ao hábito brasileiro de ter empregados. O narrador conta que assim que chegou ao Rio de Janeiro foi instalado num apartamento alugado situado numa região nobre da cidade, muito próximo da praia e que tinha sido contratada uma faxineira para ir à sua casa duas vezes por semana. Afirmava que ter uma empregada era um luxo com o qual teve que se acostumar, pois nunca tinha podido contratar esse tipo de serviço na Alemanha, onde era caro, mas queria poder “usufruir” desse serviço barato oferecido no Brasil.

Nun war es für einen Gringo wie mich anfangs keinesfalls leicht, diese Art von Rundumservice einfach zu genießen. So etwas kannte ich schließlich nicht und könnte es mir in Deutschland gar nicht leisten. Das funktioniert nur in einem Schwellenland wie Brasilien, wo Arbeitskraft billig ist. Ich profitierte also letztlich schamlos von Klassenunterschieden und sozialer Ungleichheit, sagte ich mir. Schlechtes Gewissen quälte mich. Ich wurde zum geplagten Gutmenschen, der auf einmal alle Ungerechtigkeiten dieser Welt zweimal in der Woche an seiner Spüle stehen sah.

Auf der anderen Seite mochte ich auf diesen Komfort nicht verzichten, zumal es in Brasilien durchaus üblich ist, eine Haushälterin zu haben. Selbst mit durchschnittlichem Einkommen. Deshalb beschloss ich, zumindest ein perfekter Arbeitgeber zu sein. Viel besser und netter als all die anderen ausbeuterischen Brasilianer, die ihre Hausangestellten tagein, tagaus knechten und sogar in Uniförmchen herumlaufen lassen. Bei mir darf Rosangela Shorts und T-Shirt tragen. Und immer wieder sage ich mir, dass sie sicherlich schon Schlimmeres erlebt hat, als meine Wohnung zu putzen. Mit elf Jahren begann sie als

Hausmädchen zu arbeiten, wohnte während der Woche sogar bei ihren Arbeitgebern. Das Geld, das sie verdiente, musste sie ihrer Mutter abgeben.

So gesehen ein Aufstieg. Um mein schlechtes Gewissen zu beschwichtigen, brachte ich ihr von meinen Reisen kleine Geschenke mit, von meinem ersten Weihnachtsbesuch in Deutschland echte Nürnberger Lebkuchen. Ständig habe ich ihr angeboten, dass sie sich am Kühlschrank bedienen, sich zu essen und zu trinken nehmen soll, was immer sie will. Schließlich sei sie es ja auch, die das Essen koche. Doch jedes Mal lehnte sie ab. Und nie würde sie sich zu mir an den Tisch setzen. Aber wir duzten uns, wie fast alle in Brasilien. (Wunn, 2013: 13-14)

Nesse trecho é possível perceber um tom bastante contraditório do discurso de Wunn, que ao mesmo tempo em que denuncia as injustiças sociais, acaba por se aproveitar da situação. Nota-se um tom de autoironia, em que fica evidenciada a consciência do narrador em relação ao cinismo da sua lógica para justificar para si mesmo o facto de usufruir desse privilégio. E é possível também perceber uma nítida escala de valores estabelecida por ele em relação ao tratamento dispensado pelos patrões brasileiros “exploradores que escravizam seus empregados domésticos todos os dias, obrigando-os até a usar um uniformezinho” e o seu desejo de “ser diferente dum brasileiro estragado por espíritos subservientes”.

Noutro trecho, mostra-se impressionado com o tamanho do “quarto de empregada”, um pequeno cómodo construído próximo às cozinhas e que era destinado às empregadas que moravam com os patrões. Até há algumas décadas, existia em praticamente todos os apartamentos e casas de classe média: “Mehr Platz ist nicht, denn insgesamt misst Miniraum kaum drei Quadratmeter. Hier wohnten und schliefen früher die Hausangestellten. Apartheid in Architektur gegossen” (*idem*:15).

Em oposição às dificuldades enfrentadas pelos empregados no seu dia-a-dia, Wunn retrata a vida dos ricos. No capítulo “*Fernando und der deutsche Strafzettel*”, o jornalista dá detalhes sobre um dos ambientes mais frequentados pela elite carioca, o Clube dos Marimbás, localizado a poucos metros da famosa praia de Copacabana. O clube, fundado em 1932, era limitado a 450 sócios e era só para homens, situação que já não é assim nos dias atuais. A taxa de inscrição custava cerca de 12.000 Euros e mensalmente pagava-se 120 Euros (valores convertidos em 2012). O autor descreve detalhadamente as muitas regras que o clube tinha para os visitantes, bem como tudo de que os sócios podem usufruir (*idem*: 145).

O narrador tinha ido encontrar-se com Fernando, o pai dum amigo, que frequentava o clube desde pequeno, pois seu avô fora um dos fundadores. Quando o jornalista chegou, Fernando já estava no clube havia algumas horas e, como de costume, tomava whisky e contava histórias sobre sua vida pessoal. Naquela noite Fernando contou duas histórias em que colocava em oposição os brasileiros *versus* os alemães em relação à integridade. Na primeira história, Fernando estava conduzindo um automóvel em Essen, próximo a Düsseldorf, perdido; quando atravessou um sinal vermelho, foi parado por policiais, conduzido à delegacia e foi-lhe aplicada uma multa. Ele ficou chocado, pois, segundo ele, isso seria impossível de acontecer no Brasil. Na segunda história, o filho de Fernando foi apreendido com drogas por policiais no Rio de Janeiro, mas com conversas e suborno, Fernando conseguiu livrar seu filho da prisão. Wunn usa esse exemplo para mostrar como o tratamento em relação às leis pode ser bem diferente dependendo da situação financeira e da classe social no Brasil, usando-a para representar o espírito de corrupção tão espalhado pelo país.

In Brasilien musst du immer verhandeln, erklärte Fernando, freundlich bleiben, aber bestimmt. Und du musst deutlich zu verstehen geben, dass du nur eine gewisse Summe Bargeld dabei hast und mehr nicht. Sonst nehmen sie dich aus. (...)

Da war nichts zu machen, erinnerte sich Fernando, der Polizist nahm mich zur Seite und sagte mir: Senhor Fernando, ich weiß, dass Sie ein ehrenwerter Mann sind und dass Ihr Sohn nur aus Versehen in diese Situationen gekommen ist. Wir machen jetzt Folgendes: Sie nehmen Ihren Sohn mit nach Hause und bringen mir morgen die tausend Reais vorbei. (*idem*:153)

Nota-se mais uma vez a utilização do recurso literário dos diálogos, na forma de discurso direto ou indireto, para veicular as opiniões e pontos de vista do autor, conforme analisado em mais detalhes anteriormente.

Ainda em relação às diferenças sociais no Brasil, num outro episódio, na praia com a sua namorada, o narrador pergunta se ela achava que a praia era o lugar mais democrático no Brasil, se lá todos eram realmente iguais (*idem*: 204). No discurso da namorada pode-se perceber que há uma tentativa de encontrar algo que seja comum às diferentes classes sociais, algo que representasse o que se insiste em retratar/romancear como “essencialmente brasileiro”, que conseguisse reunir os mais diferentes mundos, por assim dizer, para além das assimetrias socioeconômicas.

In kaum einem anderen Land gibt es eine so grosse soziale Ungerechtigkeit wie hier, obwohl sich die Schere langsam zu schliessen beginnt. Aber Brasilien hat vieles, was alle gemeinsam haben. Die Begeisterung für den Karneval, für die Samba. Alle tragen Havaianas, egal ob reich oder arm. Und alle treffen sich am Strand. (...) Familien aus den Favelas kommen ebenso her wie solche aus den Nobelvierteln. Vielleicht sitzen sie nicht am gleichen Abschnitt, aber die Liebe zum Strand, die teilen sie” (*idem*: 205).

É possível perceber no livro que esse esforço para encontrar uma suposta identidade brasileira apesar da diversidade é algo intencionalmente buscado pelo autor. Isso está também presente no primeiro documentário de 2013. No entanto, apesar de incidir sobre situações mais contemporâneas, a análise de Wunn explicitada no livro não se distancia muito dos tradicionais estereótipos, há muitos anos associados ao Brasil, em obras dos mais variados tipos: o carnaval, o samba e a praia. É facto que o autor pretende lançar um olhar crítico, com um tom irónico em muitas ocasiões, mas é também percebe-se que recorre em larga medida aos estereótipos clássicos.

2.1.7 “Endlose Favela”

No capítulo “*Machinengewehrmann in der Favela*” Andreas Wunn descreve a visita que fez à maior favela do Rio de Janeiro, a Rocinha, onde viviam 100.000 pessoas na época. É preciso destacar que foi no Rio de Janeiro onde se originaram as favelas e é nelas onde atualmente moram cerca dum milhão de habitantes do total de seis milhões da cidade.

Hoje, depois de mais de um século do surgimento da primeira favela, tais comunidades não são mais constituídas apenas de barracos frágeis; a maioria das casas é de alvenaria e conseguiu acesso, ainda que precário e não formalizado, a alguns serviços como água, esgoto e transporte. Ao mesmo tempo, ocupam o seu espaço social e os moradores preocupam-se cada vez mais em fortalecer a sua identidade como forma de atuação e pertencimento.

Ainda que as condições de vida nas favelas tenham melhorado minimamente, para um estrangeiro oriundo dum país com um contexto social e económico como o da Alemanha é muito chocante aquele modo de viver. As favelas exercem fascínio nos estrangeiros, que revelam grande interesse em tentar compreender como as pessoas conseguem viver em condições arquitetónicas tão adversas: no alto de montanhas, com vielas tão pequenas,

praticamente um labirinto, construções mal acabadas e uma infinidade de escadas. Em algumas favelas, no entanto, estão algumas das melhores vistas para as praias do Rio de Janeiro. Desenvolve-se assim, um tipo de turismo dedicado aos “pós-turistas”, àqueles que já não querem mais ver aquilo que se tornou banal, como os pontos turísticos tradicionais, mas procuram experiências inusitadas, interativas e “autênticas” em suas viagens. (Freire-Medeiros, 2009: 33)

O narrador conta um pouco como funciona o turismo nas favelas, movimento surgido na década de 1990 e que, por conta dos dois grandes eventos esportivos que seriam sediados no Brasil, o mundial de futebol (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), teve o seu ápice na época em que ele viveu na cidade.¹⁷

Ein Brasilianer würde sie nie und nimmer buchen - , die gut frequentiert werden von Gringo-Touristen. Sie lassen sich tagsüber im Kleinbus oder im offenen Jeep für zwei Stunden durch diese Viertel kutschieren, betrachten interessiert die irgendwie provisorisch gemauerten Häuschen und wundern sich, dass die Aussicht von oben trotz aller Armut einfach überragend ist (Wunn, 2013: 35).

A banalização do uso de armas (que tem na grande diferença social uma das suas múltiplas causas) é outra característica apresentada por Wunn quando descreve a visita noturna que fez na Rocinha. O autor conta como parecia comum que jovens andassem tranquilamente nos bares e bailes funk da favela com suas armas de fogo: “Von Fernanda und Odmар war ich bereits vorher instruiert worden, ich sollte mich nicht um die Waffen kümmern” (*idem*: 46). Apesar do aviso em relação ao perigo que correria, o jornalista alemão não prescindiu de observar de perto como um jovem armado se comportava:

Es baumelte ihm mit einer unglaublichen Lässigkeit um den Hals und lag halb auf der Hüfte, so dass der Lauf schräg nach oben wippte. Ich bin kein Waffenexperte, aber ich war mir sicher, dass es das größte Maschinengewehr der Welt sein musste. (...) Jedenfalls machte es großen Eindruck auf mich. Unnötig zu sagen, dass ich den Maschinengewehrmann ohne weitere Umstände durchließ (...). Ich war offenbar der Einzige in der Kneipe, der sich über das Maschinengewehr wunderte (*idem*: 35).

¹⁷ Mais recentemente, registra-se uma queda de pelo menos 75% de turistas no Rio de Janeiro, devido ao crescimento da violência que voltou e ao colapso das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) que, anos atrás, possibilitaram a visita de milhares de turistas a locais que recebiam o policiamento comunitário. Página eletrônica <https://istoe.com.br/turismo-questionavel/>. Consultada em 15 de janeiro de 2021.

No entanto, a vida nas favelas não é só marcada pelas armas e pela violência; a vida cultural cada vez mais desenvolve-se e o funk brasileiro é um exemplo disso, estilo musical em franca ascensão que se torna cada vez mais conhecido internacionalmente no contexto da cultura *pop*. Surgido nas favelas do Rio de Janeiro na década de 1980 é um estilo diferente do funk norte-americano, apesar do mesmo nome. Ano após ano, os bailes funk têm saído da condição periférica e marginal para assumir uma importância cada vez maior na cultura brasileira e na imagem do país no mundo.

Não surpreende assim que também Andreas Wunn queira proporcionar aos leitores alemães uma ideia, ainda que algo caricata, do baile funk e do estilo musical que, em sua opinião, está entre o rap brasileiro e o hip-hop, mas com batidas mais fortes e letras sexualizadas. Esclarece que o baile é um produto da favela, assim como o samba o é do carnaval.

Baile Funk ist im Grunde nichts anderes als eine prolige Dorfdisco auf brasilianisch mit mafiagesichtigen Jungs in engen T-Shirts und aufgetakelten blutjungen, braun gebrannten Schönheiten in sehr kurzen Röcken. Der Tanzstil der Frauen ist im Vergleich zum Samba relativ simpel: Sie stehen ein klein wenig vornübergebeugt und mit elastischen Knien vor den Jungs und reiben ihren zuckenden Hintern an deren Vorderteil. Diese Körperhaltung muss man sich in etwa so vorstellen, als wollten sie mit ihrem Hintern eine Autotür zuschlagen. (*Idem*: 39).

2.1.8. “Zwischen Federkrone und Laptop”

Wunn dedica um capítulo inteiro de quinze páginas à sua viagem ao estado de Rondônia, mais precisamente ao território indígena do povo Paiter Suruí.¹⁸ Localizado no meio da floresta amazônica, próximo ao município de Cacoal, o território dos Suruí, quase tão grande quanto o Saarland na Alemanha, é povoado por 1350 pessoas, que vivem em pequenas aldeias. Para dar a dimensão da distância entre as regiões brasileiras, o autor descreve em detalhes os quatro voos que precisou de pegar para sair do Rio de Janeiro e chegar ao território Suruí, um dia inteiro de viagem.

Segundo o narrador, os primeiros contactos do povo Suruí com a “civilização” somente aconteceram nos anos 1970 e trouxeram inúmeros problemas, como doenças, alcoolismo e o desmatamento. Depois desse contacto, dos 5000 indígenas que existiam, restaram apenas

¹⁸ Andreas Wunn se refere a este povo apenas como suruí. Porém, eles se autodenominam Paiter, que significa “gente de verdade, nós mesmo”. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui_Paiter

250 (Wunn, 2013: 85). Os Suruí ainda mantêm muitas das suas tradições e rituais, um dos quais é o da pintura dos corpos e rostos para as comemorações, usando a tintura duma planta chamada sapoti. Além disso, destaca-se o hábito de dormir em redes, a poligamia, as casas de madeira ou de pedra sem mobília e o uso da língua nativa Suruí (falam uma língua do grupo Tupi, da família linguística Mondé).

A intenção da equipe da ZDF era entrevistar e filmar por três dias o cacique Almir, o chefe da comunidade, conhecido mundialmente por seu ativismo contra o desmatamento da Amazônia. Em 2008, o líder dos Suruí conseguiu fazer um acordo com a Google para monitorar o desmate do território indígena. Os índios ganharam celulares para registrar extração ilegal de madeira, capturar fotos e vídeos geolocalizados e carregá-los no Google Earth.

O Cacique Almir é o único de sua tribo que frequentou uma universidade, estudou biologia e desenvolveu um plano de 50 anos para orientar seu povo de forma sustentável, aliando tecnologia e tradição e já viajou a 26 países.

Esse é um capítulo em que é possível notar uma certa diferença entre a imagem apresentada pelo autor e a imagem descrita por viajantes europeus sobre os povos nativos do Brasil nos relatos de séculos passados. É evidente o esforço do jornalista alemão em apresentar os índios Suruí e, em especial, o seu cacique como estando já parcialmente integrados numa cultura globalizada e no modo de vida ocidental, principalmente pelo uso da tecnologia. O próprio título do capítulo já mostra isso de forma bastante explícita.

Wunn apresenta a importância do cacique, dos Suruí e dos povos indígenas em geral para a preservação do meio ambiente e para o futuro do planeta. Isso é algo em que se pode perceber a mudança em relação à imagem “clássica” pela qual eram retratados os povos nativos em décadas e séculos passados. Percebe-se aqui uma modificação decorrente das transformações nas preocupações e temas relevantes para sociedades (pós-)industrializadas, como a alemã. Porém, o olhar de estranhamento do viajante estrangeiro que percepção os povos nativos como “exóticos”, está também presente no livro atravessando praticamente toda a narrativa do jornalista alemão.

2.1.9 Ein “ordnungsliebender und regeltreuer Gringo”

Conforme analisado por muitos autores do campo da imagologia, o olhar que se direciona sobre o outro na maioria das vezes acaba por refletir a imagem do próprio

observador, “identity and alterity, auto- and hetero-image, mirror each other: each determines the profile of the other, and is in turn determined by it” (Leerssen, 2007a: 340). Para finalizar a análise dos elementos e tópicos mais relevantes do livro, proceder-se-á, de seguida, a uma reflexão sobre determinados trechos em que o autor, ao observar e apresentar traços supostamente característicos dos brasileiros, acaba por evidenciar a autoimagem que tem da cultura e da sociedade alemãs.

Um desses episódios, já mencionado anteriormente, é o do brasileiro rico, Fernando, que levou uma multa na Alemanha, foi levado à delegacia e posteriormente recebeu uma carta com um cheque de 1,98 marcos alemães, como devolução do valor que tinha pago a mais. Nas palavras de Fernando:

Das ist der Beweis deutscher Ehrlichkeit! Ich bewundere das deutsche System und die deutsche Mentalität zutiefst! (...) Für einen Brasilianer in der Tat schwer zu verstehen und schwer zu verkraften. Denn in Brasilien ist alles anders (Wunn, 2013: 151-152).

Lembre-se que foi esse mesmo Fernando que contou um episódio de suborno a um agente policial no Brasil. É de se notar a contradição do personagem que, ao mesmo tempo em que afirma admirar a mentalidade e a honestidade alemãs, apresentando-se como uma pessoa que preza esses valores, age de forma completamente diferente quando lhe convém.

Mas tão interessante também é perceber a imagem da sociedade alemã que é transmitida pelo jornalista. Como em várias outras partes do livro, isso não é tornado explícito pelas próprias palavras de Wunn como eu-narrador, mas pelas palavras de terceiros. Fernando é o veículo para apresentar os alemães e a sociedade alemã como honestos, íntegros, enfim, como um país e uma sociedade de indivíduos (cf. DaMatta) em que as regras funcionam de forma igual para todos.

Noutra parte do livro, ao narrar uma situação que aconteceu ao dirigir um carro quando ia para a sua visita à favela da Rocinha, o viajante-narrador mostra, ainda que indiretamente, que os alemães respeitam as regras de trânsito, fazendo uma oposição aos brasileiros, que nem sempre as respeitam:

Auf dem Weg dorthin, noch im Auto, beging ich meinen ersten Gringo-Fauxpas an diesem Abend. Und das, obwohl ich mit den Verkehrsregeln in Brasilien inzwischen durchaus vertraut war. So wusste ich, dass man immer davon ausgehen muss, dass die anderen Verkehrsteilnehmer nicht aufpassen, sich

nicht an die Regeln halten und deshalb mit allem rechnen muss. Im Gegensatz zu Deutschland, wo es eigentlich genau umgekehrt ist (*idem*: 37).

Também ao tratar do dia em que a faxineira Rosangela resolveu pela primeira vez arrumar os seus armários, Wunn invoca de forma bem humorística a “disciplina prussiana” para se referir à organização e o rigor da arrumação feita por ela:

Nach ein paar Arbeitstagen traute sie sich auch an meine Kleiderschränke und ordnete mit geradezu preußischer Disziplin alles neu. Plötzlich sahen die Fächer und Regale aus, als habe ein Bundeswehrrspieß auf Ecstasy seinen Ordnungsrausch ausgelebt (*idem*: 13)

Por fim, em mais um exemplo de como a imagem do Brasil muitas vezes serve para evidenciar uma autoimagem alemã, destaque-se o trecho a seguir, em que se trata da burocracia e do jeitinho brasileiro. Mais uma vez, o narrador estrangeiro indica num tom algo irónico que ele, assim como os alemães em geral, seriam pessoas que respeitam sempre escrupulosamente as regras, ao passo que no Brasil a situação seria bastante diferente:

Für mich als ordnungsliebenden und regeltreuen Gringo war das alles fremd und dennoch eine Herausforderung. In Deutschland bleibt ein Ja fast immer ein Ja und ein Nein fast immer ein Nein. Nahezu alles ist sicher, aber vieles nicht möglich. In Brasilien verhält es sich genau umgekehrt. Und falls es doch mal beim Nein bleibt, kann man es immer noch mit dem jeitinho probieren. (*idem*: 234)

Essas comparações com a Alemanha e os alemães evidenciam um traço muito característico e frequente nos relatos de viagens, que é a sua função de traduzir sócio-culturalmente uma realidade para outra. Isto porque cada experiência individual tem de ser transposta para um domínio comum de conhecimento e também por que as formas de expressão culturais do outro têm de ser “traduzidas” para a linguagem do próprio (Ete, 2001: 39). Ressalte-se que esse recurso da tradução serve também para aproximar os leitores, estabelecer uma conexão entre o narrador e o público-alvo.

Isso, porém, não ocorre sem riscos, “the traveller’s situation is always liable to produce inadvertent misperceptions and unwarranted extrapolations, as he or she struggles to make senses of places and cultures which inevitably blend familiar and unfamiliar aspects.” O

ponto de vista subjetivo do narrador sempre terá um aspeto ideológico, sendo uma expressão das atitudes e aspirações advindas da cultura de origem do viajante. Dessa forma, os relatos dizem mais das matrizes conceituais e pressupostos conscientes e inconscientes e frequentemente das ambições dos indivíduos e comunidades que os produzem do que dos lugares ou povos que pretendem descrever (Thompson, 2011: 71).

2.2 Documentário *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen*: em busca do tipicamente brasileiro

No mesmo ano de 2013 em que foi publicado o livro *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro*, foi transmitido pelo canal televisivo ZDF, no mês de dezembro, o documentário *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen*, cuja autoria e apresentação também são de Andreas Wunn.

Assim como o livro, o documentário parece ter como principal objetivo retratar o Brasil mais de perto, isto é, esboçar uma imagem diferenciada do Brasil contemporâneo, visto que em 2014 estaria nos holofotes, pois sediaria o mundial de futebol. No entanto, o documentário apresenta uma abordagem bem diferente daquela adotada no livro. Se em *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro* Wunn se posiciona como um “gringo”, um viajante ocidental em busca de experiências diferentes do dia-a-dia no seu próprio país, no documentário é a sua faceta de jornalista profissional que fica em maior evidência. A narração do documentário é feita em *off* pelo próprio Wunn, o que já ajuda a compor o tom jornalístico da obra. Numa das primeiras falas, afirma o interesse em conhecer melhor a cultura brasileira, que fora moldada pela imigração como quase nenhuma outra nação do mundo: uma sociedade multiétnica de 200 milhões de brasileiros, definida por ele como um “caldeirão cultural” (*Schmelztiegel*).



Figura 4 - Cidades visitadas por Andreas Wunn e que aparecem no 1º documentário. Imagem do documentário. Minutagem: 0:45

No segundo livro, *Brasilien für Insider. Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes* (2014), um capítulo é praticamente o roteiro do filme, em que são narrados a viagem, os encontros com os entrevistados e algumas de suas impressões, como por exemplo no seguinte trecho:

Es gibt kaum ein Land, das so von Einwanderung geprägt ist. Außer die USA vielleicht. Und kein anderes Land dieser Größe ist so bunt gemischt. Ein Brasilianer kann afrikanisch, asiatisch oder europäisch aussehen (...). Ein richtiger Schmelztiegel, mehr noch als die USA. Es gibt viele verbindende Elemente, nicht nur über die sozialen Klassen, sondern auch über die Ethnien hinweg: Fußball, Feijoada, Karneval, Havaianas und so weiter. Und alle sprechen sofort Portugiesisch (Wunn, 2014: 190).

Enquanto o seu primeiro livro se limita a poucas localidades, como as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e o território indígena dos Suruí, em Rondônia, no documentário foram retratadas diferentes regiões do Brasil. No total, a equipe de reportagem percorreu sete mil quilômetros, passou por sete cidades e entrevistou dez pessoas, sendo a narrativa estruturada partir das histórias de “personagens”. Tendo como pano de fundo a característica do Brasil como país de imigração e de mistura de povos, em todas as entrevistas Wunn investiga a história de vida de cada um desses protagonistas, recuperando as trajetórias familiares de imigração e os seus sentimentos de pertença ao Brasil e do que é ser brasileiro.¹⁹

O título do documentário, *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen*, parece bem convidativo para um telespetador alemão que tem algum interesse em conhecer um pouco mais sobre o Brasil. A palavra *Sehnsucht* assume o significado de desejo, anseio por algo, um pouco idealizado, remetendo ao que provavelmente estaria no imaginário alemão sobre o Brasil de épocas passadas: um grande país, rico em belezas naturais, com muitas pessoas simpáticas e calorosas. Quando escreve sobre o documentário no seu livro *Brasilien für Insider*, o autor afirma que o documentário retrata os clichés, as cenas “típicas”, as praias paradisíacas e o Cristo no Rio de Janeiro, mas afirma que também fala dos problemas do país: “denn nicht alles funktioniert hier so richtig gut im Zusammenleben, und es gibt auch Rassismus” (*idem*: 190). Porém, é importante desde já destacar que o documentário acaba por não tratar em profundidade dos problemas sociais e

¹⁹ O detalhamento das diversas cenas do documentário, a minutagem de início, de fim e a duração de cada cena estão apresentadas no Apêndice I.

econômicos brasileiros, mas deixa um retrato dum país cheio de contradições que vive aparentemente em harmonia.

A primeira cena apresentada acontece em Salvador, na presença da mãe de santo Monadelê, a sacerdotisa dum terreiro de Umbanda. Monadelê joga búzios, que é uma arte divinatória utilizada em diversas religiões de tradição africana. Destaca-se a figura da mãe de santo, toda vestida de branco, com muitos adereços, como colares, brincos, anéis e pulseiras, o que já imediatamente remete à imagem estereotipada duma baiana consagrada no imaginário mundial. O ambiente onde o jogo de búzios acontece também está imbuído de elementos “exóticos” próprios da Umbanda: pequeno altar cercado de guias de miçangas com a imagem dum orixá ao centro, castiçal e vela, água, flores, pedras de diferentes tipos e cores. Os próprios búzios também são elementos interessantes, pois são conchas brancas encontradas nas praias, o que remete à riqueza natural do Brasil e dos países africanos.

Nessa consulta de jogo de búzios, a primeira pergunta feita pelo jornalista é: Quem vai ganhar o mundial de futebol? Suspense! Sem a resposta da mãe de santo, essa cena rápida de 28 segundos é cortada, aparece uma praia paradisíaca, como um recurso para buscar deixar os telespetadores curiosos e interessados em continuar a assistir ao documentário.

Em seguida, retrata-se a cidade de Blumenau, em Santa Catarina, no sul do Brasil. Uma cidade com 300 mil habitantes, que por volta de 1850 começou a receber os primeiros imigrantes alemães, tendo, anos depois, chegado os italianos e polacos. O documentário começa com uma tomada aérea da cidade, que possui muitas construções em enxaimel²⁰, numa imagem que poderia muito bem ser confundida com a de alguma localidade na Alemanha. No livro de 2014, o autor destaca:

Neben den modernen, hohen Apartmentgebäuden von Blumenau stehen nach wie vor einige traditionelle Häuser, die noch von den Gründervätern und –müttern gebaut wurden. Auch später kamen einige im alten, markanten Stil dazu und geben Blumenau ein deutsch-brasilianisches Gesicht: Fachwerk unter Palmen (*idem*: 196).

Ainda a evidenciar as influências da cultura alemã, a cidade é retratada no documentário durante a *Oktoberfest*, evento realizado em Blumenau, que acontece desde 1984, e recebe atualmente cerca de 500 mil turistas. Apresentações musicais, danças,

²⁰ Técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos geralmente por pedras ou tijolos.

vestimentas, cervejas e comidas tipicamente alemãs fazem parte da festa. No livro, o autor afirma: “Besucher aus ganz Brasilien kommen jedes Jahr hierher, um sich ihre Portion Deutschsein abzuholen” (*idem*: 194).



Figura 5 – Oktoberfest em Blumenau. Legenda: “Unser Oktoberfest ist eine Mischung aus deutscher Kultur und brasilianischer Lebensfreude”, sagt der Bürgermeister von Blumenau. Lederhosen, Dirndl und Alphörner anstelle exotischer Kostüme und Sambarhythmen. Na galeria de imagens no site da ZDF. Disponível em: <https://www.zdf.de/dokumentation/dokumentation-sonstige/brasilien-schmelztiegel-der-welt-100.html>

A primeira entrevistada do documentário na parte sobre Blumenau é Ricaelle, de 21 anos, que estuda arquitetura e estava a participar do concurso para ser rainha da *Oktoberfest*. Wunn visita a casa de Ricaelli, onde foi recebido com bolo e café “tipicamente” alemães. Ao se deparar com o jardim da casa, ele pergunta ao pai de Ricaelle: “Ist dieser Garten typisch deutsch oder brasilianisch?” A conversa com a família acontece parcialmente em alemão, língua que somente a mãe de Ricaelle domina. Ao ver as fotos de família, contam que os parentes mais antigos chegaram em 1925, vindos da Saxônia, e que buscaram manter as tradições, inclusive a língua.

Começar o documentário retratando “a cidade mais alemã do Brasil” parece uma boa estratégia narrativa para gerar empatia nos telespetadores alemães. Pode ser surpreendente para a maioria dos alemães o facto de existir uma região no Brasil que até hoje cultive as tradições trazidas pelos imigrantes há mais de um século. Provavelmente muitos alemães nem saibam da existência desta cidade e das suas construções

arquitetônicas, doutra *Oktoberfest*, de tantas pessoas com a aparência tão semelhante aos alemães loiros e de pele clara.

É interessante notar o que representa ser tipicamente alemão no olhar do narrador: a *Oktoberfest*, o hábito de beber cerveja, as mulheres que vestem o *Dirndl* e os homens com camisa e *Lederhosen*, o que evidencia, assim, uma abordagem também estereotipada da cultura alemã. Isso também fica claro numa fala do prefeito da cidade, transcrita no livro, onde o governante afirma que a mistura entre a cultura brasileira e a alemã é uma boa combinação, pois os brasileiros contribuem com sua alegria e espontaneidade e os alemães com o senso de disciplina, hierarquia e organização: “Neben der fröhlichen und charmanten Art der Brasilianer sowie ihrer Spontaneität finden sich hier auch Menschen mit Sinn für Disziplin, Hierarchie und Respekt. Und natürlich verfügen sie über organisatorische Fähigkeiten” (*idem*: 196).

No documentário, a segunda cidade visitada foi São Paulo, uma metrópole com doze milhões de habitantes, constituída por muitos imigrantes, de mais de setenta nacionalidades, segundo Andreas Wunn. Com imagens aéreas mostrando os milhares de edifícios altos e as grandes avenidas, a voz narradora de Wunn define a cidade como um labirinto de arranha céus: “ein Hochhäuserlabyrinth”. Num táxi, apesar do pouco tempo de conversa com o motorista, logo se revelam as suas origens multiétnicas: é neto dum alemão e duma italiana.

O local da cidade escolhido para rodar o documentário é a Liberdade, uma região “tipicamente” japonesa, onde são retratadas as pessoas na rua, a arquitetura, os restaurantes e as lojas. Aos poucos é contada a história da imigração japonesa, que começou com a chegada do primeiro navio em 1913, resultando atualmente numa população no Brasil com mais de 1 milhão de japoneses e descendentes, a maioria dos quais vive em São Paulo.

O segundo entrevistado é Horácio Saito, 31 anos, que pertence à segunda geração de descendentes de japoneses que nasceu no Brasil. Juntos vão a um restaurante de comida japonesa onde o serviço é feito no estilo que Wunn chama de *Buffet Restaurant* – sistema tipicamente brasileiro. Horácio é um esportista, campeão brasileiro e sul-americano de Karatê (uma arte marcial japonesa), já viveu no Japão e por isso também fala japonês. Durante o almoço, Wunn faz perguntas procurando compreender se Horácio se sentia mais japonês ou mais brasileiro, como por exemplo: caipirinha ou saquê? Sushi ou churrasco?

Futebol ou karatê? Ao dizer que prefere churrasco e karatê, a conclusão é que Horácio se sentia totalmente integrado nas duas culturas, assim como muitos imigrantes japoneses.

Ao relatar a entrevista com Horácio no livro *Brasilien für Insider*, Wunn destaca que Horácio nunca se sentiu discriminado no Brasil por ser descendente de japoneses, e acredita que isso não acontece com nenhuma outra nacionalidade, pois quando se nasce no Brasil, se é brasileiro, não importa a origem da sua família. Na opinião do atleta, o Brasil é um país que recebe as pessoas de braços abertos e o mesmo acontece com a cidade de São Paulo, um local que recebe muitos migrantes, de todo o mundo, especialmente da América do Sul, mas também doutros lugares do Brasil. Para o entrevistado, São Paulo é um importante centro econômico, um lugar com muita oferta de empregos, com muitas possibilidades. Com bom humor, ele afirma que São Paulo tem a mesma receptividade, ainda que duma maneira diferente, pois os paulistanos vivem muito preocupados com o trabalho e não conseguem perceber as pessoas que chegam à cidade, por isso não são tão acolhedores (*idem*: 199).

Ainda com Horácio, o apresentador segue para a praça da Sé, o marco zero da cidade de São Paulo, uma praça muito grande no centro onde se pode ver pessoas dormindo nas ruas e usando drogas. Retrata-se no documentário a contradição da metrópole, que, apesar de ser umas das cidades mais ricas do país, com muitas possibilidades de trabalho, apresenta muitas desigualdades sociais, um dos grandes problemas brasileiros.

Para o narrador, parecia ainda mais contraditória a miséria assim tão próxima da grande catedral, numa região central de valor histórico. Numa cidade europeia, onde os centros históricos são muito bem conservados e são muito frequentados por turistas, raramente se veria situações de miséria ou de pessoas em tamanha vulnerabilidade social ao lado dum ponto turístico importante. Ao encerrar a entrevista com Horácio, o descendente de japonês destaca que o Brasil precisava de mais disciplina para conseguir resolver os problemas sociais do país, principalmente em relação aos políticos e à corrupção.

O destino seguinte no documentário é Paraty, uma antiga cidade colonial no estado do Rio de Janeiro, quase na fronteira com o estado de São Paulo, fundada em 1667. Banhada pelo Oceano Atlântico, com praias belíssimas e a diversidade natural da Mata Atlântica, Paraty teve grande importância durante o chamado ciclo do ouro, pois era um dos extremos da Estrada Real, caminho por onde se enviava o ouro e o diamante trazidos de Minas Gerais para a Europa.

Seu porto também serviu como ponto de entrada de escravos africanos trazidos para trabalhar nas minas de ouro, mais tarde, nas fazendas de cana-de-açúcar e depois, no século XIX, nas plantações de café. Com o fim do tráfico de africanos escravizados e a abertura de ferrovias entre Rio de Janeiro e São Paulo no século XIX, a cidade acabou ficando isolada, o que “permitiu a preservação das edificações do sítio histórico, assim como a reprodução duma cultura particular, material e imaterial” (Paes, 2015: 108). O centro histórico de Paraty manteve seu projeto urbanístico do século XVIII e grande parte de sua arquitetura colonial, ficando conhecida como a “Joia da Coroa Brasileira”.

É neste local que Wunn entrevista João Henrique de Orléans e Bragança, popularmente conhecido como Príncipe Dom Joãozinho, trineto de Dom Pedro II do Brasil, que foi o último imperador antes de ser proclamada a República, em 1889, e bisneto da Princesa Isabel, com quem conversou sobre miscigenação. João Henrique, empresário e fotógrafo, vive em Paraty numa casa repleta de obras de arte.

Enquanto é entrevistado, João Henrique mostra seu livro publicado em 2010: *O olhar de João, fotografias de um príncipe do Brasil*, onde reuniu fotos realizadas em viagens feitas principalmente no Brasil e retratou belezas naturais, mas também muitas pessoas. A conversa transcorre de maneira muito agradável, num belo ambiente, com um tom descontraído. O descendente dos antigos imperadores brasileiros, representante duma elite econômica, cultural e social brasileira, transparece uma visão romantizada a respeito da identidade brasileira. Com um discurso de harmonia e paz racial, destaca os três povos (indígenas, negros e brancos europeus) que a constituíram e que atualmente não são mais separados: “a nossa cultura é essa mistura”.



Figura 6 – Entrevista a João Henrique de Orléans e Bragança. Legenda: “In Paraty, ein Strandort zwischen São Paulo und Rio, trifft der Autor João Henrique de Orléans e Bragança, der seinem Ururgroßvater, Dom Pedro II., dem letzten Kaiser Brasiliens, sehr ähnlich sieht.” Na galeria de imagens no site da ZDF. Disponível em: <https://www.zdf.de/dokumentation/dokumentation-sonstige/brasilien-schmelztiegel-der-welt-100.html>

Andreas Wunn, que até então, em nenhum momento, havia comentado a história colonial brasileira e os grandes problemas da escravidão, que evidentemente estão presentes na bela arquitetura e na história da cidade, após encerrar a entrevista, faz, em voz *off*, a seguinte crítica contundente à mistura de raças, que é falaciosamente louvada como harmônica: “Eine Mischung, die nicht immer freiwillig war. Denn früher waren es oft weiße Männer, die sich schwarze oder indigene Frauen nahmen. Heute ist der große Mix gelebte Realität”.

O narrador aqui assume o seu papel de jornalista crítico. O seu comentário aborda uma questão profunda a respeito da violência de gênero no período colonial brasileiro, que tem desdobramentos até hoje. Trata-se do que é referido como “cultura do estupro”, termo que foi utilizado pela primeira vez nos anos 1970 por ativistas da segunda onda do feminismo e é explicado da seguinte forma por Lilia Schwarcz:

(...) o corpo feminino, por sua vez, mais escasso nas sociedades afro-atlânticas, entrava logo na lógica interna desse ‘comércio de almas’. Mulheres indígenas e negras, além de serem consideradas produtoras de riqueza – eram utilizadas na agricultura, na casa-grande, nas cidades e na mineração -, serviam a seus proprietários como instrumento de prazer e gozo. A violência do sistema como um todo encontrava um locus especial na sexualidade exercida pelos senhores na intimidade da alcova escravista (Schwarcz, 2019: 190).

No que parece ser um recurso narrativo para balancear a crítica mais contundente a respeito dos problemas sociais brasileiros, logo na sequência o jornalista visita, na cidade do Rio de Janeiro, o restaurante duma senhora portuguesa, que imigrou há 50 anos e de seu filho, José, que chegou ainda criança ao Brasil. Os dois falam sobre a feijoada e os petiscos portugueses que servem, bem com sobre a índole receptiva dos brasileiros, que são muito “humanos”. Para encerrar, os entrevistados afirmam alegremente que se sentem brasileiros.

O documentário faz uma transição desse momento mais festivo e retoma a crítica social mais contundente, passando a retratar o racismo e a discriminação no país da mistura

de raças. Novamente em off, o narrador afirma que muito se fala do bom humor dos brasileiros, mas para conhecer os problemas é preciso olhar por trás do cartão postal.

Wunn então entrevista Elano Ramos, 38 anos, que participa no ensaio dum bloco de carnaval. Elano, que é negro e arquiteto (“und diese Kombination gibt es so gut wie nicht in Brasilien”) fala sobre as dificuldades para um negro ter uma boa formação educacional e se estabelecer profissionalmente no Brasil. No livro *Brasilien für Insider*, Wunn destaca que também não há muitos médicos, advogados, engenheiros e professores negros.

No documentário, o autor e narrador procura colocar em evidência o racismo contemporâneo que está entranhado na cultura brasileira. Afirma que mais da metade da população brasileira é negra, mas nem todos se definem como tal, ou chegam até a negar a sua ascendência negra ou indígena, segundo um questionário popular feito em 2010: “Viele schätzen sich jedoch gerne heller ein, als sie es eigentlich sind. Und viele Weiße haben mit ziemlicher Sicherheit schwarze oder indianische Vorfahren, auch wenn sie es selbst nicht wissen oder sagen” (Wunn, 2014: 191).



Figura 7 – Ensaio de bloco de carnaval. In Lapa, dem bekanntesten Ausgehviertel Rio de Janeiros, in dem der Samba zu Hause ist, probt die Trommlergruppe des Architekten Elano Ramos für den Karneval. Na galeria de imagens no site da ZDF. Disponível em: <https://www.zdf.de/dokumentation/dokumentation-sonstige/brasilien-schmelztiegel-der-welt-100.html>

Juntos, Elano e Wunn visitam a escola de classe média na qual Elano estudou. Ele era um dos poucos negros que frequentou essa escola franco-brasileira, o que só foi possível por seu pai ter sido da Marinha e ter tido condições financeiras de pagar pela sua educação. Vinte anos depois de Elano ter terminado seus estudos, constatam que naquela mesma

escola estudam pouquíssimos negros. Os afro-descendentes que aparecem nessa parte do documentário são os que trabalham para os brancos: os seguranças, os motoristas e as mulheres que cuidam das crianças. No livro, Wunn destaca que aqui se percebe o fim da lenda da diversidade harmônica: “Hier erkennt man (...) das Ende der Mär von der harmonischen Vielfalt. Die Grenzen der großen sozialen Ungleichheit verlaufen entlang der Hautfarben” (*idem*: 200).

É interessante notar a escolha feita por Andreas Wunn de retratar a história de Elano no documentário: um negro que não vive uma condição de vida desfavorecida, que não é marginalizado em termos socioeconômicos, que teve acesso a uma educação de boa qualidade numa escola particular e que chegou ao ensino superior. Elano faz parte duma minoria da população negra brasileira, que em geral quase não chega a completar a escola básica e muito menos entrar na universidade. No seu segundo livro, *Brasilien für Insider*, o narrador destaca de forma peremptória, sem citar suas fontes de pesquisa, que apenas seis por cento dos estudantes universitários são negros, que a expectativa de vida dos negros é menor do que dos brancos, que a probabilidade de um jovem negro ser assassinado é o dobro comparada com a de um jovem branco, que há muito mais negros do que brancos nas prisões e que os brancos têm melhores salários do que os negros. Complementa ainda:

Lediglich im Fußball und in der Musik bekommen Schwarze die Chance des sozialen Aufstiegs – die akademische Welt hingegen bleibt ihnen bisher weitgehend verschlossen. Daran haben auch die von der Regierung eingeführten Quotenregelungen für Schwarze an Universitäten nicht viel geändert. (*idem*: 201)

Essa escolha do entrevistado para o documentário parece ser intencional para compor o cenário harmonioso do país que receberia milhares de estrangeiros em 2014 para o evento do mundial de futebol. O jornalista preferiu não ir até uma favela, conversar com um dos negros que não chegam nem a terminar a escola, o que fez no seu segundo documentário, por exemplo. No final da entrevista, o jornalista faz algumas perguntas a respeito do racismo no Brasil, e o entrevistado afirma que há muito racismo “mascarado, escondido” e que negros e brancos têm as mesmas oportunidades, mas que estes últimos precisam de se esforçar muito mais. Ainda assim, Elano fala com otimismo no final da entrevista afirmando que a situação dos negros estava a mudar no Brasil, mesmo que muito vagarosamente.

Vale ressaltar que essa questão do racismo é um tema em que é possível perceber uma mudança de abordagem entre as várias obras que compõem o corpus de investigação. Ainda que desde a primeira obra, o livro *In Brasilien geht's ohne Textilien*, os problemas sociais sejam abordados e críticas a aspetos negativos do Brasil sejam feitas, o tratamento é significativamente diferente. Naquele primeiro livro, o tom geral é de humor e, em alguns momentos de ironia, mas em geral passa-se a imagem dum país festivo. No documentário, nota-se críticas mais acentuadas, principalmente quanto a essa questão do racismo, e o olhar jornalístico substitui o do “gringo” em busca de aventura. Porém, procura-se manter um cenário positivo, dum país acolhedora, um país que dá oportunidades para todos, ainda que os problemas tenham um pouco mais de espaço na narrativa.

Já no segundo livro será possível perceber uma posição mais crítica do autor em relação às questões raciais, onde faz uma análise um pouco mais aprofundada sobre a história do Brasil, tratando da colonização portuguesa, do tráfico de escravos e da dizimação da população indígena ao longo dos séculos. No livro, o jornalista Wunn explica e critica o conceito de democracia racial idealizado por Gilberto Freyre no seu livro mais conhecido *Casa Grande & Senzala* (1933), tão difundido por intelectuais e tão presente no imaginário social brasileiro.²¹

Do Rio de Janeiro o repórter Wunn vai para Salvador, na Bahia, lugar que ele define ser o coração negro e a cidade mais africana do Brasil. Primeiro, intercalando-se vistas aéreas com planos filmados no nível da rua, é mostrada a arquitetura do centro histórico, com muitas casas coloridas, muito marcada pela colonização portuguesa, as belas praias, pessoas jogando capoeira. A seguir, com cenas que enquadram a paisagem como cartões postais, é mostrado o Dique de Tororó, uma represa construída no século XVII, onde há doze esculturas de orixás do Candomblé e que fica mesmo em frente ao estádio Fonte Nova, que sediará alguns dos jogos de futebol do mundial de 2014.

A entrevistada em Salvador é a mãe de santo Monadelê, que já tinha aparecido na abertura do documentário. Orgulhosa de suas origens brasileiras e africanas, veste-se com roupas coloridas de África e fala sobre a Umbanda, uma religião brasileira que sincretiza elementos de religiões africanas e cristãs, mais precisamente o candomblé, o catolicismo e o espiritismo.

²¹ Analisaremos os comentários de Andreas Wunn sobre Gilberto Freyre no próximo capítulo.



Figura 8 – A Mãe de Santo Monadelê. Legenda: „In ihrem Haus, das auch ein Zentrum des Umbanda ist, trifft Andreas Wunn die “Mãe de Santo”(“Heilige Mutter”) Monadelê. Umbanda ist eine Religion, die die Sklaven aus Afrika nach Brasilien mitbrachten.“ Na galeria de imagens no site da ZDF. Disponível em: <https://www.zdf.de/dokumentation/dokumentation-sonstige/brasilien-schmelztiegel-der-welt-100.html>

Monadelê recebe Andreas Wunn no seu centro espiritual, popularmente chamado de terreiro, numa comunidade distante do centro de Salvador. Ela preparava-se para uma cerimônia, vestida toda de branco e mostra a Wunn os diversos altares de doação aos santos com imagens, frutas, bebidas alcoólicas e doces. Wunn pergunta-lhe o que é um orixá e ouve a resposta: “força, luz, sabedoria, e caminho”.

Num segundo momento, cerca de dez pessoas, incluindo o jornalista alemão, entram numa sala fechada, onde todos vestiam de branco. Monadelê e outras pessoas entram em transe; ela pede para apagarem a luz da câmera de filmagem e começa uma música de ritmo bastante intenso, marcado nas palmas e nos tambores. Wunn descreve a cerimônia como “beeindruckend aber auch befremdlich”.

A paragem seguinte é na Amazônia, em visita ao território dos Xikrin do Cateté (Pará), uma área demarcada, onde vive uma população de 1500 pessoas, da etnia dos Kayapó. Wunn e sua equipe são recebidos com um churrasco. Comem com as mãos frango e farinha de mandioca servidos na folha de bananeira que protege o chão, conforme a tradição dos índios. Em suas primeiras conversas com Beka, um indígena que aparenta ter cerca de 35 anos, fica sabendo que os primeiros contactos desse povo com os brancos se deram em 1952. Beka também conta que se sentia mais Xikrin do que brasileiro e que tinha medo que sua cultura se perdesse com as novas gerações.



Figura 9 – Xikrins do Cateté. Legenda: “Der Kontakt zur Zivilisation hat das Leben der Urvölker in Brasilien sehr verändert. Geschlafen wird immer noch in Hängematten, aber zur Unterhaltung dient inzwischen ein Fernseher“.Na galeria de imagens no site da ZDF. Disponível em: <https://www.zdf.de/dokumentation/dokumentation-sonstige/brasilien-schmelztiegel-der-welt-100.html>

Aos poucos aparece a vida quotidiana na tribo: *“Ein Leben zwischen Laptop und Federkrone”*. Retratam-se os elementos da cultura tradicional, como as redes onde dormem, os telhados de palha, a pintura dos corpos e rostos, a nudez. Ao mesmo tempo, são retratadas questões da vida moderna presentes na realidade das cidades na sociedade globalizada: escola, acesso a medicamentos, televisores, computadores e chinelos Havaianas. Como consequência, o lixo gerado pelo consumo de produtos industrializados espalha-se pela natureza.

Na última parte com os Xikrins, acontece um jogo de futebol, onde os jogadores aparecem uniformizados e divididos em equipes. Depois, também acontece o futebol feminino. Da última fala do narrador destaca-se que é o futebol que conecta o povo Xikrin com a nação brasileira. Precisamente nesse sentido, há ainda um depoimento de Beka, torcendo pela vitória do Brasil no mundial de futebol de 2014.

O retrato da comunidade indígena apresentado no documentário está longe de ser parecido com a que viajantes alemães doutros séculos fizeram. Não é mais surpreendente a nudez dos indígenas ou as suas relações com o trabalho e a natureza, mas o que parece se destacar dessa visita é a inserção dos Xikrins na sociedade de consumo global. Os chinelos Havaianas, os televisores e computadores roubam a cena e se confrontam com qualquer imagem romantizada que possa haver do indígena selvagem em contacto com a natureza. A

escolha do jornalista em dar destaque para esses símbolos, parece contrapor-se com a expectativa de encontrar uma comunidade “autenticamente brasileira”, com hábitos artesanais e com cultura e língua preservadas. Em resumo, encontramos uma comunidade como as outras, com suas especificidades, mas também híbrida e multifacetada.

No último destino, depois duma longa viagem, Andreas Wunn e sua equipa chegam à Praia de Carneiros, em Pernambuco. Naquela linda praia, cheia de coqueiros, com água com temperatura agradável, aconteceria um casamento numa pequena igreja. O casal e seus amigos eram de São Paulo e viajaram cerca de três mil quilómetros para comemorar, o que parece impressionar o jornalista.

Na fala da noiva, Wunn deixa transparecer a sua opinião sobre o Brasil: é a diversidade que define o Brasil, uma mistura colorida. “Es ist diese Vielfältigkeit. Alles ist so unterschiedlich, dass es schon wieder sehr brasilianisch ist, eine bunte Mischung”.

Em seu segundo livro, *Brasilien für Insider*, Wunn comenta sobre a gravação desse documentário e conclui que, apesar de todos os problemas sociais que há no Brasil, existe algo que une o povo brasileiro e foi isso que ele tentou identificar. A busca de Wunn para encontrar elementos de conexão (“verbindende Elemente”) na cultura brasileira é de facto marcante em todo o documentário: “Trotz all der Probleme, die Brasilien hat, gibt es etwas, das dieses Volk zusammenhält. Vielleicht ist es die Sprache, das Klima, vielleicht der Fußball, Havaianas, feijoada, der Strand. Vielleicht ist es aber auch einfach das Gefühl, in einem echten Schmelztiegel zu leben”.

É possível, assim, perceber que o conceito de diversidade perpassa todo o documentário. A imagem dum “caldeirão cultural”, tantas vezes usadas por autores e escritores para tratar do Brasil, é também usada por ele. A imagem dum país diverso é, há bastante tempo, uma espécie de marca registrada do Brasil.

Tal imagem deve, porém, ser analisada de maneira cuidadosa e crítica. A historiadora e antropóloga Lilia Schwarz, que há muitos anos se debruça sobre a sociedade brasileira, em estudos que tratam de questões como diferenças de classes, racismo, representação da sociedade e da cultura em obras de arte, fez considerações muito interessantes a respeito do tema, no programa de entrevistas *Roda Viva*, da TV Cultura do Brasil, em 07 de setembro

de 2020.²² Afirma a acadêmica, em tom bastante crítico à visão positiva da mistura de raças, tantas vezes exaltada em relação ao Brasil:

A gente pode lembrar aqui que, em 1906, o Brasil levou uma tese para o Primeiro Congresso Universal de Raças, ocorrido em Londres, em que João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional, defendeu a ideia de que em três gerações os brasileiros seriam brancos. Portanto, o branqueamento foi política de estado. No Estado Novo, o branqueamento vira, de fato, política de estado, com Gilberto Freyre, Artur Ramos, Donald Pearson. Gilberto Freyre vende a sua ideia para a UNESCO, que faz uma grande pesquisa em 1957, em que o Brasil é usado como exemplo de um país de democracia racial. (1h:14m:00s – 1h:14m:35s)

Essa imagem do caldeirão de culturas, duma democracia racial é objeto de muitas críticas, conforme explicitado na análise de Lilia Schwarz citada acima e será mais desenvolvida no capítulo seguinte, em que serão apresentadas as críticas do próprio Andreas Wunn à obra de Gilberto Freyre. Para já, porém, há que anotar que é basicamente essa a imagem transmitida no documentário.

²² https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro acessado em 20 de setembro de 2020

Capítulo 3 - O gigante acordou

Neste capítulo pretendo primeiramente analisar o segundo livro de Andreas Wunn sobre o Brasil, cujo título é *Brasilien für Insider – Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes*, publicado em abril de 2014. Na segunda parte do capítulo, será analisado o documentário *Der brasilianische Patient*, exibido no canal de televisão alemão ZDF em 2016.

3.1 Livro *Brasilien für Insider – Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes*

Brasil, o país dos contrastes e dos superlativos. Este conceito pode ser usado para resumir a abordagem adotada neste segundo livro. Ao longo da obra, este mote central é recorrente nos vários temas que são tratados pelo jornalista alemão para construir uma imagem mais aprofundada do Brasil. São apresentadas em detalhes algumas características que fazem com que no Brasil tudo, para o bem ou para o mal, seja ampliado.

Um país que, na época em que o livro foi escrito, chegou a ser a sexta maior economia do mundo, com um imenso potencial energético, com reservas de petróleo no valor de bilhões de dólares; um dos maiores produtores mundiais de soja, carne e suco de laranja e o terceiro maior fabricante mundial de aeronaves. Graças ao *boom* económico e aos programas sociais do governo, mais de 35 milhões de brasileiros ascenderam a uma nova classe média baixa na primeira década dos anos 2000. O superlativo não está presente apenas nas estatísticas, mas também em aspectos culturais e linguísticos, como o uso dos aumentativos nas palavras (“Pedrão”, “amigão”, etc.), a bebida “estupidamente gelada” (“kalt wie blöd”), e a montanha russa de sentimentos em que os brasileiros vivem: “Ich sterbe vor saudade”.

Mas nessa tendência para os extremos também há um polo negativo, ressalta Andreas Wunn. O Brasil é um dos países mais violentos do mundo. É também uma das sociedades mais injustas: cerca de 75% da riqueza está nas mãos de apenas 10% da população. O autor viveu *in loco* um dos momentos mais marcantes da história recente do Brasil, cujos reflexos se sentem até hoje. Em junho de 2013, cerca de um milhão de pessoas manifestaram-se em oitenta cidades, em todo o país, contra a corrupção na política, o transporte público miserável, o mau sistema de saúde e o alto custo de vida, dentre outros pontos. Para utilizar as metáforas usadas pelo jornalista, havia “fermentação” no caldeirão cultural brasileiro.

Na análise da obra, o primeiro aspeto a destacar-se é a mudança de postura do autor alemão em relação à sua primeira publicação, *In Brasilien geht's ohne Textilien*, de 2013, em que o narrador se identificava como um gringo a narrar suas aventuras no Rio de Janeiro. Neste novo trabalho, Wunn assume a sua posição de repórter investigativo, que procura compreender o que aconteceu com o “país do futuro” desde a sua chegada em 2010. O subtítulo do livro oferece pistas de como a sua análise será mais aprofundada, como num *zoom*, buscando desvelar o que se encontra por trás da primeira impressão causada pelas belezas naturais que o Brasil oferece.

Já nas primeiras páginas, Andreas Wunn destaca que o seu objetivo é explicar o Brasil e, por isso, apresentará análises sobre a política, a economia, a história e os problemas sociais brasileiros. Percebe-se que o jornalista entrou em contacto com a literatura sobre o Brasil e procurou apresentar dados e pesquisas para melhor fundamentar as suas opiniões. Todos os dados apresentados nos dois primeiros parágrafos deste capítulo foram literalmente citados por Wunn, bem como tantos outros que são usados para ilustrar a análise feita a respeito desse livro. Destaque-se também que o autor não deixou de lado os aspetos culturais e alguns tradicionais clichês sobre o país, como a música, a praia, o carnaval e o futebol, que também fazem parte desta publicação (Wunn, 2014: 14).

O livro é composto por dezoito capítulos independentes, com cerca de 12 páginas cada um. A maioria dos capítulos é estruturada na forma de ensaio, em que também se misturam histórias do quotidiano, em primeira pessoa, e entrevistas, apresentando inúmeras personagens, algumas que já apareceram no primeiro livro, algumas figuras notórias, como escritores, sociólogos, artistas, e ainda outras personagens desconhecidas, brasileiros “comuns”. A utilização desses relatos de episódios pontuais por ele vivenciados ou das histórias das personagens é um recurso narrativo marcante, que permeia todo o livro *Brasilien für Insider – Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes*. É a partir das histórias individuais que Wunn constrói um panorama mais amplo, para então discutir e analisar as questões mais gerais do Brasil e da sociedade brasileira, fundamentando-se em dados estatísticos. O ponto de partida, porém, via de regra, são as histórias das personagens.

Ao longo deste trabalho, pudemos perceber que os dois livros de Andreas Wunn apresentam características do gênero reportagens de viagens, uma fusão entre a reportagem literária e a literatura de viagens. Baptista (2010) compara a reportagem literária e a literatura de viagens, identificando pontos de contacto entre os dois gêneros

textuais e apresenta um referencial de grande valia para o exame do livro de Wunn. Ao tratar da figura do repórter e da sua função, cita a reflexão do jornalista e escritor polaco Ryszard Kapuscinski, para quem Heródoto, geógrafo e historiador grego que viveu no século V a.C., muitas vezes referido como o “pai da história”, teria sido o primeiro repórter de que se tem conhecimento, por trabalhar a partir de três elementos: a viagem, a entrevista e a edição. Quanto ao elemento “viagem”, a premissa era de que somente com uma expedição a outras culturas, Heródoto seria capaz de compreender profundamente a sua própria cultura, a partir dos pontos de reflexão e comparação. O segundo elemento do trabalho de Heródoto era a “entrevista”, compreendida como o contacto direto com as pessoas presentes nos acontecimentos a serem reportados, para colher opiniões, pontos de vista. Tais entrevistas, tão comum nas reportagens e em livros de viagem, podem ser consideradas estratégias de factualização ou autentificação para criar um efeito de realidade, assim como o uso de imagens e mapas, como se fossem uma declaração de presença e por isso mais fiável (Thompson, 2011: 28-29)

Por fim, o terceiro elemento é o trabalho de edição, ou seja, análise e elaboração do material compilado para produção do trabalho final, o texto escrito. Como vimos anteriormente, os escritores de viagem precisam se equilibrar entre dois papéis diferentes: o de repórter e o de contador de histórias. Por um lado, recolhem as informações, mas talvez mais importante do que isso é dar forma ao conteúdo e narrar aquilo que testemunhou, ou que diz ter testemunhado.

Nesse sentido, podemos propor um paralelo com o trabalho desenvolvido e apresentado por Andreas Wunn no seu segundo livro. As entrevistas feitas com os brasileiros são uma constante nas suas obras, tanto nos livros quanto nos documentários. Assim, o elemento da entrevista, o contacto direto com os brasileiros aos quais é dada voz no livro, é também um ponto chave do segundo livro. Importam os pontos de vida, as experiências dos “insiders”. É esse o ponto de vista que Wunn traz para o centro da sua narrativa, para explicar o Brasil e tratar das questões que desafiam o país para além dos estereótipos mais conhecidos.

Uma das diferenças mais notórias entre o primeiro e o segundo livro é a forma com que Wunn desenvolve os temas que pretende tratar a partir das entrevistas. No primeiro livro, o autor se coloca como um “gringo/turista”, mas neste o seu papel é do “repórter/investigador”, que, a partir dos temas expostos nas entrevistas, traz dados,

informações históricas, referências bibliográficas etc. para fundamentar os pontos de vista que defende. Isso não deixa de ser feito por um eu-narrador estrangeiro, alemão e com doses de leveza e humor, que é um traço em comum com o livro anterior.

Um objetivo claro deste livro é possibilitar ao leitor de língua alemã conhecer um pouco mais sobre a realidade brasileira, numa forma um pouco mais “séria”. Este livro, assim como outros livros de viagem na mesma linha, encontram-se à venda nas estantes de não-ficção e, com essa classificação, apelam ao interesse do público de ter uma visão factual dum determinado país e povo estrangeiro. Como afirma Debbie Lisle em *The Global Politics of Contemporary Travel Writing* (2006), por serem obras de não ficção, os travelogues empregam estratégias e metodologias similares às usadas nas ciências naturais e sociais (por exemplo: identificar, categorizar, analisar, demonstrar e testar factos empíricos), para conhecer e compreender a “realidade” do país, povo ou cultura estrangeira. Ainda nesse sentido, Paul Fussler, citado por Lisle, afirma que os livros de viagem atendem a um duplo interesse do público leitor: por um lado, vivenciar aventuras em terras distantes, mas ao mesmo tempo saber que estão a receber informações dum mundo factual, respaldadas em técnicas e conhecimentos das ciências sociais. (Lisle, 2006: 38).

A certeza é a de que vamos encontrar um narrador jornalista, viajante. É certo também que, conforme Batista, são muitos os pontos de contacto entre a reportagem e a viagem. Na análise do desenvolvimento do jornalismo desde os fins do século XIX, aponta a importância do surgimento da “Grande Reportagem”, no período entre guerras, para apontar uma convergência entre jornalismo e literatura desde então, concluindo que toda reportagem é uma viagem, porque pressupõe uma deslocação para tratar da revelação dum acontecimento. Acrescenta ainda que a dualidade Eu/Outro é um ponto comum que repórter e viajante compartilham, assim como a função de tradução pessoal e cultural. Nas palavras de Oliveira (2007), o repórter não é um mero jornalista a relatar um acontecimento, mas “um missionário, um tradutor, um mensageiro que traduz uma cultura a outra tornando-as mutuamente compreensíveis e com isso aproximando-as. Tom Wolfe, um teórico que trata do jornalismo, afirma que a reportagem é o romance baseado em factos verídicos.

É nessa zona de intersecção que se situa a figura de Andreas Wunn autor do segundo livro: viajante numa cultura e país diferente, mas também repórter que vivencia alguns dos episódios mais marcantes da história recente do Brasil. É nessa dupla legitimação que ele

leva aos leitores de língua alemã uma realidade do Brasil “além do cartão postal”.

Outro aspeto relevante em relação ao paralelismo existente entre a reportagem literária e os escritos de viagem trata da questão do papel do repórter e do escritor viajante: ambos apresentam-se como testemunhas de determinadas situações e factos. Uma das características essenciais do repórter é a de ter estado presente no local do acontecimento, no mesmo momento ou em momento posterior, para colher informações para transmitir aos seus leitores/público. No livro, é possível perceber que Wunn faz questão de dizer que esteve nos locais e que foi testemunha ocular de alguns acontecimentos importantes.

Da mesma forma que a questão do facto *versus* ficção se coloca para os relatos de viagem, também quando se discute o papel e o trabalho do repórter, os limites do que é factual na reportagem são objeto de reflexão. Ainda que de forma diferente, pois do repórter espera-se uma fidelidade ainda maior do que do escritor de viagem. Porém, a reportagem, assim como o relato de viagem, sempre estará sujeita aos filtros decorrentes do ponto de vista e paradigmas do seu autor.

Feita essa análise mais geral do livro, propomos uma interpretação mais detalhada sobre os principais temas apresentados. Os capítulos deste livro podem ser agrupados em cinco grandes temas: social, político, económico, histórico e cultural. Os temas culturais e sociais são os que aparecem com mais frequência. É evidente que a categorização acima é, de certa forma, arbitrária, pois os temas se interrelacionam e misturam. Contudo, para facilitar a compreensão, a análise a seguir será feita a partir da referida classificação.

No aspeto social, destacam-se os tópicos da desigualdade de classes sociais e da possibilidade de ascensão - como pessoas pobres podem “subir na vida” - que são questões bastante recorrentes ao longo do livro. Este tema está bastante relacionado com o contexto de políticas públicas recém implementadas no país alguns anos antes da chegada do autor, que levaram a que 36 milhões de pessoas saíssem da extrema pobreza, criando o que não existia no Brasil: uma classe média baixa (Wunn, 2014: 104).

Quanto às questões culturais, assim como se verifica no seu primeiro trabalho, veremos que ocupam uma grande parte do livro, inclusive com temas e personagens repetidos, que já apareceram nas obras anteriores (primeiro livro e primeiro documentário). São apresentados pelo jornalista alemão alguns assuntos pelos quais o Brasil tem grande reconhecimento internacional, tal como a bossa nova, o futebol, o samba e ídolos brasileiros.

A abordagem da temática política está centrada nas manifestações de junho de 2013 e depois no processo de destituição (*impeachment*) da presidenta Dilma Rousseff (acontecimentos que são apresentados em mais detalhes no documentário de 2016). Também a estrutura política marcada pela corrupção e a trajetória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva mereceram destaque na narrativa.

As questões históricas são as que talvez mais claramente têm uma transversalidade nos vários capítulos e aparecem conjugadas com questões relativas a outros temas. Há um capítulo que trata especificamente da história do Brasil, quando o autor relata a sua conversa com um dos descendentes dos antigos imperadores do Brasil. Isso foi desenvolvido em mais detalhes no primeiro documentário. Além disso, ao tratar de algumas das principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, o autor aborda alguns aspetos das histórias destes grandes centros urbanos.

No que diz respeito ao aspecto económico, o autor faz um panorama geral do momento então vivido pelo Brasil, que vinha de alguns anos de grande desenvolvimento e protagonismo na economia mundial, com o surgimento do grupo dos BRICS e descobertas de petróleo na camada do pré-sal, até chegar a uma crise económica que começava a se deflagrar na época do lançamento do livro.

Por se tratarem de temas que são apresentados por via de muitos dados, de estatísticas, de factos da história, e não tanto por elementos narrativos, os aspetos históricos e económicos não serão abordados em detalhe na análise que se fará. Há que se destacar que o autor, na maioria das vezes, não apresenta quais são as fontes de tais referências citadas, o que prejudicaria o desenvolvimento adequado dum trabalho de análise que se propusesse em relação a esses dois temas.

3.1.1 “Doch wer länger in Brasilien lebt, lernt auch die Schattenseiten kennen”

O primeiro capítulo é um resumo muito claro de tudo o que foi referido até agora sobre a estrutura do livro. Podemos dizer que esse é um capítulo de apresentação, que evolui em três momentos facilmente identificáveis: a história de Rosangela (personagem apresentada no primeiro livro como responsável pela limpeza do apartamento do autor); factos e dados sobre o momento do Brasil e as belezas e sombras do país. A partir da história individual de Rosangela, que representa a situação de grande parte da população brasileira, cuja existência e rotina às vezes parecem invisíveis ao olhar estrangeiro sobre o país, o autor

quis tornar explícito para o seu leitor alemão que o Brasil tem seus problemas e quais são eles. Mas não deixou de tratar de aspetos positivos do momento que o Brasil vivia; explicou a situação econômica recente, que proporcionou melhores condições de vida com os programas sociais, e o facto de que milhões de pessoas saíram duma situação de extrema pobreza. Adicionalmente, outros fatores como a diversidade natural e cultural, os mais de 8.000 km de costa, a Amazônia, as grandes cidades e um “caldeirão” com 200 milhões de pessoas são algumas das belezas e riquezas do Brasil referidas no capítulo.

Além disso, fica bem evidente a sua postura de jornalista e a sua pretensão de agir com imparcialidade:

Brasilien kann mich überwältigen und berauschen. Brasilien kann mich empören und aufregen. Nur eines kann Brasilien nicht: mich gleichgültig lassen. Und trotzdem muss ich als Journalist immer wieder die nüchterne, objektive Brille aufsetzen, um dieses Land zu bewerten (Wunn, 2014: 14)

Acrescente-se também que, relativamente às cinco grandes categorias mencionadas acima (questões sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas), este primeiro capítulo apresenta, em certa medida, um apanhado, uma amostra do que será desenvolvido no decorrer do livro.

Como destacado acima, algumas personagens que aparecem neste segundo livro já foram mencionadas no livro anterior e esse é o caso de Rosangela, a protagonista deste capítulo de abertura “Vor Sonnenaufgang im Bus”. Ela é a empregada doméstica que trabalhou em seu apartamento durante o tempo que o jornalista viveu no Rio de Janeiro. Seguindo a técnica narrativa de partir de histórias individuais ou experiências próprias para desenvolver questões mais amplas, Wunn narra o dia em que ele próprio fez o trajeto de ônibus feito todos os dias por Rosangela para ir trabalhar: saindo da casa dela em Maricá, às 5h30 e percorrendo setenta quilômetros, quase duas horas, para chegar à zona sul do Rio de Janeiro, onde o jornalista morava. Um trajeto que era feito por mais de dois milhões de pessoas, todos os dias (*idem*: 10).

O narrador descreve Rosangela fisicamente, detalha o trabalho de empregada doméstica e conta alguns factos da biografia dela: frequentou apenas três anos na escola pois começou a trabalhar aos onze anos ajudando a sua mãe, que lavava roupas. Tinha 57 anos e trabalhou a vida toda como empregada doméstica, não queria mais morar na favela

onde cresceu, por ser muito perigosa. Na fala de Rosangela era preciso “lutar”, trabalhar muito para ter uma vida digna. É seguro afirmar que a apresentação de alguns detalhes específicos da vida da personagem é um recurso para “aproximar” o público leitor da história, cativando-o para a posterior apresentação dos dados objetivos sobre o Brasil, que poderão ser compreendidos numa forma mais contextualizada, ao invés de terem uma leitura simplesmente de “frios” dados estatísticos.

Com efeito, ao ampliar a análise da vivência individual de Rosangela para a realidade da sociedade brasileira, a história dela é apresentada pelo narrador como uma das “sombras” do Brasil, que só se percebe depois de algum tempo a viver por lá, quando se passa realmente a conhecer o país. O jornalista afirma que um estrangeiro quando visita o país pela primeira vez não consegue imaginar os reais problemas brasileiros, porque fica logo deslumbrado com tanta beleza natural, com a cordialidade dos brasileiros, a sensualidade da música, da natureza, do clima e também das mulheres:

Brasilien ist mit Abstand die sympathischste Nation unter den neuen Mächten des 21. Jahrhunderts (...) Ein Land mit positivem Look and Feel. Ein Land ohne Feinde. Brasilien steht für Samba, Strand und Fussball, für Leichtigkeit, Zwanglosigkeit und Lebensfreude. Ob nun Klischee oder Wahrheit oder eine Kombination aus beiden – Brasilien wird von vielen Menschen weltweit gemocht (*idem*: 12).

A respeito das adversidades do país, cita as desigualdades sociais, a pobreza, a violência, a criminalidade, a educação e a saúde, a corrupção e a miserável infraestrutura (*idem*: 13). Apesar de enfrentar todos os dias esses problemas, Rosangela se dizia uma brasileira orgulhosa.

Ficam assim apresentados de forma geral, nessa abertura da obra, as grandes contradições que serão exploradas em mais detalhes e noutros contextos no decorrer do livro. Destaca-se que a abordagem polarizada positivo-negativo é algo que se pode encontrar em muitos relatos doutras épocas sobre o Brasil. Muitos autores contrapõem a visão idílica do Brasil com as dificuldades que se enfrentam no país. As belezas naturais são características que, de forma recorrente, são apresentadas como um dos grandes aspetos positivos do Brasil. A exuberância da natureza tropical é algo que salta aos olhos de qualquer estrangeiro que volta o olhar ao Brasil.

Como contraponto, por muito tempo, os aspetos culturais foram apresentados como

um dos principais problemas do Brasil, especialmente em períodos de pensamento eugenista, com um discurso de superioridade de “raças”, em que os negros e indígenas eram tratados e descritos como “raças” inferiores ao europeu. Agora, naturalmente, Wunn apresenta um olhar diferenciado, louvando o “caldeirão cultural” brasileiro. Ainda que a compreensão do “caldeirão cultural” tenha sido questionada e, de certa forma, superada pelas teorias da multi e transculturalidade, isso é um aspeto em que o relato de Wunn apresenta bastantes diferenças em relação a outros relatos de viagem sobre o Brasil. Ou seja, a diversidade cultural, em linha com o pensamento predominante nas ciências sociais desde a segunda metade do século XX, é tida como fonte de riqueza e de novas possibilidades, como uma importante mais-valia dos países e sociedades. Num olhar crítico e abrangente, o que Wunn apresenta como “sombras” do Brasil são, de facto, alguns dos principais problemas e desafios que o país enfrenta, como a má distribuição orçamental, a enorme desigualdade social e as questões da violência e criminalidade. O que vale a pena realçar para os fins do presente trabalho é que, ainda que o conteúdo das polaridades positiva e negativa tenham mudado, o enfoque dicotómico, das contradições apresentado por Wunn segue uma tradição há muito presente nos relatos sobre o Brasil.

3.1.2 “Der Traum vom sozialen Aufstieg”

Um dos capítulos mais surpreendentes do livro é o intitulado de “Wahre Liebe: Brasilianer und der Fußball”, devido à abordagem utilizada pelo autor para tratar do tema do futebol. No início, há um parágrafo de descrição da chegada do jornalista numa grande fazenda onde se criava imenso gado (“Die Rinder – viel mehr, als ich auf Anhieb zählen kann”), no estado do Mato Grosso, na região Centro-Oeste, uma das mais quentes do Brasil, sendo toda a situação da sua chegada a esse ambiente rural comparada humoristicamente por ele a uma “kitschige Szene eines Westerns” (Wunn, 2014: 31). A fazenda em questão era do ex-jogador de futebol Giovanne Élber, brasileiro que jogou na equipa FC Bayern München, onde teve grande sucesso. A primeira parte do capítulo é dedicada a narrar a história de vida desse jogador, o qual, oriundo duma família muito pobre, com pais que não tiveram estudos, tinha o sonho de ser jogador e enriquecer, ou seja ascender socialmente.

Nesse mesmo tom, narra-se a história de Yan Soares de Oliveira, 16 anos, jogador que, junto com outros 90 talentos do futebol a partir dos 12 anos, encontrava-se em formação no internato Desportivo Brasil, onde tinham uma rotina de muitos treinos e recebiam apoio

pedagógico e psicológico, para além de apoio financeiro para a família. Explica-se como é a formação desses jovens, muitos dos quais chegam a ser profissionais do futebol. Esses internatos funcionam quase como fábrica de talentos e o sonho de todos os jovens era, invariavelmente: jogar na Europa, tornar-se conhecido e, claro, melhorar de vida (*idem*: 40): “Für die Armen Brasiliens bietet der Fußball, was sonst vielleicht nur Religion zu leisten vermag, spirituelle und emotionale Heimat, Flucht aus dem Alltag, Heiligenverehrung, Zusammengehörigkeitsgefühl und Hoffnung auf ein besseres Leben.” (*idem*: 39).

A intenção do autor nesse capítulo é compreender como o futebol no Brasil pode exercer um papel tão importante, não apenas do ponto de vista “cultural”, em termos do amor que grande parte dos brasileiros nutrem por esse desporto, uma paixão nacional, mas como um possível veículo para ascensão social. Isso é possível perceber ao analisar as descrições que o autor faz a respeito do ex-jogador Giovanne Élber, que teve uma carreira de sucesso na Alemanha e que soube investir os milhões que recebeu em fazendas, carros, gados e imóveis. E também a partir da comparação do quanto a vida dele era diferente financeiramente da vida que tivera na infância: “Hättest du als Kind je gedacht, dass du nicht nur Fußballprofi, sondern auch Großgrundbesitzer werden wirst, Giovanne?” (*idem*: 31).

O futebol tem realmente um papel de relevância na sociedade brasileira em diversos aspetos. Em relação ao amor do brasileiro pelo futebol, o autor afirma que ao longo das décadas o Brasil teve sempre protagonismo nos mundiais de futebol, com jogadores famosos em todo o planeta, com destaque para Pelé. O hábito dos brasileiros de assistir aos jogos com tanta frequência e paixão também parece surpreender o jornalista. Um esporte que tem uma função de coesão social que não pode ser subestimada, ele une as classes sociais: “Im endlos lang gezogenen Torschrei Gooooooooool erkennt sich jeder Brasilianer wieder, egal woher er kommt oder wie viel Geld er verdient” (*idem*: 39). Esse carácter integrativo do futebol está presente no facto de que os adeptos se unem pela paixão à equipa de sua devoção, independentemente de classes sociais ou condições de vida.

Outro capítulo em que a questão social está bem demarcada é “Häusermeer bis zum Horizont: São Paulo”. Seguindo na tentativa de conhecer melhor os brasileiros “comuns” e suas trajetórias, Wunn trata da cidade de São Paulo, mas agora, além de descrever a megacidade e seus pontos turísticos, dá enfoque à imigração e sua história, e também relata um dia da rotina de vida do “motoboy” Gilberto, definida pelo jornalista como “Ein Tag der Angst” (*idem*: 48).

Primeiramente há uma longa narrativa sobre a história de São Paulo, uma das cidades mais ricas do Brasil, a sua fundação e desenvolvimento com o café e os contributos dos imigrantes europeus. Uma cidade como um “universo”, onde se encontra tudo de melhor e de pior do país, a riqueza e a pobreza extremas, a alta cultura com museus, cinemas e teatros, o cosmopolitismo, o futurismo, mas também um trânsito caótico e um “deserto de cimento”. Como exemplo da desigualdade social cita que, ao lado da Bolsa de Valores (BOVESPA), vive um grande número de pessoas sem abrigo e está localizada a Cracolândia, nome dado à região da cidade onde se concentram adictos de *crack*, que comercializam e fazem uso da droga nas vias públicas. Uma cidade profundamente marcada por opostos: onde ricos possuem helicópteros, com a maior frota do mundo, e os autocarros circulam lotados com pessoas espremidas em pé. E também uma cidade com muitos motoboys, são 500.000, a maioria deles negros (*idem*: 53).

Para mostrar a pujança económica e a riqueza da cidade, é apresentado um dado que possivelmente surpreenderá o leitor alemão, designadamente que São Paulo é o local com o maior número de empresas alemãs fora da Alemanha: “Rund 900 Unternehmen mit rund 250.000 Mitarbeitern unterhalten hier Dependancen oder Tochterfirmen: neben Volkswagen etwa Mercedes-Benz, MAN, BASF, Bayer, Robert Bosch, Siemens und viele andere” (*idem*: 52).

Mas essas informações sobre a riqueza e o potencial económico servem principalmente como um contraponto para a crítica social que é feita a partir do personagem do motoboy. Descreve-se longamente a profissão e os perigos que se corre todos os dias na cidade onde morre pelo menos um motoboy por dia. Na sua rotina, Gilberto percorria cerca de duzentos quilómetros e trabalhava nove horas por dia, para receber cerca de quinhentos euros por mês. A contradição exposta consiste no facto de que, apesar da precariedade e dificuldade do seu trabalho, Gilberto trabalhava para uma empresa que presta serviços para pessoas e instituições que tinham grandes lucros e movimentavam grandes somas de dinheiro, como bancos, notários e multinacionais. “Die Wirtschaft ist der Motor, der diese Stadt am Laufen hält, und eines der vielen kleinen Rädchen dieses Motors sind die motoboys wie Gilberto” (*idem*: 52).

Percebe-se no livro um grande interesse pela vida do trabalhador brasileiro, por relatar as suas dificuldades, sendo Rosângela, Yan e Gilberto representantes da dificuldade da vida das classes trabalhadoras no Brasil. A preocupação com a abordagem dessas questões é uma

nítida diferença em relação ao primeiro livro, distanciando-se este segundo livro da categoria do relato de viagem picaresco, por conta desse e outros aspetos do enfoque narrativo.

Há um outro capítulo que desperta interesse e é muito simbólico, estando de certa forma também relacionado, ainda que indiretamente, a essa temática da mobilidade social e da busca por ascensão na pirâmide social: “Havaianas: Brasiliens Gummischlappen erobern die Welt”. Nesse capítulo o narrador conta a história dos chinelos de borracha que em princípio, quando criadas em 1962, eram destinadas às classes trabalhadoras mas que ficaram conhecidas mundialmente e hoje são vendidas nas ruas mais caras do Brasil (e mesmo doutras metrópoles mundiais), ao lado de marcas desde sempre identificadas com o público de elite. Além de ser inequivocamente um dos principais símbolos do Brasil no mundo, a história desses chinelos pode ser uma alegoria da ascensão social tão almejada por uma parcela imensa da população mais pobre do Brasil.

Desde a sua criação até o começo dos anos 1990, eram chinelos simples, usadas apenas pelos trabalhadores, pela camada mais pobre da população, sendo associadas à falta de recursos financeiros e a uma condição de vida humilde: “Aber zugleich waren sie ein Symbol für das arme Brasilien. Zum Einkaufen liess die Putzfrau ihre Havaiana zu Hause, weil sie sich schämte. Die Mittelschicht konnte mit den Billigschlappen überhaupt nichts anfangen. Die Verkäufe liessen nach” (*idem*: 127). No entanto, a partir da década de 1990 começam a ser feitas massivas campanhas de imagem (*idem*: 128), que buscaram (e conseguiram) dissociar os chinelos Havaianas da imagem de calçado de pessoas sem recursos e construir um conceito de chinelos versáteis, úteis e desejadas por pessoas de todas as condições económicas. A partir de apenas um modelo de chinelo, que era a única opção disponível durante décadas, começou a surgir uma infinidade de modelos, cores e estampas, buscando ampliar o público consumidor. Até mesmo o *slogan* da marca foi alterado de “As legítimas” para “Todo mundo usa”. Como resultado de todo esse reposicionamento de marca, em 2012 foram vendidos 220 milhões de pares de Havaianas em todo o planeta. Nenhum outro produto brasileiro foi tão difundido entre as diferentes camadas sociais (*idem*: 127).

É significativo considerar que a capa do livro é ilustrada por um par de chinelos fincadas na areia da praia, numa clara referência às Havaianas. Há que se lembrar que o livro foi publicado num momento em que o Brasil vivia (ainda que já na curva descendente) um

período de crescimento económico, de esperança, com grande projeção positiva internacional, em parte devido à realização do campeonato mundial de futebol. Milhões de cidadãos brasileiros mudavam de classe social, passando a ter melhores condições de vida, com o surgimento do que foi chamada a “nova classe C”. Essas mudanças pelas quais as pessoas e as classes sociais passavam foram referidas pelo autor em vários momentos ao longo do livro, inclusive ao tratar da história das Havaianas (*idem*: 104, 127). Assim, apresentar na capa do livro um par de chinelas que são usadas desde as camadas mais miseráveis até a mais alta elite da população brasileira pode ser interpretado como uma metáfora da ascensão social tão buscada pelos brasileiros trabalhadores e tão discutida no livro. Certamente muitos desejariam ter uma história análoga à que tiveram as hoje tão famosas Havaianas, que passaram de calçado de trabalhadores humildes no Brasil a objeto de desejo em muitos dos principais templos do consumo de luxo no mundo.

3.1.3 “So schmeckt Brasilien”

As partes em que são abordados aspetos culturais do Brasil são alguns dos excertos do texto em que o carácter descritivo da obra é mais intenso. É sempre com grande riqueza de detalhes que o narrador apresenta e explica hábitos, eventos, situações e expressões artísticas que compõem o panorama cultural da sociedade brasileira. Esse género de abordagem muito descritiva é muito frequente nos livros de viagem, com o objetivo de criação do efeito do real (ver secção “1.2.4 Facto e ficção”).

Um dos principais eixos estruturantes da narrativa neste segundo livro de Wunn sobre as questões culturais é o das relações Brasil-Alemanha. O ano de 2013 foi o ano da Alemanha no Brasil, tendo sido realizados muitos eventos e atividades culturais, comerciais, económicas e políticas.

Outro aspecto a realçar diz respeito ao facto de que muitos personagens, elementos e situações que já tinham sido matéria do primeiro livro e do primeiro documentário são trazidos novamente como objetos de análise. O tom anedótico, de curiosidade e humor também transparece na apresentação de certos hábitos e na caracterização cultural do Brasil. Mas, no geral, a perspectiva agora adotada é mais profunda. Quase cinco anos depois de ter começado a viver no Brasil, o olhar é mais crítico e provocador, propondo algumas reflexões. Percebe-se que mais do que descrever factos curiosos e divertidos a partir do ponto de vista dum “gringo”, o viajante-narrador quer perceber como algumas questões

culturais que definem o Brasil relacionam-se com questões mais profundas da sociedade brasileira e pretende debruçar-se sobre pontos mais polémicos.

O capítulo “Rio de Janeiro: Carioca-Chaos und der Strand” é dedicado à cidade do Rio de Janeiro e os seus habitantes, os cariocas. Expõe, pelas palavras dum deles, como são os típicos cariocas: não gostam de sinal vermelho nem de dias sem sol. São atrasados, vivem intensamente: o amor, o carnaval, o futebol e os sentimentos. Mesmo quando os cariocas têm problemas, fazem piada de si mesmos. São relaxados e isso relacionam ao mar, à beleza da cidade e ao bom clima.

É pintado um quadro geral que apresenta mais uma vez a beleza do Rio de Janeiro: “Ein ungläubliches Ensemble aus Meer, Stränden, Hügeln, Felsen, Sonne, Häusern und Urwald. (...) Tiefes Blau neben sattem Grün. Rio gleicht einem tropischen Traum” (Wunn, 2014: 18-19). Mas também são apresentados os pontos negativos como o trânsito caótico, as deficitárias infraestruturas de hospitais e escolas, as diferenças sociais e a criminalidade. Entre esses dois extremos estão alegadamente os cariocas, que conseguem manter a calma e tranquilidade em quase todas as situações do quotidiano.

Percebem-se aqui ecos de imagens apresentadas noutros relatos de viagem anteriores sobre o Brasil, em que um certo cenário idílico é exibido. Ou seja, mesmo com as dificuldades, com os problemas, o que é apresentado dos cariocas é a forma relaxada e leve de viver a vida. Mas como dito, o objetivo deste livro é ir além do cartão postal e é nesse sentido que outros elementos são trazidos para o leitor. Por exemplo, informações sobre a origem da palavra “carioca”, que vem da língua indígena Tupi e significa casa do homem branco, bem como a origem do nome da cidade Rio de Janeiro. Mas, mais do que isso, são apresentados dados estatísticos, como uma pesquisa de opinião do jornal *O Globo*, de janeiro de 2013: 75% dos cariocas achavam o Rio uma cidade feliz e 66% acham que são mais felizes do que pessoas doutras cidades. Essa alegria de viver estaria relacionada principalmente com a praia, segundo os entrevistados (*idem*: 21).

Em duas páginas, é descrito quase tudo que se faz na praia (local de encontro com os amigos, passeio com a família, prática de atividades desportivas), o que vestem os homens e as mulheres, como se comportam, o que comem e quem são as pessoas que frequentam cada praia (Leme, Copacabana e Ipanema). Onde é possível perceber um olhar mais crítico do escritor é no trecho em que trata da relação do carioca com a praia, como o lugar supostamente mais democrático do Brasil, onde ricos e pobres, negros e brancos, gordos e

magros se encontram. Wunn afirma que, para muitos brasileiros, o hábito de ir à praia é uma das grandes “narrativas unificadoras da sociedade brasileira”, como um lugar onde se encontra todas as tonalidades de pele, as mais variadas idades e classes sociais.

Contudo, como se percebe do excerto a seguir, o viajante-narrador faz uma crítica séria aos problemas raciais brasileiros, confrontando a ideia da praia como um lugar democrático e contrariando o que até mesmo ele, Andreas Wunn, acreditava em seu primeiro livro.

Für viele gilt der Strand als eine der Großen, verbindenden Erzählungen der brasilianischen Gesellschaft. Als ein Ort aller Hautfarben. Bunt es Brasilien. Im Sand sieht man alle nur denkbaren Schattierungen und Mischungen nebeneinander. (...) Der Strand gilt als Ort aller Generationen, aller Milieus und aller sozialer Schichten. (...)

Und trotzdem reichen die sozialen Unterschiede natürlich bis auf den Sand, wie so oft in Brasilien verlaufen sie auch am Strand entlang der Hautfarben. Viele derjenigen, die dort arbeiten – die Verkäufer, die barraca-Besitzer, die Müllmänner, die Rettungsschwimmer und selbst die Polizisten-, sind schwarz (...). Der Strand als Ort der Entblößung verdeckt zwar manche Probleme und Unterschiede, aber er hebt sie nicht auf. Er ist einfach nur ein gleissender Spiegel der brasilianischen Gesellschaft. (*Idem*: 28-29)

Ao notar e destacar em seu livro que os trabalhadores são negros, o narrador vai contra o deslumbre da miscigenação harmônica. Stefan Zweig, por exemplo, afirmou em *Brasil, um país do futuro* que no Brasil se via em qualquer lugar pessoas das mais variadas raças (os descendentes de portugueses, a população indígena, os negros africanos, e os alemães, italianos e japoneses, e todas as raças conviviam em perfeita harmonia.

Nach europäischer Einstellung wäre zu erwarten, daß jede dieser Gruppen sich feindlich gegen die andere stellte, die früher Gekommenen gegen die später Gekommenen, Weiße gegen Swarze, Amerikaner gegen Europäer, Braune gegen Gelbe, dass Mehrheiten und Minderheiten in ständigem Kampf um ihre Rechte und Vorrechte einander befeindeten. Zum größten Erstaunen wird man nun gewahr, daß alle diese schon durch die Farbe sichtbar voneinander abgezeichneten Rassen in vollster Eintracht miteinander leben und trotz ihrer individuellen Herkunft einzig in der Ambition wetteifern, die einstigen Sonderheiten abzutun, um möglichst rasch und möglichst vollkommen Brasilianer, eine neue und einheitliche Nation zu werden. (Zweig, 2013: 15).

Vale notar que é possível perceber no livro de Wunn uma certa alternância entre o

papel de jornalista factual e a figura do turista gringo, que algumas vezes volta a aparecer, de forma muito semelhante ao livro anterior. No capítulo “Die Entdeckung der Sinnlichkeit: Karneval im Sambodrom”, em que se trata do Carnaval, essa polaridade é muito evidente. O eixo central da narrativa é a escola de samba Unidos da Tijuca e a sua preparação para o desfile. A escolha não foi aleatória, assim como a escolha de retratar a escola Imperatriz Leopoldinense no primeiro livro. Tal se deve ao facto de que a Unidos da Tijuca teve como tema, em 2013, “Alemanha encantada”, homenageando a Alemanha e valorizando as relações entre os dois países.

O desfile estava organizado com 3.400 pessoas, divididas em 31 alas e seis grandes momentos. Inicialmente, os mitos germânicos e seres fantásticos das florestas como dragões, elfos e gnomos. Depois, o setor relacionado aos contos de fadas, que, segundo o carnavalesco Paulo Barros, o povo brasileiro associava mais aos personagens da Disney do que aos contos dos irmãos Grimm. Na terceira parte, dedicada às artes e à cultura, surgem várias referências à cultura alemã, ao filme “Metropolis” de Fritz Lang, ao teatro de Brecht, a Marlene Dietrich, Goethe, Beethoven, à ópera *O holandês voador*, de Wagner, entre outras. Logo em seguida, entra-se no universo infantil, com brinquedos inventados pelos alemães, como a boneca de corda e o Playmobil. No quinto setor, entram as invenções alemãs, como o raio-X, o Zeppelin e a primeira forma de impressão de manuscritos com caracteres móveis, de Gutenberg. O desfile termina com uma homenagem ao ano da Alemanha no Brasil, onde estão presentes o legado dos imigrantes alemães, a culinária e, principalmente, a cerveja (Wunn, 2014: 168).

Com isso, fica mais uma vez evidente a aposta do escritor na aproximação com o leitor alemão, que se vê relacionado à história do Brasil e especialmente de forma muito positiva e elogiosa, reforçando-se o estereótipo e a autoimagem dos alemães como habilidosos, técnicos, trabalhadores, desenvolvidos e com capacidades científicas (Gazzi, Lazzari, Bampi, Eberle & Milan, 2017: 610).

Escrito em primeira pessoa, o capítulo tanto apresenta elementos tradicionalmente associados à imagem do Carnaval no Brasil – um momento de muita euforia, a sensualidade da mulher, o grande espetáculo mediático, a mobilização duma parcela significativa dos brasileiros com o evento - quanto aspetos um pouco menos usuais, como a visão do carnaval como um negócio, os bastidores por trás do espetáculo, as pessoas envolvidas na organização do evento e o seu papel social e educativo.

Logo na segunda página do capítulo, depois de descrever suas sensações ao participar dum ensaio onde cerca de 4 mil pessoas dançavam e cantavam, mesmo num dia chuvoso e depois das dez horas da noite, o autor faz um interessante contraponto entre o seu corpo, que estranhava os ritmos do samba e o duma mulher brasileira, que dançava com muita naturalidade:

Für einen Europäer, einen Gringo, ist das immer ein komisches Gefühl. Ich werde nie dazugehören (...) Plötzlich tanzt eine junge Frau neben mir. Sie trägt ein kurzes knallgelbes Kleid mit tiefem Ausschnitt. Ihre braune Haut glänzt vom Regen. Ihre Hüfte steht keine Sekunde still. Tausend kleine, dunkle Locken wirbeln um ihren Kopf (Wunn, 2014: 162).

Essa contraposição é um rico material para uma análise dos estereótipos representados na cena. Por um lado, o estrangeiro sem ritmo ou habilidades corporais, que se sente desajeitado, deslocado num ambiente de tanta corporalidade e sensualidade. Ou seja, a imagem do homem estrangeiro está construída de forma diametralmente oposta à da mulher brasileira, negra e sensual, cujos corpo, movimentos e ritmo se fundem com a música e o ambiente. Tal estereótipo da mulher brasileira, ainda que não tenha sido apresentado pelo narrador de forma ostensiva, remete a uma imagem arraigada no imaginário mundial, muito reforçada nalgumas novelas brasileiras, por exemplo, e que o próprio governo brasileiro, especialmente entre as décadas de 1960 e 2000, explorou como chamariz numa estratégia de promoção do turismo (Alfonso, 2006: 4; Klanovicz, 2010: 141).

Ainda sobre essa mesma temática, mas apresentando um outro enfoque, há a entrevista com Bruno Tenório, o responsável pela área do marketing da Unidos da Tijuca, que relata ao jornalista a expectativa que a escola de samba tinha, de conseguir patrocínio de empresas alemãs, o que, porém, estava difícil devido ao imago tipo acima referido:

Viele deutsche Firmen haben Berührungängste, sie denken beim Karneval in Rio vor allem an nackte Brüste.

Aber diese Zeiten sind längst vorbei, versichert er. Nackte Brüste sieht man bei den Sambatänzerinnen im Sambodrom nur noch selten. In früheren Jahren tanzten manche Sambahönheiten sogar splitternackt durch die Arena, angestachelt durch die immer grössere mediale Aufmerksamkeit und die Konkurrenz unter den Tänzerinnen. Inzwischen sind nackte Tänzerinnen verboten. Das Bild vom Karneval in Rio muss dringend korrigiert werden, findet Bruno. Genauso wie das Deutschlandbild der Brasilianer, finde ich (Wunn, 2014: 166).

É interessante o excerto acima no qual, por meio da fala do entrevistado, há uma tentativa em desconstruir a imagem do carnaval repleto de mulheres nuas. Num outro momento da entrevista, também transcrito no livro, Bruno ressalta que a função do carnaval não é mais mostrar peles nuas, mas sim, como principal elemento da cultura popular brasileira, proporcionar informação, cultura e entretenimento (*idem*: 169).

Assim como aparece no primeiro livro, detalha-se como é composta a equipe de funcionários que trabalham nas escolas de samba, como funciona a competição entre as escolas durante os desfiles e como é o financiamento milionário para o carnaval, que chega através de patrocinadores, de emissoras de televisão, da própria cidade e muitas vezes acontece de forma ilegal, através dos chefes do jogo do bicho (jogo de sorte) ou do tráfico de drogas (*idem*: 164-165). Mas uma diferença significativa que se pode perceber com relação ao primeiro trabalho é como o carnaval agora é apresentado como um gigantesco negócio, não apenas um património cultural e uma questão de paixão.

Was als Mischung aus europäischen und afrikanischen Ritualen begann, brach nach 1930 allmählich aus den armen, schwarzen Elendsvierteln aus und eroberte mit den schnellen Rhythmen des Samba die Strassen der Stadt, und wenig später tanzte das ganze Land. Heute sind die Musik und ihre Tänze weltberühmt, und Karneval ist inzwischen nicht nur eine der grössten brasilianischen Leidenschaften, sondern auch ein Riesengeschäft (*idem*: 165).

Seria, então, na visão do jornalista, por esse motivo que os brasileiros se organizam tão bem para o evento, numa exceção em relação ao estereótipo usual de desorganização: “Es ist der Moment im Jahr, an dem wirklich jeder Brasilianer, der Mitglied einer Sambaschule ist und mitläuft, pünktlich sein will. Denn das Ganze ist eben nicht nur alegria, sondern knallharter Wettbewerb, in dem es um viel Ehre und viel Geld geht” (*idem*: 164).

Valendo-se novamente da estratégia de buscar elementos de comparação entre os dois países, para alcançar uma interlocução com seu público, o jornalista pede ao diretor de marketing, que já havia visitado o carnaval de Colónia, na Alemanha, que faça uma comparação entre ambos. A resposta de Bruno Tenório é no sentido que o carnaval de Colónia lembra o carnaval do Rio nos anos trinta do século passado, socialmente crítico, com muita ironia, diferentemente do carnaval carioca atual, uma competição com cada vez mais tecnológica, mais profissional e com mais *glamour*.

Por fim, nesse capítulo sobre o carnaval o jornalista alemão também lança um outro olhar para o evento, para além do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro. Wunn dedica três parágrafos para explicar os outros carnavais que existem no Brasil e mesmo no Rio de Janeiro. Menciona os blocos carnavalescos que começam suas apresentações e desfiles desde janeiro e em diferentes regiões da cidade e que alguns blocos podem chegar a reunir cerca de dois milhões de pessoas. Faz um bom resumo do que é um bloco:

Ein bloco ist ein bunt gemischter, feuchtfröhlicher Straßenumzug. Vorneweg oft eine Band auf Lastwagen mit riesigen Lautsprechern, und die Masse tanzt hinterher: mehr Love-Parade als Rosenmontagszug. Nicht nur Samba, sondern auch Techno, brasilianischer Funk und andere Stilrichtungen heizen die Menge an. Viele blocos haben eine lange Tradition und sind ein Muss in der Vorkarnevalzeit (*idem*: 163).

Dos festejos fora do Rio de Janeiro é mencionado o carnaval de Salvador, onde desfilam trios elétricos pelas principais avenidas com bandas tocando axé, outro ritmo brasileiro descendente do samba e os blocos afro, que se caracterizam por grupos de percussão com elementos do candomblé, religião afro-brasileira. Além disso, também descreve o carnaval do Recife, mais tradicional e menos comercial, segundo o autor, onde desfilam bonecos enormes feitos de papel maché e onde os estilos de música tocados são o frevo e o maracatu.

Outro capítulo do livro dedicado aos aspetos culturais é “So klingt Brasilien: Bossa Nova, Samba und mehr”. Em quase dez páginas são apresentados os estilos musicais que fazem parte da MPB (música popular brasileira), tais como o samba, a bossa nova, o choro, o pagode e o forró, além de ser abordado o importante movimento cultural que aconteceu na década de 1970, o tropicalismo. Mas merece especial destaque e muitos elogios a bossa nova, o estilo musical brasileiro que mais parece agradar ao autor.

No primeiro parágrafo, valendo-se de muitos adjetivos positivos, descreve a delicadeza do tipo de música que ficou mundialmente conhecida nos anos 1950 e 1960 e que definitivamente tornou as praias do Rio de Janeiro um cenário e destino de sonhos. O próprio texto do autor procura reproduzir, de certa forma, a paz e alegria que a bossa nova inspira a quem escuta esse estilo musical: “Töne und Harmonien, wie in den Wind geworfen. Ein federleichter Rhythmus. Verspielte, aber präzise Gitarrenakkorde. Entspannter, fast geflüsterter Gesang. Strandgeklimper aus Copacabana und Ipanema. Bossa Nova, neue Art,

neue Richtung” (*idem*: 57).

Para melhor informar o leitor a respeito do contexto histórico da criação da bossa nova, o autor cita alguns factos importantes na vida política e cultural do Brasil naquelas décadas, um período que é considerado como de modernização do país. Em 1956, começou o governo do presidente Juscelino Kubitschek, que prometia o desenvolvimento de cinquenta anos em cinco, mediante reformas de infraestrutura, industrialização e um intenso crescimento econômico. É dessa época também a construção de Brasília, com um projeto “futurístico” assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, e também duas obras literárias que são marcos do modernismo literário brasileiro: *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, e *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Além disso, a premiação do Oscar de 1960 para *Orfeu Negro* como melhor filme estrangeiro.

Para a sua análise da bossa nova, Wunn vale-se do livro *Bossa nova - Eine Geschichte der brasilianischen Musik*, do jornalista brasileiro Ruy Castro, o qual chamou de bíblia da bossa nova e que parece ter sido sua única referência teórica sobre o tema. O livro, numa forma um tanto romantizada, reconstrói a vida cultural carioca da época através de entrevistas a compositores, cantores e instrumentistas, imagens de apresentações e vasto conteúdo jornalístico. Alguns factos narrados nesse livro de Castro e citados por Wunn são episódios biográficos dos três “pais” da bossa nova, Tom Jobim, Vinicius de Moraes e João Gilberto, assim como a história da composição de “Garota de Ipanema” que, segundo o autor, foi a segunda música mais tocada no mundo, depois de “Yesterday”, dos Beatles (*idem*: 61).

Valendo-se da estratégia narrativa usual em todo o livro, neste capítulo de *Brasilien für Insider* são apresentados dois personagens: um cantor, que costuma atuar num bar na praia de Ipanema e um professor de literatura aposentado. É esse personagem que verbaliza uma definição que representa de forma muito significativa a visão do autor sobre o estilo musical em questão: a bossa nova seria a Mona Lisa brasileira, por buscar a perfeição no que é simples: “Bossa Nova steht für Symmetrie und Gleichgewicht. Die Suche nach dem Perfekten im Simplen. Genau wie die Mona Lisa sucht die Bossa Nova die Perfektion in der Einfachheit. Aber nicht im Banalen” (*idem*: 63). O narrador enfatiza muitas vezes e dá detalhes sobre o ritmo leve e lúdico que mistura as estruturas de harmonia do jazz com as melodias que às vezes parecem desafinadas, mas que milagrosamente tudo harmoniza. “Bossa Nova ist die musikalische Entdeckung der Leichtigkeit. Alles schwebt. Bossa Nova ist ein bisschen wie

Fliegen. Wer sie hört, dem zaubert sie ein Lächeln ins Gesicht.” (*idem*: 63). Assim como Ruy Castro, autor que lhe serve como grande referência para a análise do estilo, Wunn exalta a bossa nova como sendo uma revolução musical.

Em grande parte, os aspetos positivos e musicalmente revolucionários da bossa nova são apresentados em contraposição ao samba. O capítulo descreve rapidamente a história do samba e compara os dois estilos musicais, sendo a bossa nova considerada como algo mais refinado. Nas palavras dum colega alemão do narrador: “Wenn Samba die Fußsohle ist, dann Bossa Nova die Zehenspitze (...) Bossa Nova ist das Flüstern, Samba die volle Kehle. Bossa Nova ist das Hinterzimmer, Samba die Straße. In der Bossa Nova ist die Power des Samba nach Bonsaiprinzip umgeformt und erhalten” (*idem*: 66).

Percebe-se assim que, pela forma apresentada, a bossa nova é tida como uma evolução do samba; teve as suas raízes no samba, mas tornou-se uma expressão artística distinta. O tom adotado no livro é muito semelhante àquele de Ruy Castro na obra *Chega de Saudade*, em que a bossa nova é retratada como um movimento inédito, inaugural, de ruptura com a estética musical existente até então, chegando mesmo a ser caracterizada como uma iniciativa heroica de alguns jovens de classe média (Vargas & Bruck, 2017: 228).

É importante ressaltar, porém, que esta visão romantizada da bossa nova que prevaleceu por muitas décadas e que é a tónica da obra de Ruy Castro e reafirmada pelo autor alemão, é contestada por críticos e cientistas sociais da área da história a partir da década de 1990. A associação da bossa nova com uma elite social, económica e cultural passa a ser um elemento de destaque na análise desses críticos, que questionam o carácter revolucionário desse novo movimento musical, percebendo-o muito mais como uma espécie de filtro e espaço simbólico que se adequa perfeitamente à adaptação ao espaço cultural urbano e à modernidade que se desenvolvem naqueles anos (*idem*: 233).

Relativamente ao contraponto com o samba, os contrastes podem ser percebidos tanto no aspeto musical quanto em relação às letras. No primeiro caso, houve uma espécie de “limpeza étnica e moral do samba, com arrefecimento de sua intensidade rítmica e destaque para melodia e harmonia, e de seu reenquadramento social, para agradar a um público que privilegiava esses aspectos musicais como critérios positivos” (*idem*: 234). Em relação às letras, também é possível perceber como houve uma preocupação em aproximar-se duma linguagem utilizada por setores abastados e letrados da sociedade, ao invés daquela dos compositores de sambas da origem social humilde: “a expressão ‘cabrocha’ é

substituída por ‘garota’, ‘requebrado’ por ‘balanço’ e, às vezes, ‘mulata’ abrandado para ‘morena” (idem: 236).

Como referido, *Brasilien für Insider* apresenta porém uma visão idealizada e pouco crítica da bossa nova e do seu surgimento. É possível que isso se deva, em boa parte, ao facto de o autor ter vivido na mesma zona da cidade que foi o berço da bossa nova e passar por ruas e lugares muitas vezes citados nas letras das canções, sendo crível supor que se sentia de volta a um passado de ouro, como ficaram conhecidos os anos anteriores ao golpe militar de 1964 no Brasil. Toda a ambientação quando se trata da bossa nova no capítulo é diferente da que prevalece no restante do livro, principalmente quando se fala do Rio de Janeiro. Longe do discurso tão comum sobre a violência, as diferenças sociais e as multidões que se aglomeram nas praias, no carnaval ou nos jogos de futebol, ao tratar da bossa nova retrata-se de forma nostálgica um passado glorioso que ainda nos anos 2000 se sentia presente. Seja ao assistir ao cantor na praia de Copacabana ou ao visitar a loja de discos do professor de literatura, parece que, em certa medida, Wunn busca viver uma época de menos conflitos e encontrar uma inocência perdida.

A investigadora Debbie Lisle, na sua obra *The Global Politics of Contemporary Travel Writing*, desenvolve uma análise crítica sobre os escritos de viagem contemporâneos que nos parece muito pertinente em relação à visão da bossa nova apresentada no livro *Brasilien für Insider*. Para Lisle, os escritos de viagem ocidentais contemporâneos são moldados por dois fatores fundamentais. Por um lado, memórias nostálgicas dum passado idealizado e, por outro, uma perceção de que os espaços globais se localizam numa linha histórica progressiva e evolutiva. Quanto à nostalgia, a investigadora destaca que os escritores de viagem contemporâneos têm a intenção de perpetuar um mito do lugar intocado, a crença de que houve uma era dourada, quando as coisas eram mais simples e havia menos conflitos. Esta é talvez uma forma para evitar-se debater, questionar e engajar nas questões presentes. É assim que a investigadora entende que se posicionam os escritores de viagem ocidentais ao fazerem relatos de culturas que julgam “inferiores” à deles (Lisle, 2006: 209).

No segundo aspeto, as diferentes culturas e sociedades são vistas e analisadas numa linearidade histórica que vai de povos, culturas e sociedades, menos desenvolvidos, menos evoluídos e mais primitivos, em direção àqueles social, política, económica e culturalmente mais desenvolvidos e evoluídos. De acordo com essa visão, o percurso pode ser exclusivamente trilhado nessa direção, sem se admitir visões ou compreensões históricas

distintas, que deem conta doutras variáveis e da diversidade que pode existir. Nesse paradigma ocidentalizado, as sociedades que estão na extremidade mais avançada dessa linearidade histórica são as sociedades europeias e norte-americana (*idem*: 209)

Dessa forma, ao tratar da bossa nova, é possível entender porque quanto mais próximo ao jazz, quanto mais elaborado melódica e ritmicamente (caraterísticas da tradição musical europeia), mais refinado e evoluído é considerado o género musical. Em comparação ao samba, que é mais fundado no ritmo, de matriz africana, e consequentemente mais primitivo e menos evoluído.

Tanto é assim que o próprio Wunn afirma que:

Livemusik ist in Rio de Janeiro an jedem Abend der Woche zu haben. Selbst in kleinen Läden spielen sehr gute Musiker. Doch Bossa-Nova-Konzerte sind selten, vielleicht weil viele Brasilianer laute Musik mit großen Emotionen und bunter Show bevorzugen. Und die Bossa Nova ist immer irgendwie elitär – und weiß – geblieben. Samba dagegen hört man an allen Ecken (Wunn, 2014: 69)

É necessário que se faça uma ressalva. Não se pode dizer que a obra do jornalista alemão padeça de falta de senso crítico e duma visão romantizada e idealizada, em geral. Pelo contrário, o autor tem um olhar muito apurado para os conflitos e desafios. Porém, ao tratar da bossa nova, é possível perceber, ainda que de forma subtil, uma visão que pode ter correlação ao que Lisle aponta. Além disso, a visão nostálgica em questão pode ter sido intencionalmente apresentada como um contraponto, um respiro, uma espécie de intervalo entre os demais capítulos do livro, que tratam de tantos problemas, conflitos e desafios da realidade do Brasil nos anos depois de 2000.

Ainda no que se refere à temática cultural, é de destacar o capítulo “So schmeckt Brasilien: Feijoada und mehr oder weniger Raffiniertes” sobre culinária e hábitos alimentares no Brasil. É importante realçar que, ao se falar do género literatura de viagens, é frequente que haja partes das obras que se ocupem da temática da alimentação. Assim, informações sobre alimentos, modos de preparo e formas que as diferentes culturas possuem em relação ao ato de se alimentar estão sempre presentes desde há muitos séculos até às contemporâneas formas de comunicação, como *blogs* e aplicações para dispositivos móveis, onde podem se encontrar dicas de restaurantes, avaliações de estabelecimentos e comentários sobre experiências gastronómicas.

No que diz respeito à longa tradição dos conteúdos sobre alimentação em relatos de

viagens, podemos citar Hans Staden, por exemplo, viajante que conviveu com indígenas brasileiros Tupinambás, feito refém no início da colonização do país (século XVI) e que referiu o consumo da mandioca pelos indígenas, bem como as técnicas para o seu preparo e conservação. Numa das suas ilustrações que compõem o seu livro *Viagem ao Brasil*, pode-se ver como eram plantadas e preparadas as raízes de mandioca, alimento que era usado de forma similar ao pão, na comparação feita pelo viajante estrangeiro (Bitelli & Jurema, 2019: 27-28).

Tais relatos foram de grande importância para a construção do que hoje conhecemos como história da alimentação no Brasil. Gilberto Freyre, Luís da Câmara Cascudo e Sérgio Buarque de Holanda foram alguns dos intelectuais que, no início do século XX, escreveram sobre o papel da alimentação na constituição da cultura e identidade brasileiras e tiveram como fontes de suas pesquisas os relatos de viagens. Sabe-se, por exemplo, que Câmara Cascudo, para o seu livro *Antologia da alimentação no Brasil*, valeu-se de depoimentos ou crônicas em relatos de viajantes estrangeiros, ao lado de outros documentos históricos, artigos de jornais antigos, textos literários e de estudiosos do folclore (Cavignac & Oliveira, 2010: 70).

Na contemporaneidade percebemos, como já mencionado, que os livros, blogs e sites de viagens estão cheios de informações sobre alimentação dos países visitados. Andreas Wunn não é uma exceção. No seu primeiro livro tratou do assunto em apenas uma cena numa churrascaria, mas neste trabalho de 2014 trata com mais detalhes um dos principais pratos brasileiro e dos hábitos alimentares, dedicando um capítulo inteiro ao assunto. O capítulo começa com uma longa descrição da sua visita ao Bar do Mineiro, no Rio de Janeiro. Narra-se a história da região onde o bar se localiza, detalhes da decoração do ambiente, o longo tempo de espera e finalmente o prato que experimentou: feijoada, o que Wunn afirmou ser mais do que um prato brasileiro, mas um santuário de culinária nacional: “Feijoada schmeckt nach Familie, nach Freunden und nach Musik. Man isst sie vor allem samstags oder am Sonntag. Feijoada ist ein soziales Event, bei dem sich ein ganzes Land um einen Tisch versammelt, um sich leidenschaftlich dem Moment hinzugeben” (Wunn, 2014: 206).

A respeito da origem do prato, coloca-se em destaque crenças há muito difundidas entre os brasileiros: “viele Brasilianer sind davon überzeugt, dass die feijoada ursprünglich ein Sklavengericht war”. É senso comum dizer-se que a feijoada é um prato que foi criado

nas senzalas pelos escravos, com os restos de carnes que não eram desejados e consumidos pelos seus “donos” nas casas grandes. Diz a lenda que os escravos teriam juntado esses restos desprezados ao feijão, surgindo daí um prato que caiu no gosto de todas as classes sociais e tornou-se mundialmente reconhecido. Porém, estudiosos questionam essa versão e o que se encontra documentado é que a refeição dos escravos era baseada em feijões e farinha. Além disso, pratos com carnes guisadas e feijões já eram costume em Portugal e noutros países europeus como Espanha, Itália e França (Bitelli & Jurema, 2019; Wunn, 2014: 207).

Contar e perpetuar a história da feijoada como uma criação de escravos que transformaram restos numa iguaria apreciada por todos tem como pano de fundo uma mesma visão de mundo que se encontra presente nas obras de Gilberto Freyre e Stefan Zweig, por exemplo: a de que no Brasil houve uma convivência harmónica das raças, sendo o Brasil um lugar de paz social e o “país do futuro”, como um exemplo de comunhão para o mundo que vivia em guerra (ver seção 1.4).

Relativamente a esse ponto, porém, é nítido o novo papel adotado pelo autor no segundo livro: o de jornalista crítico, inquisitivo, que procura uma compreensão mais ampla do Brasil. Afirma que se trata duma história bonita - “Es ist eine schöne Geschichte”, mas apresenta elementos que descontroem a lenda bem como, duma forma mais geral, essa auto e hétero imagem do Brasil como um país de democracia racial, refletindo sobre a obra de Gilberto Freyre. Noutro capítulo, ao questionar se o Brasil é, de facto, um caldeirão cultural sem racismo, há um importante questionamento sobre a tão conhecida obra de Freyre:

Die Vermischung der Ethnien in Brasilien nahm ihren Ausgang auf den Plantagen und bestand vorwiegend in der Vereinigung von weissen Herren mit schwarzen Sklavinnen. Dass dies jedoch in der Regel unter Zwang geschah, dass Gewalt, Macht und Hierarchie die Grundlagen dieser Vermischung waren, betont Freyre zu wenig - obwohl er es thematisiert: „Das Wirtschaftssystem der Monokultur und die Sklaverei in heimlichem Bund mit dem Klima schufen die Atmosphäre eines Sexualrausches, wobei Wirtschaftssystem und Sozialstruktur einflussreicher waren als das Klima” (Wunn, 2014: 193).

Nesta passagem, coloca-se o leitor médio alemão a par duma análise mais crítica sobre a história brasileira. O mito da democracia racial brasileira é amplamente disseminado em todo o mundo, mas é diretamente confrontado pelo jornalista alemão, que aponta a

violência, o poder, a hierarquia e a coação que estão por trás da mistura de grupos étnicos no Brasil.

No que diz respeito à feijoada, apesar de não ser verdadeira a história tão difundida de que foi criação dos escravos, não deixa de ser verdade que, como ela é servida atualmente “é resultado da miscigenação étnico-cultural brasileira, uma cultura híbrida, fruto dos saberes indígenas, negros e europeus”, constituindo-se património cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro (Bitelli & Jurema, 2019: 33). De facto, e de forma pertinente, Wunn aponta que a feijoada continua como um “elemento de ligação” entre ricos e pobres, “eine klassenübergreifende, identitätstiftende Mahlzeit, für die sich sehr viele Brasilianer begeistern” (Wunn, 2014: 207). As suas origens, porém, não são tão romantizadas como usualmente se crê, assim como a questão racial e do desenvolvimento da atual estrutura social brasileira não é harmoniosa, como defendiam intelectuais como Freyre ou Zweig. Sendo assim, percebemos a clara intenção do autor de discutir de maneira séria questões estruturais da sociedade brasileira, tais como a desigualdade de classes e o racismo, refutando muitos estereótipos consolidados do Brasil e dos brasileiros, fazendo aquilo a que se propõe inicialmente: dar um grande enfoque nas máculas que incidem sobre a imagem do país.

3.1.4 “Das Volk ist erwacht”

A análise que o autor dedica à questão política encontra-se no capítulo “Der brasilianische Juni: Proteste und Politik” em que dedica doze páginas para tratar do tema, tendo como eixo central os protestos de junho de 2013. Do ponto de vista formal, o capítulo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, uma conversa com amigos da classe média com queixas sobre a baixa qualidade de vida que se tem no Brasil. Depois, descreve-se e analisa-se as manifestações populares ocorridas em todo o Brasil em junho de 2013 e, por último, há uma entrevista com o escritor Luiz Ruffato, que fez um discurso muito marcante na Feira do Livro de Frankfurt de 2013. Esse recente período da história, vivido *in loco* por Andreas Wunn no país foi um marco na política brasileira, com conjunturas muito complexas e até contraditórias, conforme afirma a socióloga Sabrina Fernandes (2019: 6), e com consequências que se sentem até aos dias atuais.

Na conversa inicial com o casal de amigos cariocas, que logo são definidos como de classe média, esses se dizem indignados com a vida no Brasil, principalmente com a corrupção. Reclamam do trânsito na cidade, das péssimas condições dos transportes públicos e da má qualidade dos sistemas públicos de educação e saúde, além da violência e dos altos custos de moradia. Estabelece-se assim o mote central que perpassa toda a análise desenvolvida no capítulo: a corrupção na administração pública e como os desvios de recursos trazem prejuízos para todas as classes sociais, por não serem prestados os serviços públicos que são necessários à população. O narrador, que já vivia no país há alguns anos, afirma que já tinha ouvido essas queixas muitas vezes, mas não compreendia como as pessoas não protestavam nas ruas (Wunn, 2014: 84).

Wunn escreve que meses depois dessa conversa tomaram corpo as manifestações de junho de 2013, “die großen Sozialproteste, die Brasilien seit mehr als zwanzig Jahren gesehen hat”. A grande proporção que esse movimento popular alcançou começou com manifestações contra uma proposta de aumento de 20 centavos de real no custo dos bilhetes de autocarros na cidade de São Paulo, cuja administração estava então a cargo dum político do Partido dos Trabalhadores (PT), partido de esquerda, ao qual também pertenciam o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e a então presidenta Dilma Rousseff. Num espaço de pouco mais de duas semanas aconteceram manifestações em São Paulo, no Rio de Janeiro, espalhando-se então para todo o Brasil. Através das redes sociais o número

de manifestantes aumentou vertiginosamente nesse curto espaço de tempo, chegando a 300.000 pessoas em onze cidades em 20 de junho (*idem*: 84). O jornalista definiu o perfil da nova geração de manifestantes do Brasil: jovem, de várias etnias, sem líderes e sem um objetivo claro. Em particular, adolescentes em idade escolar e estudantes de famílias de classe média que participavam pela primeira vez numa manifestação. De facto, conforme referido pelo jornalista alemão, não se tratou numa mobilização das classes mais baixas: “Es sind aber nicht die Armen, die hier auf die Strasse gehen, nicht die Aufsteiger und auch nicht die neue untere Mittelschicht, die nach mehr Konsum nun ebenfalls mehr politische Mitsprache fordert” (*idem*: 85).

Apesar das manifestações terem se iniciado com uma pauta contra os aumentos dos custos de transportes nas cidades, concomitantemente ao aumento do número de pessoas, novas pautas eram agregadas, como a crítica aos gastos com o campeonato de futebol, aos altos impostos pagos no país e o pouco retorno para os cidadãos. Mas, com o passar do tempo, o que acabou por se tornar a principal bandeira dessas manifestações foi o combate à corrupção, algo encampado especialmente pela classe média, em linha com a conversa com o casal de amigos apresentado no início do capítulo “Der brasilianische Juni: Proteste und Politik”.

É necessário ressaltar que esse marcante momento da história política brasileira é de grande complexidade e tem diversas linhas de interpretação, tanto à esquerda quanto à direita. Mesmo passados quase oito anos dos referidos eventos, ainda é difícil ter uma compreensão da disputa de forças e ideologias que ocorreram naquele período, reverberando no futuro político do Brasil. Se foi um movimento de esquerda ou de direita, se foi uma ascensão de massas, quais projetos políticos e de poder estavam em jogo são algumas questões que se colocam quando se discutem tais movimentos. O que se pode perceber retrospectivamente é que tais manifestações se encaminharam para uma pauta ufanista e anti-esquerda de combate à corrupção, tornando-se marco inicial numa crise de representação com forte rejeição a partidos e posições ideológicas (Fernandes, 2019: 10, 91, 92).

Apesar de Andreas Wunn não fazer essa análise - até mesmo porque escreveu o livro em momento muito próximo aos eventos e o grau de conhecimento da realidade brasileira e a reflexão proposta no livro não terem essa profundidade - ele aborda um pouco do contexto subjacente ao movimento, como os governos de Lula e Dilma Rousseff que

antecederam o período das manifestações.

Conforme é apresentado no livro, desde 2003 o Brasil era governado pelo Partido dos Trabalhadores, um partido de esquerda, com os mandatos de Lula (2003-2006 e 2007-2011) e de Dilma Rousseff (2012-2015 e 2016 até ao *impeachment*). O autor expõe o desapontamento com as reações da presidenta Dilma Rousseff às manifestações, definidas como duras, sem carisma e sem diálogo com a população. Compara-a com o presidente Lula, seu antecessor, muito mais comunicativo e popular, e apresenta uma longa descrição da trajetória do presidente, que incorporava o sonho da ascensão social. Explica, de maneira crítica, porque Lula era tão amado e porque alguns problemas estruturais do Brasil não tinham sido resolvidos, apesar dos avanços, acarretando com que eclodissem as manifestações de 2013:

Als Präsident hat Lula zwar bei Millionen von armen Brasilianern eine Aufbruchstimmung erzeugt, aber in der Mittelschicht und oberen Mittelschicht ist davon wenig angekommen. Er sorgte für Umverteilung, doch am System hat er nichts geändert. Mit seinem Charisma übertünchte er die Probleme dieses Landes – Korruption, ein mangelhaftes Bildungs-Gesundheitssystem, die marode Infrastruktur (*idem*: 91).

No desenvolvimento da análise política e das manifestações de Junho de 2013, o jornalista alemão entrevista o escritor brasileiro Luiz Ruffato, alguém que, em suas palavras, dissecou sem piedade os problemas brasileiros: “Einer, der Brasiliens Probleme schonungslos wie kein anderer seziert” (*idem*: 91). Os livros de Ruffato, traduzidos em cinco línguas, tratam principalmente da classe trabalhadora, dos pobres, dos desprovidos, das crianças de rua, das prostitutas. O verdadeiro Brasil obscuro, das pessoas anónimas e invisíveis, que vivem especialmente nas grandes cidades. Talvez, as personagens dos livros de Luiz Ruffato tenham sido inspirações para o próprio Andreas Wunn, que no seu segundo livro teve um olhar mais apurado para as pessoas “comuns”. O próprio escritor é um exemplo dessas pessoas: muito pobre, filho de pais analfabetos, pai vendedor de pipoca e mãe lavadeira, começou a trabalhar aos 6 anos, foi operário, tornou-se jornalista e só mais tarde, aos 40 anos, escritor. O primeiro livro de Ruffato, *Eles eram muitos cavalos*, de 2001, é sobre as profundas desigualdades na cidade de São Paulo: “das Buch ist genauso, wie er die Stadt sieht: atemlos, gehetzt, überall Schmerz und Einsamkeit. Brasilien ganz unten” (*idem*: 91).

Sem citar dados, Wunn narra que foi a São Paulo para se encontrar com Ruffato e o entrevistar. Foram em primeiro lugar à Praça da Sé, marco zero da cidade, onde há uma catedral neogótica, a maior estação de metro da América Latina e uma praça cheia de palmeiras, já referida no capítulo 2 deste trabalho ao se analisar o primeiro documentário. Wunn afirma ficar chocado com a presença de muitos sem teto e usuários de *crack* num lugar tão central e com património turístico e histórico de relevância.

A entrevista desenvolve-se em torno de temas sociais e históricos como o racismo, a pobreza e a desigualdade social no Brasil. Wunn pergunta a Ruffato o que teria acontecido com a nova classe média, aqueles que foram atendidos pelos programas sociais de Lula e Dilma. A resposta do entrevistado é que apesar de ter sido, de facto, um grande passo, as questões estruturais não foram resolvidas. O que aconteceu é que as pessoas que eram muito pobres, tornaram-se apenas pobres e continuam a ser, em vez de cidadãos plenos, pequenos consumidores. “Wir haben sie lediglich zu Konsumenten gemacht, nicht Bürgern. Und die Reichen haben nach wie vor so viel Geld wie vorher” (*idem*: 94).

Em relação ao racismo e à exploração da população mais pobre, Ruffato afirma que o Brasil nasceu do genocídio dos povos indígenas e continuou com brutal importação de mão de obra africana, substituída depois por imigrantes europeus, muitos dos quais também foram tratados como escravos. Atualmente há muita migração interna, trabalhadores do nordeste vão para Rio de Janeiro e São Paulo e grande parte deles vão viver nas favelas (*idem*: 93). Acrescenta ainda que no Brasil não há uma segregação explícita, um racismo de Estado, mas que é uma característica presente na sociedade brasileira:

Es gab in Brasilien keine staatlich verordnete Rassentrennung. Keine Trinkbrunnen nur für Weisse, keine getrennten Sitzplätze im Bus. Keine offizielle Apartheid. Brasilien war nie geprägt von einer starken rassistischen politischen Bewegung. Dennoch gab und gibt es Rassismus und Diskriminierung in Brasilien. Wer die Diskriminierung nicht sehen will, sieht sie nicht. Wer aber genau hinschaut, erkennt sie. (*idem*: 93)

É referido no livro que, com essa posição extremamente crítica em relação à história do Brasil, Ruffato deu início ao seu discurso na feira do Livro de Frankfurt em outubro de 2013, quando o Brasil foi o país homenageado. Esse discurso foi polémico porque, centrando-se nas desigualdades sociais, Ruffato confrontou a imagem mais disseminada, principalmente internacionalmente, de que o Brasil vive em harmonia e é formado por um

povo alegre. O que ele quis reforçar foi exatamente o contrário, mas não era isso que se esperava de escritor ao se falar de seu país num momento de homenagem.

Wir Brazilianer haben ein sehr romantisches Bild von uns selbst. Wir finden uns umgänglich, gut drauf. Ein Land, in dem sich alle bestens verstehen. Aber ich sage mit absoluter Sicherheit, das ist ein grosser Irrtum (...) Wir sind kein freundliches Volk, wir sind unterwürfiges Volk. Das ist keine Gastfreundschaft, das ist Unterwürfigkeit. (*Idem*: 92)

Esta parte da obra em que Andreas Wunn aborda a entrevista com Luiz Ruffato é um bom exemplo do que se discutiu no capítulo 1 a respeito do conceito da friccionalidade na literatura de viagens desenvolvido por Otmar Ette (2001). Dois pontos ilustram tal situação. Em primeiro lugar, ao narrar a sua chegada à Praça da Sé em São Paulo juntamente com Ruffato, e dizer que foi a primeira vez que esteve lá, as fronteiras entre o que é facto e o que é ficção ficam mescladas. Para quem conhece a obra de Wunn, no seu primeiro documentário *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen*, o jornalista alemão também chegava pela “primeira vez” à mesma Praça da Sé, mas naquela ocasião, acompanhado de Horácio, um descendente de japoneses.

A segunda situação que evidencia a oscilação entre ficção e dicção, impedindo-nos uma atribuição categórica, diz respeito a alguns dos conteúdos apresentados como sendo afirmações de Ruffato feitas na entrevista concedida a Wunn. Partes significativas que constam do livro podem ser encontradas praticamente nos mesmos termos no referido discurso feito pelo escritor brasileiro em Frankfurt. É impossível, assim, determinar se realmente Ruffato falou na entrevista as mesmas coisas que já tinha falado no discurso ou se Wunn fez uma seleção e ele mesmo utilizou conteúdo do discurso como se fosse da entrevista. Indo mais longe, seria até mesmo possível questionar se a própria entrevista foi concedida ou não. Não é possível, portanto, delimitar claramente o que é relato factual e o que é criação ficcional.

Outro aspeto interessante em relação ao facto de Andreas Wunn trazer as ideias de Luiz Ruffato, ao tratar das questões políticas no Brasil e das manifestações de junho de 2013, concerne ao tema da intertextualidade. Com efeito, quando explora as dimensões do relato de viagem, Otmar Ette se refere ao espaço literário; como o relato se relaciona com outros textos, de diferentes autores (intertextual) ou com outros textos de mesmo autor (intratextual). Afirma que outros textos são introduzidos no próprio relato, através de

referências diretas ou de alusões indiretas que não são evidentes para o leitor. Em muitos casos as referências explícitas servem para apoiar o discurso do autor com uma função legitimadora (Ette, 2001: 35).

Outro aspeto importante diz respeito à questão se e em que medida os objetos do relato de viagem também têm a possibilidade de se constituírem como sujeitos, com voz própria. Noutras palavras, se há a inclusão de textos produzidos pelos habitantes locais dos destinos de viagem nos relatos de viajantes europeus. Ette ressalta que apenas no século XX se constatará em larga escala uma mudança fundamental, designadamente com a inclusão dos próprios povos visitados nos processos de significação dos viajantes europeus (Ette, 2001: 35).

Nesse sentido, é possível perceber a inclusão do pensamento de Luiz Ruffato sob a ótica da intertextualidade, nos termos referidos por Ette. Outro teórico que se ocupou da intertextualidade foi Bakhtin, em cuja visão “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.” (Kristeva, 1974: 64). Ou ainda, noutros termos, no texto literário, há “um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior” (*idem*: 62). A noção de polifonia é trazida para a escrita pela teoria bakhtiniana. O diálogo de diferentes vozes enriquece a obra literária, “representando um confronto de ideologias que pode ocorrer entre personagens; ideias; género e discurso, proporcionando-nos o acesso à fala do outro, à sua voz, à manifestação das suas ideias” (Giacomolli, 2014: 185).

Assim, do ponto de vista da construção do discurso, as ideias de Luiz Ruffato podem servir como legitimadoras numa visão crítica que Wunn pretendeu apresentar, especialmente em se tratando de imagens tão fortes do Brasil e dos brasileiros, como a da democracia racial, a dum povo cordial e pacífico, por exemplo.

3.2 Documentário *Der brasilianische Patient*

No dia 4 de agosto de 2016, um dia antes da abertura oficial dos Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro, foi transmitido pelo canal televisivo alemão ZDF o documentário *Der brasilianische Patient*, cuja autoria e apresentação também são de

Andreas Wunn²³. Trata-se dum documentário de vinte e oito minutos, no qual o jornalista entrevista doze pessoas e concentra-se na cidade do Rio de Janeiro. O eixo central do documentário são os Jogos Olímpicos, mas especialmente os investimentos que foram feitos para sediar o evento em contraste com as mazelas sociais que não recebem os recursos necessários para a sua superação.

O documentário tem como subtítulo “Olympialand in der Krise” e retrata um período importante da história do Brasil: desde 2009, quando houve grande euforia com o anúncio da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, passando pelas grandes manifestações populares de 2013 e o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2015 e 2016, até aos preparativos finais para a abertura do evento em 2016. Procederemos a seguir a uma síntese das oito partes nas quais se divide o documentário (ver Apêndice 2), com uma análise geral no final.

Assim como no primeiro documentário, são alternados momentos de imagens, com narração em *off* por Andreas Wunn, com cenas em que as entrevistas acontecem. Na cena de abertura aparecem imagens aéreas das belezas naturais do Rio de Janeiro e o Cristo Redentor. Em seguida, a praia de Copacabana, em outubro de 2009, quando foi anunciada a escolha do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos. O que se vê é uma grande festa, pessoas vestidas de verde e amarelo (na sua maioria com a camisa da seleção brasileira de futebol), com a bandeira do Brasil, a sambar e tomar caipirinha. O narrador afirma que a diversidade do povo brasileiro estava representada ali.

Num corte temporal, na sequência, já em 2016, aparecem pessoas com a aparência triste, preocupadas, o oposto das representações de 2009. O narrador fala em desemprego e apresentam-se filas de pessoas, obras inacabadas, escolas em péssimas condições, manifestações contra a corrupção, policiais com salários atrasados, o crescimento da criminalidade e a epidemia do vírus zika²⁴, que preocupava os brasileiros e os turistas que visitariam o Brasil naquele ano. Com isso é feita uma síntese do que vai ser tratado no decorrer da obra: os problemas enfrentados no dia-a-dia em contraposição à grande festa do esporte.

²³ <https://www.presseportal.de/pm/7840/3392732>

²⁴ Foi um surto que ocorreu entre 2015 e 2016 no Brasil, principalmente na região Nordeste. É um vírus transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti* e a infecção resulta numa doença conhecida como febre Zika, que causa sintomas como febre e erupções cutâneas. A infecção em mulheres grávidas tem uma ligação com a microcefalia em recém-nascidos através da transmissão de mãe para filho. Nasceram 1.709 bebês com microcefalia relacionada ao Zika vírus na região nordeste entre 2015 e 2016. Referência: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n10/1678-4464-csp-34-10-e00069018.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

O primeiro lugar dentre os vários visitados por Wunn foi Itaboraí, uma cidade de aproximadamente duzentos e quarenta mil habitantes, que dista cinquenta quilômetros da cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma que foi feito nas obras anteriores, também neste documentário Wunn vale-se do recurso de apresentar personagens e suas mini-histórias para contextualizar a sua reportagem e os problemas gerais que abordará. A primeira personagem, que vivia em Itaboraí, era Íris Tang Sing, uma lutadora de taekwondo classificada para disputar os jogos. Para ela, que também era professora, o facto de o Rio de Janeiro sediar um grande evento esportivo poderia trazer benefícios para os esportistas e para a condição de vida de crianças pobres, por exemplo. Por outro lado, falou do momento difícil que passava a sua cidade, que vivia uma grande desilusão. Em 2008, começou a ser construída uma refinaria de petróleo, o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ), que prometia trazer grandes investimentos e a geração de duzentos mil empregos para a cidade, que ficou conhecida como o “novo eldorado fluminense”²⁵.

Depois são mostrados os imóveis que foram construídos, dos quais nem 50% estavam ocupados. Dezenas de cartazes de “vende-se” espalhados pela cidade, que viveu um desenvolvimento grande e rápido do setor imobiliário com a construção de modernos edifícios corporativos, centros comerciais e hotéis. Mas, em 2015, após denúncias de corrupção na Petrobras, as obras haviam parado e todo o investimento feito na infraestrutura estava perdido. Wunn sintetiza a história de Itaboraí com uma frase que se poderia aplicar ao momento que o Brasil todo vivia naquele ano de 2016: “Die Zukunft in Itaborai war vorbei, bevor sie überhaupt richtig begonnen hatte”.



Figura 10 – Imagem aérea do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro. Minuto: 4:09

De volta ao Rio de Janeiro, mostra-se uma vista aérea do moderno Parque Olímpico,

²⁵ https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/28/politica/1438102186_804949.html

um complexo esportivo e de lazer localizado na Barra da Tijuca. Na fala do narrador, ao contrário das construções para o mundial de futebol de 2014, as obras estavam em dia e estariam prontas.



Figura 11 – Vista aérea do Parque Olímpico. Minuto: 7:05

Porém, também nesta cena são mostrados os dois lados da situação: construções modernas, que contaram com grande investimento público e privado e, por outro lado, o drama da desapropriação de moradias. Agora, a personagem que ilustra a situação com sua história pessoal é Maria da Penha, cinquenta anos, para quem o grande evento de 2016 teria sido um pesadelo antes mesmo de começar. Moradora do local há vinte e três anos, é uma das líderes da comunidade Vila Autódromo, onde cerca de quinhentas famílias que viviam muito próximas ao Velódromo tiveram suas casas desapropriadas e destruídas em março de 2016 para a construção do Parque. Imagens duma filmagem da destruição das casas e da violência da policial para com os moradores aparecem no documentário²⁶. Nas palavras de Wunn em *off*: “Große Politik gegen kleine Leute”

Para Maria da Penha, o Brasil precisava de grandes mudanças no que se refere à justiça, aos políticos, ao sistema capitalista.

²⁶ https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/25/politica/1469450857_996933.html

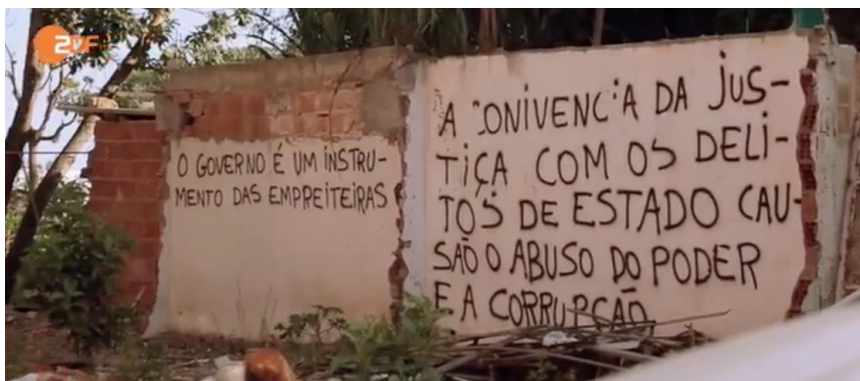


Figura 12 – Pichações com protestos. Minuto: 7:42

Na cena seguinte são exibidas as manifestações de 2013, com muitas pessoas levantando a bandeira nacional e vestidas de verde e amarelo, na Avenida Paulista, em São Paulo, contra a presidenta Dilma, contra a corrupção. A polaridade mais uma vez é evidenciada, com as imagens seguintes que mostram manifestação a favor da presidenta, contra o pedido de *impeachment*, com quase 100 mil pessoas vestidas de vermelho, a cor do Partido dos Trabalhadores (PT).

O jornalista explica o escândalo de corrupção na Petrobras que estava a ser investigado e que mobilizou muitas pessoas a irem às ruas protestar. Crimes graves, tais como improbidade administrativa, corrupção passiva, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, que envolviam políticos de diversos partidos políticos e valores muito altos. Pela primeira vez as consequências estavam a ser sentidas pelos políticos de alto escalão, afirma o narrador. Após algumas entrevistas sobre esse assunto, são apresentadas novamente imagens de pessoas nas ruas, com camisa da seleção brasileira de futebol e bandeira do Brasil comemorando o afastamento da presidenta Dilma. A presidenta afirma que está a ser vítima dum golpe, pois não tinha feito nada errado, mas mesmo assim estava a ter o seu mandato cassado pelo parlamento brasileiro. Essa parte do documentário encerra-se com imagens de Brasília, da oposição conservadora da qual faz parte Michel Temer, que assume o lugar de presidente, rodeado apenas por ministros homens, brancos e que fazem parte de partidos políticos de centro.

O problema seguinte tratado no documentário é a epidemia transmitida pelo vírus Zika, que teve maior incidência na região nordeste do Brasil. Na região da cidade do Recife (Pernambuco), é entrevistada Bruna Tamires, uma jovem mãe dum bebé que nasceu com microcefalia e vive em Paudalho, bairro pobre a cinquenta quilómetros da capital, sem

asfalto, com casas humildes e sem nenhum hospital por perto.

Bruna faz duras críticas ao governo, que investiu valores altos nos estádios para o mundial de futebol de 2014 e para as Olimpíadas de 2016, mas deixa os hospitais em péssimas condições. Para conseguir um tratamento médico para o seu filho, ela precisa ir até Recife uma vez por semana, pois próximo de onde mora há apenas um hospital com obras inacabadas. Para isso, caminha quinze quilômetros com seu filho no colo para poder pegar o autocarro até a capital. Bruna critica a baixa qualidade do atendimento nos hospitais. Wunn entra num hospital público com uma câmara escondida e são mostradas muitas pessoas à espera, camas nos corredores, pessoas em pé.



Figura 13 – Protestos silenciosos no Rio de Janeiro. Minuto: 16:48

A educação é outro serviço público que tem profundos problemas no Brasil. A partir de 2015²⁷, alunos de escolas públicas fizeram uma série de manifestações e ocupações para reivindicar melhorias na área da educação e principalmente protestar contra o fechamento de escolas, o Projeto de Emenda Constitucional 241/16 (a “PEC do teto de gastos”) e as reformas no Ensino Médio²⁸. Em 2016, as manifestações ganharam o apoio de estudantes universitários e também de professores, que entraram em greve. Há no documentário cenas de dentro duma escola, com professores discursando a favor da greve e contra as Olimpíadas, uma grande faixa “Não às Olimpíadas”. Rafael Santana, professor de Sociologia, afirma que a greve é uma maneira de ensinar para os alunos que nenhuma injustiça pode ser aceita. Uma das questões mais graves da educação no Brasil é falta de reconhecimento e

²⁷ As primeiras ocupações datam de novembro de 2015 com início em São Paulo, replicando-se em Goiás, depois para o Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, os estados da região sul, com destaque para o Paraná, e alguns da região nordeste e norte (Rocha, 2020, p. 62)

²⁸ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/professores-se-reunem-para-decidir-se-acabam-com-greve-no-rj.html>
<http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemica;-s-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_no_Brasil_em_2016

duma remuneração digna aos professores no Brasil. Ao visitar o apartamento do professor, conta-se um pouco da história de Rafael. Filhos de pai açougueiro e mãe dona de casa, ele e a irmã foram os primeiros a cursar uma universidade. Apesar da sua formação, porém, com o seu salário de professor não teria condições de pagar sozinho o apartamento onde vivia com a sua mulher.

Assim como fez na questão da saúde, ao visitar um hospital, para mostrar a situação factual *in loco*, Wunn vai a uma escola ocupada, que está em péssimas condições, com a tinta das paredes e tetos descascada, com buracos na construção, casas de banho destruídas, “um pesadelo” nas palavras do jornalista. Anny Izabelly da Silva Queiróz, aluna da escola, reclama que há cinquenta alunos por sala, num espaço onde só caberiam trinta, faltando cadeiras e mesas para os alunos. Na fala da aluna, sentem-se esquecidos pelo Governo, enquanto as Olimpíadas eram a prioridade. Em *off* o narrador refere às políticas sociais implementadas pelo ex-presidente Lula, que tirou milhões de brasileiros da pobreza extrema, mas a grande crise de 2016 que o país atravessava estava destruindo muitas dessas conquistas sociais.

A última parte do documentário, iniciada com uma cena aérea do Rio de Janeiro, em que são mostradas as belezas naturais e as favelas, trata duma das principais questões a serem resolvidas no Brasil, já abordada nas obras anteriores: a desigualdade social e a falta de oportunidades para os mais pobres.

O eixo condutor da narrativa é o contraste entre a criminalidade e a violência e as oportunidades que podem ser oferecidas às crianças a partir do esporte. É apresentado um projeto social na favela Chacrinha, que recebe apoio financeiro internacional, onde crianças jogam e dançam uma coreografia com raquetes de badminton ao ritmo de samba, coordenado por Sebastião Dias de Oliveira, o treinador das crianças. O desenvolvimento de projetos sociais nas favelas com esporte ou música tem a intenção de afastar os jovens da criminalidade e das drogas, de dar-lhes a possibilidade de sonhar.

Na sequência mostra-se o outro lado: cenas de dentro da favela, as péssimas condições das construções, mas especialmente a violência, em grande parte dos casos, violência policial. Imagens de diversas favelas e tiroteios, cenas de guerra, policiais atiram, cidadãos são revistados, se escondem e os moradores convivem com o medo. Silvia Rosa, moradora da favela Chacrinha, e mãe de cinco filhos, dos quais três participam do projeto social coordenado por Sebastião, reclama da atuação violenta da polícia, que já chega

atirando e afirma que a polícia precisa de melhor treinamento.

Explica-se o que aconteceu em 2013 com a tentativa de pacificação das favelas, com as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), que expulsaram e controlaram o tráfico de drogas nas favelas temporariamente, mas que fracassaram após algum tempo. O tráfico continuou e a criminalidade também, deixando a população carioca refém das disputas entre os traficantes e policiais.

Wunn visita a favela Caju com os policiais que procuravam os culpados pelo assassinato dum homem decorrente de disputa entre traficantes. Os policiais aparecem dentro do carro, armados com fuzis para fora do carro. É uma imagem muito assustadora, principalmente para um estrangeiro. Entrevista o policial J. Saldanha, que se diz frustrado com o fim das UPPs. Afirma ser difícil em apenas 3 anos conseguir mudar as regras dum território que há mais de 30 anos foi comandado pelos traficantes. É preciso lembrar que quando se fala em favelas, nalgumas delas não se permite a entrada da polícia.

Os policiais são vistos pela população como violentos e corruptos. Sobre os salários dos policiais, Wunn enfatiza uma pergunta: como pode ser seguro um país que paga mal e irregularmente sua força de segurança? O policial fala que estão com salários atrasados, mas continuam trabalhando. Em contrapartida são lembrados os valores gastos com as Olimpíadas: 110 mil milhões de euros.

O documentário encerra-se com uma mensagem de otimismo. O treinador Sebastião afirma esperar que todo o investimento feito seja proveitoso para aqueles que vivem do esporte, que se possa aproveitar as novas estruturas e incentivar os esportistas. No final, crianças pintam os símbolos das Olimpíadas e o narrador conclui afirmando a necessidade de reformas e de políticos mais comprometidos com o futuro do Brasil. Para Wunn, o processo de cura do país seria longo e doloroso.

Este segundo documentário apresenta, em suma, uma abordagem muito diferente das obras anteriores. Num tom realista, trata-se duma reportagem jornalística sobre os graves problemas que o Brasil enfrenta ao mesmo tempo em que vai sediar o maior evento esportivo do mundo, as Olimpíadas. É mesmo discutível em que medida essa obra pode ser caracterizada como uma reportagem de viagens. A diferença em relação aos trabalhos anteriores fica mesmo evidente a partir dos títulos das obras: *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro* (1º livro), *Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen* (1º documentário), *Brasilien für Insider – Nahaufnahme eines*

Sehnsuchtslandes (2º livro) e *Der brasilianische Patient – Olympialand in der Krise* (2º documentário).

Ao retratar o país como um paciente terminal, o olhar de admiração e entusiasmo que foi lançado ao Brasil nas obras anteriores é substituído por uma visão muito crítica e realista. Todas as doze personagens entrevistadas no documentário tecem críticas aos gastos públicos que são destinados ao evento esportivo e não aos investimentos necessários em educação, saúde e infraestrutura. A corrupção e as disputas políticas, os hospitais e escolas sucateados, as condições de trabalho dos policiais, a violência e as favelas são temas levantados e analisados pelo narrador.

A temática cultural, uma das reconhecidas riquezas do Brasil e que há muito tempo é responsável por uma projeção positiva da imagem do Brasil, interna e externamente, não tem lugar neste documentário. Enquanto nas outras obras sempre eram apresentados os aspectos culturais positivos do Brasil, muitas vezes servindo, de certa forma, como um contraponto aos problemas do país, neste documentário não há interesse pelos temas culturais.

Apesar do documentário transmitir a mensagem de que seria possível que as Olimpíadas acontecessem como um bom evento e também de que existem soluções para as mazelas brasileiras – havendo inclusive boas iniciativas em curso nesse sentido – o tom geral era negativo, numa condição grave, a dum doente terminal. O jornalista chega mesmo a afirmar: “Nunca as Olimpíadas foram sediadas por uma cidade tão violenta”. Isso pode até parecer uma tentativa de afastar os turistas, num tom diametralmente oposto ao do primeiro livro, que parecia mesmo um convite para que o público leitor alemão fosse ao Brasil.

Uma questão que se coloca ao analisar o documentário diz respeito a essa condição de “doença terminal” em que o Brasil se encontra. Os problemas ali retratados não são novos, já existiam há muitos anos. Desde a época do primeiro livro, do primeiro documentário, sempre foram problemas que estiveram presentes na realidade brasileira. Pergunta-se, então, porque não apareceram com tanto destaque nas obras anteriores. Pode-se imaginar que tenha sido deliberadamente uma opção do autor. Muito provável também é que essa mudança decorreu das efetivas transformações que o Brasil passou nesses anos tão intensos em que Andreas Wunn viveu no Brasil e durante os quais foram publicadas as obras. Nessa época pode-se considerar que foram lançadas luzes sobre as sombras do Brasil, muitas vezes

ofuscadas pela exuberância da sua natureza, cultura e da diversidade do seu povo.

Há que se referir ainda que existe um paralelo inquestionável entre a postura do jornalista-viajante nas obras e as mudanças da imagem do Brasil (auto-imagem e hetero-imagem). Conforme dito, o Brasil transformou-se profunda e rapidamente nos anos 2010. O otimismo e euforia com que os brasileiros e o restante do mundo enxergavam o Brasil no início dos anos 2010 (o que está muito evidente no primeiro livro) deram lugar a um pessimismo e desânimo com o passar dos anos e a piora das condições sociais económicas e políticas, num processo que infelizmente ainda hoje se encontra em curso e cada vez mais agravado. Assim, o recorte proporcionado pela análise conjunta das quatro obras proporciona um panorama significativo da imagem do Brasil nos anos 2010.

CONCLUSÃO

A presente investigação possibilitou ampliar os estudos a respeito da literatura de viagens e da imagologia em obras contemporâneas do século XXI. Em primeiro lugar, foi possível perceber que as obras que constituíram o *corpus* se enquadram dentro da categoria “reportagem de viagens”, um dos vários subgêneros do universo maior que é a literatura de viagens. Conseguimos identificar que algumas características da literatura de viagens, de tradição multissecular, continuam tendo ecos em obras do mesmo gênero escritas na década de 2010. Aspectos como o hibridismo entre facto e ficção, a presença nos textos de diferentes figuras do autor/viajante/narrador, o conceito de alteridade e o cariz autobiográfico são tradicionalmente encontrados na literatura de viagens, muito discutidos pelos estudiosos da área e puderam ser encontrados também nos livros e documentários de Andreas Wunn. Tais parâmetros de análise foram valiosos para melhor compreender e contextualizar o conteúdo apresentado pelo jornalista alemão.

No que se refere à comparação entre o material analisado, produzido no século XXI, e outros relatos de viagens mais antigos sobre o Brasil, datados do século XX ou mesmo de séculos anteriores, primeiramente é importante ressaltar que não há em Wunn muitas referências diretas, intertextuais, à literatura de viagens previamente existente sobre o Brasil. Apesar disso, a temática que habitualmente era tratada nesses escritos também está muito presente nas obras que integram o *corpus*. O jornalista alemão demonstra a mesma tensão que tantos outros autores expressaram entre, dum lado, as belezas naturais do país e, doutro, os problemas sociais enfrentados pela população. No primeiro capítulo, nos debruçamos em apresentar as hétero-imagens já desenvolvidas noutros relatos de viagens anteriores a Andreas Wunn e percebemos como a dualidade da beleza natural *versus* os problemas sociais é uma constante, assim como o retrato – colorido, mas simplista - do brasileiro como um povo simpático, alegre, desorganizado e não pontual, que adora a praia e o carnaval. Sobretudo, a questão da mestiçagem e da multiculturalidade como fator que contribui para a alegria brasileira foi destacada.

No entanto, foi possível perceber que a obra de Andreas Wunn também buscou aprofundar dois temas muito presentes e mascarados na sociedade brasileira, o racismo e as desigualdades sociais. Muitas vezes, até com um tom de humor que de vez em quando roça o tragicômico, o jornalista trouxe imagens fortes de como as diferenças entre pobres e ricos

no Brasil pode ser gigantesca, muito difícil de se ultrapassar, mas que é possível, como tenta comprovar com as várias histórias de superação que apresenta ao público alemão. O racismo, problema estrutural da sociedade brasileira, é discutido com seriedade e bastante profundidade, confrontando-se com teóricos e escritores que outrora afirmavam a harmonia racial no país. Afastando-se um pouco da tradição dos relatos de viagens mais antigos de europeus sobre o Brasil, de forma diferente, é perceptível que ele lança um olhar atento, fazendo muitas críticas às profundas desigualdades sociais entre ricos e pobres. Procura mostrar em detalhes como é a vida dos trabalhadores, das pessoas mais pobres e também faz crítica à corrupção, à classe política brasileira e, mais do que isso, às estruturas sócio-político-económicas do Brasil e até mesmo à colonização do país.

Ainda que alguns estereótipos habituais dos brasileiros estejam presentes, como o “jeitinho brasileiro”, a esperteza, a impontualidade, a desorganização, por outro lado, parece tratar com um pouco mais de cuidado a questão da sexualização feminina, mesmo que ainda coloque em oposição o homem europeu e a corporalidade feminina. Relativamente a relatos de viagens antigos de estrangeiros sobre o Brasil, Stefan Zweig é o único que é expressamente citado. Apesar de fazer referências diretas e breves, é dum ponto de vista crítico que o autor põe em xeque o conceito de “país do futuro”, que disseminou-se com a obra de Zweig e encontra-se tão arraigado na auto e hétero imagem do Brasil há décadas. Além disso, é de realçar o diálogo que ele estabelece com obras brasileiras que não são relatos de viagens, mas que foram fundamentais para a construção da imagem do Brasil. Por exemplo, sociólogos como Gilberto Freyre, e a sua teoria da harmonia racial, ou Sergio Buarque de Holanda, que desenvolveu o conceito do brasileiro como “homem cordial”. O olhar crítico Wunn, que questiona e refuta a visão harmoniosa desenvolvida por tais autores e propagada em tantas obras e material a respeito do Brasil ao longo do tempo, pode ser compreendida no contexto do pós-modernismo, em que as relações de forças entre os países tem grande relevância. Um autor mais recente que é citado pelo jornalista e com cuja abordagem o viajante escritor parece estar mais alinhado é o escritor Luiz Ruffato, que tem uma visão muito crítica das estruturas e classes sociais no Brasil, tendo inclusive feito um discurso contundente a esse respeito na Feira do Livro de Frankfurt, no ano em que o Brasil foi homenageado. Por fim, em relação à intertextualidade, não necessariamente com referência a anteriores relatos de viagem, como visto, é de destacar o jornalista, biógrafo e escritor Ruy Castro, cuja obra sobre a bossa nova foi basicamente a grande

referência usada para analisar esse elemento essencial da cultura e da imagem brasileira.

Há outro ponto que merece atenção. Se as obras que compõem o corpus forem analisadas cronologicamente percebe-se uma transição: de estereótipos tradicionais vai-se gradativamente passando para críticas mais aprofundadas. No início, o autor deu grande destaque às belezas naturais, à riqueza cultural, ao aspecto das mistura de raças, tratando dos vários povos que constituíram o Brasil, realçando a existência duma boa convivência. Principalmente no primeiro documentário, suas histórias tinham um tom mais picaresco. Depois, o jornalista viajante parece compreender que há questões estruturais e históricas muito profundas, que levam aos principais problemas vivenciados no Brasil nos dias atuais. A imagem do Brasil que é apresentada muda de tom. Mesmo se olharmos os títulos da primeira obra, o primeiro livro *In Brasilien geht's ohne Textilien*, de 2013, e da última obra, o segundo documentário, *Der brasilianische Patient – Olympialand in der Krise* de 2016, é possível perceber a mudança de enfoque que é desenvolvida nas obras e a transição que ocorre durante esses anos.

Porém, pode-se perceber que essa mudança não consistiu apenas numa transformação subjetiva do olhar do viajante-narrador. É certo que a sua figura apresentada nas obras mudou, pois nota-se um conhecimento bem mais aprofundado sobre o país. Mas, para além disso, o período em questão foi de profundas transformações para o Brasil. O país vinha dum governo de esquerda que, ainda que tivesse relação com a direita, proporcionou melhores condições de vida a uma parcela considerável da população que antes vivia em situação de miséria; muitas pessoas saíram da pobreza e ascenderam à classe média, como é referido nas obras, especialmente no segundo livro. Depois houve um golpe parlamentar em 2016 e um momento de efervescência política cujas drásticas consequências são sentidas até aos dias atuais. Além disso, a realização dos dois grandes eventos desportivos, o mundial de futebol e os jogos olímpicos, foram motivos para crise, porque o país realmente não estava em grandes condições financeiras. Precisava de mais investimentos em infraestrutura e muito dos recursos que poderiam ser usados para propiciar melhores condições de vida à população foram destinados aos eventos esportivos. Há que se ressaltar também que, de certo ponto de vista, receber os eventos esportivos dava a impressão que o Brasil encontrava-se no mesmo patamar que outros países social e economicamente mais desenvolvidos.

Por essas razões, na auto-imagem brasileira e na hétero-imagem havia a impressão

de que o futuro tão esperado teria chegado. Porém, no período final coberto pelo *corpus* de investigação, já começa a se notar o declínio social, económico e político que se agrava desde então. Também é verdade que há uma mudança do olhar internacional em relação ao Brasil. Se no início dos anos 2010 o Brasil era uma estrela no cenário internacional, atualmente não é exagero dizer que é um pária na geopolítica global. E muito disso acontece justamente no período investigado. Assim, a mudança de olhar constatada nas obras representa não só uma mudança no olhar do próprio autor, como reflete também as mudanças objetivas vividas pelo Brasil, bem como ressoa a diferente visão tida pelos demais países em relação ao país. É certo que, tratando-se de imagologia, não existem imagens unívocas. As auto e hétero-imagens são multifacetadas e diversificadas, por vezes mesmo contraditórias, mas é indiscutível que há uma linha central que pode ser percebida e que estrutura a imagem projetada, conforme referido acima.

Outro aspeto importante da presente investigação foi a possibilidade de se ficar a conhecer melhor a hétero-imagem dos alemães a respeito do Brasil, não só nas obras analisadas, mas também nos relatos de viagens anteriores, como já foi detalhado acima. Mais ainda, com o estudo da imagologia foi possível aprofundar o conhecimento das representações coletivas dos alemães, nomeadamente os estereótipos que foram reforçados propositalmente, tais como organização, pontualidade, responsabilidade com o trabalho, corroborando assim a tese de que “afinal, um sujeito só toma consciência de si, quando se vê projetado, espelhado, pelo outro.” (Souza, 2004: 353).

Nas obras de Wunn aqui analisadas isso geralmente foi apresentado através de contraposições e dualidades. Exemplos disso são as referências à organização prussiana e à desorganização brasileira. A festa do carnaval brasileiro e a genialidade dos alemães, como inventores, que eram o tema do samba enredo. A conversa entre os europeus no churrasco, que diziam que os “gringos” trabalham e os brasileiros nem tanto. O homem que louvava a ética, a organização e a correção do guarda de trânsito na Alemanha, mas que não pensou duas vezes em subornar a autoridade no Brasil, para favorecer o seu filho.

Como aprendizados pessoais resultantes desta investigação, posso afirmar que, sem dúvidas, passei a ter um olhar mais crítico para a literatura de viagens. Mudou o modo como vejo o livro de viagem. Antes parecia-me ser autêntico, hoje já percebo que também se trata, tal como noutros tipos de narrativas verbais e/ou audiovisuais, de construções discursivas e literárias assentes em estratégias de representação que vão muito além de um

mero retrato factual de determinada realidade desconfiando dos autores. O elemento ficcional que não era muito considerado por mim, agora percebo ser parte fundamental desse género. A minha leitura dessas obras agora é feita compreendendo tratar-se de literatura (ainda que de índole mais jornalística ou documental) e não mais relatos e imagens factuais. Mais ainda, traçando-se um paralelo, essa discussão sobre *facto versus ficção* é muito pertinente nos tempos atuais em que mesmo as supostas informações estão tão questionáveis e duvidosas, ao se viver uma verdadeira pandemia de desinformação e *fake news*.

A investigação permitiu abordar a literatura de viagens como recurso muito interessante para conhecer melhor o próprio autor/narrador. Mais do que para conhecer ou estudar o lugar para o qual a viagem foi feita, este género literário representa um excelente meio para conhecer tanto a cultura do país e sociedade visitados como a de quem observa e descreve. Nesse sentido, conhecer algumas das multifacetadas hétero–imagens que os alemães têm do Brasil é de grande importância para quem estuda alemão como língua estrangeira e tem interesse na cultura daquele país. Primeiro, porque possibilita a uma investigadora brasileira conhecer melhor a sua própria cultura pelo olhar do outro, os defeitos e qualidades do próprio surgem mais claros e nos fazem refletir e questionar se aquilo que toca outro também ressoa em nós. Além disso, como afirma Souza, estudar a imagologia é de grande importância para os países que foram colonizados, porque discute o “problema da identidade nacional que, na maioria das vezes não está satisfatoriamente resolvido e, porque estes países constituem, exatamente por isso, a parte frágil nesse processo global que, teoricamente, se pretende de trocas, mas que na prática não o é” (*idem*: 353).

Refira-se ainda que o estudo da hétero-imagem poderia mesmo ser inserido como um recurso didático nas aulas de língua alemã, principalmente as passagens humorísticas, mais picarescas, inclusive como uma ferramenta para levar a uma reflexão a respeito dos pontos críticos da realidade brasileira ou alemã, por meio duma abordagem questionadora. É possível identificar que a auto-imagem brasileira tem muito a ver com a hétero-imagem dos escritos de viagem que compuseram a nossa própria história. Foi interessante também fazer essa pesquisa estando fora do Brasil, ainda que perto historicamente dos eventos políticos ocorridos na última década, estar longe geograficamente possibilitou tomar perspectivas de certo modo exteriores e assim levar a diversas novas interpretações.

Há que ser feita a ressalva de que não foi tarefa fácil rever uma história tão recente do Brasil, perceber que o futuro tão sonhado, que parecia ter chegado, passou muito rapidamente. A onda de euforia que atravessou o Brasil no começo dos anos 2000, a expectativa de melhores condições de vida, foi de facto sentida por muitos. Ainda que os problemas reais - as escolas e os hospitais sucateados, as favelas, a criminalidade e violência - sempre estivessem lá, no fundo havia uma esperança. Porém, o que se vê hoje e ao se olhar para trás para esse passado recente é que infelizmente o caminho que o Brasil trilhou e está a trilhar como país é muito diferente da esperança dum futuro melhor.

Numa reflexão sobre possíveis continuidades para a investigação, é incontornável levar-se em consideração a migração da literatura de viagens para outros média: como blogs, vlogs, meios multimodais que conjugam escrita, imagens e vídeos. Essa migração massiva para tais novos meios certamente afetará a produção académica e as investigações sobre o tema, pois a forma e o conteúdo interrelacionam-se intimamente, sendo tal área de trabalho um possível interessante campo para investigações futuras. Interessa-nos também analisar a imagologia expressa em imagens, em conteúdos iconográfico, por exemplo caricaturas, inclusive por ser também um meio de disseminação de informações tão omnipresente nos dias atuais.

Por fim, parece-me ainda importante realçar que o momento da escrita do presente trabalho apresentou alguns desafios. Um deles foi escrever sobre viagens num momento de pandemia global, em que o mundo “parou” e o fenómeno do turismo foi fortemente questionado. Perguntas como: “É possível viver num mundo sem viagens?”, “Como será o turismo pós-pandemia?”, “O turismo no Brasil será profundamente transformado?”, “É ainda possível recuperar o país do futuro?”, “Que tipo de imagologia prevalecerá no mundo pós-pandémico?”, “Qual será a imagem do Brasil?”. Isto são apenas algumas das perguntas que atualmente se colocam e para as quais só o futuro poderá, se não trazer as respostas em si, pelo menos indiciar que tipo de questões e investigações poderão vir a ser necessárias se quisermos perceber melhor as continuidades e descontinuidades das auto e hétero-imagens dum país ao qual tem sido cronicamente anunciado um por vir que teima em retardar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIADA, J. M. L. de. (2007). Latin America. In M. Beller & J. Leerssen (Eds.) *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey* (pp. 208-211). Rodopi.
- ALFONSO, L. P. (2006). *EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira* (Publicação N.º 279143) [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.
- BAPTISTA, J. M. (2010). *A Gemelaridade entre a reportagem Literária de Miguel Sousa Tavares e a Literatura de Viagens: A Clarificação do Eu Através da Revelação do Outro como via de aquisição da experiência* (Publicação N.º 10362/5750) [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova (RUN).
- BARBATO, L. F. T. (2016). Em terras de vagabundos e vagabundas: o clima tropical, a preguiça e a lascívia nas revistas do IHGB. *História, historias*, 4(8), 217-238. <https://doi.org/10.26512/hh.v4i8.10954>
- BARBOSA, L. (2005). *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*. Elsevier.
- BICALHO, M. F. (2003). *A cidade e o império. O Rio de Janeiro no século XVIII*. Civilização Brasileira.
- BITELLI, F. M., & JUREMA, M. L. M. (2019). FEIJOADA: origem e considerações acerca de um patrimônio cultural imaterial. *Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade*, 7(1), 20-35. <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2019/11/Artigo-2-1.pdf>
- BOSI, A. (1994). *História concisa da Literatura Brasileira*. Cultrix.
- BRAGA, D. V., & ERNST, A. (2015). Ser ou não ser "país do futuro", eis uma questão discursiva". *Linguagem em (Dis)curso*, 15(1), 169-182. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150110-2614>
- BRENNER, P. J. (1990) *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*. Max Niemeyer.
- BRICS – Brasil 2019. <http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics>
Acedido em janeiro de 2020.
- BURKE, P. (1997). *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*.

Fundação Editora da UNESP.

CABETE, S. M. C. (2010). *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional* (Publicação N.º tel-00868637) [Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa/Université Paris III - Sorbonne Nouvelle]. HAL.

CAMPINHO, J. M. C. (2018). *Imagologia Literária e Identidade Nacional em Eduardo Lourenço, Almeida Garrett e Eça de Queirós* (Publicação N.º 10400.2/7249) [Tese de Doutorado, Universidade Aberta]. Repositório institucional da Universidade Aberta (UAb).

CARNEIRO, H. S. (2001) O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. *História: Questões & Debates*, 35, 227-247.
<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2681/2218>

CAVIGNAC, J. A., & OLIVEIRA, L. A. de (2010). História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. *Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, 1(2), 63-75.
<https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/851/785>

CLARA, F. (2007) *Mundos de Palavras*. Viagem, História, Ciência, Literatura: Portugal no espaço de Língua Alemã (1770 - 1810). Peter Lang.

CRISTÓVÃO, F. (1999). Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In F. Cristóvão (Coord.), *Condicionantes culturais da literatura de viagens. Estudos e bibliografias* (pp. 13-54). Edições Cosmos/Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa.

CUNHA, F. L. da. (2004). Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). Annablume.

DAMATTA, R. (1997). Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rocco.

DINES, A. (n.d.) *A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*.
http://www.casastefanzweig.org.br/sec_texto_view.php?id=18

DYSERINCK, H. (2015) *Ausgewählte Schriften zur Vergleichenden Literaturwissenschaft*. Frank & Timme.

ETTE, O. (2001). *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Velbrück Wissenschaft.

- EWALD, W. (2007). “...E seguindo as canções” - Cantos de diásporas de imigrantes europeus no Brasil. *Em Pauta*, 18(30), 65-91. <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/7467>
- FERNANDES, S. (2019). *Sintomas Mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*. Autonomia Literária.
- FRANCO, S. M. S. (2011). Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: M. A. Junqueira & S. M. S. Franco (Orgs.), *Caderno de Seminários de Pesquisa. Vol. II* (pp. 62-86). Humanitas.
- FREIRE-MEDEIROS, B. (2009). *Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística*. Editora FGV. http://www.each.usp.br/turismo/livros/gringo_na_laje_medeiros.pdf
- GAZZI, G., LAZZARI, F., BAMPI, R. E., EBERLE, L., & MILAN, G. S. (2017). Estereótipos e Imagem de Produtos do Brasil e da Alemanha a Partir da Percepção de Brasileiros e Alemães. *Desenvolvimento Em Questão*, 16(42), 585–620. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2018.42.585-620>
- GERALDINO, S. M. G. Os relatos de viagem entre a norma e o gosto os viajantes franceses e a alimentação no Brasil no século XIX. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 2015.
- GIACOMOLLI, D. H. S. de S. (2014). Literatura Comparada e Intertextualidade. Saramago e Patativa do Assaré: O Homem Faz do Mundo um Texto para Produzir Sentido. *Millenium*, 46-A, 178-202. <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8132>
- GROSSEGESSE, O. (2003). O descobrimento do Brasil no romance *Äquator* de Curt Meyer-Clason. In O. Grossegesse, E. Koller, A. M. da Silva & M. Matos (Orgs.), *Portugal – Alemanha – Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch, Volume II* (pp. 311-337, 350) Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- HOLANDA, S. B. de. (1962). *A herança colonial – sua desagregação. História geral da civilização brasileira*. Difel.
- JUNQUEIRA, M. A. (2011). Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: M. A. Junqueira & S. M. S. Franco (Orgs.), *Caderno de Seminários de Pesquisa. Vol. II* (pp. 44-61). Humanitas.
- KLANOVICZ, L. R. F. (2010). De Gabriela a Juma – imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras. *Estudos Feministas*, 18(1), 141-159. <http://www.jstor.org/stable/24328195>
- KORTE, B. (2000). *English Travel Writing from Pilgrimages to Postcolonial Explorations*. Palgrave.
- KRISTEVA, J. (1974). *Introdução à semanálise*. Editora Perspectiva.

- LEBENDIGES MUSEUM ONLINE. (n.d.). *Egon Erwin Kisch: Der rasende Reporter*. <https://www.dhm.de/lemo/kapitel/weimarer-republik/kunst-und-kultur/egon-erwin-kisch-der-rasende-reporter.html>
- LEERSSEN, J. (2007). Imagology: History and method. In M. Beller & J. Leerssen (Eds.) *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey* (pp. 17-32). Rodopi.
- LEERSSEN, J. (2007a). Identity/alterity/hybridity. In M. Beller & J. Leerssen (Eds.) *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey* (pp. 335-344). Rodopi.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2000). *Tristes trópicos*. Companhia das Letras.
- LISBOA, K. M. (2008). Da Expedição Científica à Ficcionalização da Viagem. Martius e seu romance indianista sobre o Brasil. *Acervo*, 21(1), 115-132. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/107504>
- LISBOA, K. M. (2013). Imperialismo, missão e exotismo: narrativas de viajantes de língua alemã no Brasil nas primeiras décadas do século XX. *História: Questões & Debates*, 58, 63-88. <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/33896/21157>
- LISBOA, Karen Macknow. Natureza e população do Brasil na visão de viajantes alemães. In: Willi Bolle e Eckhard E. Kupfer. *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*. <http://brasil-alemanha.com/capitulo/19sec/Natureza-e-populacao-do-Brasil-na-visao-de-viajantes.php>. Acedido em novembro de 2020.
- LISLE, D. (2006). *The Global Politics of Contemporary Travel Writing*. Cambridge University Press.
- MASON, P. (2007). America: Native South Americans. In M. Beller & J. Leerssen (Eds.) *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey* (pp. 86-89). Rodopi.
- MASSAGLI, S. R. (2018). A falsa representação da identidade brasileira na construção do personagem Zé Carioca da Disney. *Literates*, 1(8), 238-258. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9826.literartes.2018.139877>
- MATOS, M. (2003). “Kein Pass für Rio”: Brasiliensbilder in der DDR. In O. Grossegeese, E. Koller, A. M. da Silva & M. Matos (Orgs.), *Portugal – Alemanha – Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch, Volume II* (pp. 289-309, 349) Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.

- MATOS, M. (2010). *Postigos para o mundo. Cultura turística e livros de viagens na República Democrática Alemã (1949-1989/90)*. Edições Húmus.
- MATOS, M. (2013). *Perpetuum mobile – Algumas considerações sobre narrativas de viagem*. In M. C. D. Álvares, A. L. A. Curado & S. P. G. de Sousa (Orgs.), *O Imáginário das Viagens. Literatura, Cinema, Banda Desenhada* (1ª ed., pp. 17-34). Edições Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/35198>
- MELLO, S. de. (2002, 18 de junho). *Pesquisadora paulistana fala sobre viajantes alemães no Brasil*. 2002. DW. <https://www.dw.com/pt-br/pesquisadora-paulistana-fala-sobre-viajantes-alem%C3%A3es-no-brasil/a-579614-0>
- MUNANGA, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: A. A. P. Brandão (Org.). *Cadernos Penesb (Programa de educação sobre o negro na sociedade Brasileira) nº 5*. Editora da Universidade Federal Fluminense.
- NETO, L. (2017). *Uma história do samba. As origens*. Companhia das Letras.
- OLIVEIRA, P. de. (2007). *Uma rara lição de reportagem*. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/uma-rara-licao-de-reportagem/>
- OPITZ, A. (1997). *Reiseschreiber: Variationen einer literarischen Figur der Moderne vom 18.-20. Jahrhundert*. WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- OPITZ, A. (2003). *Neue Welten - Deutschsprachige Brasilienliteratur im frühen 20. Jahrhundert*. In O. Grossegeesse, E. Koller, A. M. da Silva & M. Matos (Orgs.), *Portugal – Alemanha – Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch, Volume II* (pp. 165-180, 344-345) Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- PAES, M. T. D. (2015). *Trajetórias do patrimônio cultural e os sentidos dos seus usos em Paraty (RJ)*. *Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura*, 23(2), 105-118. <https://doi.org/10.20396/resgate.v23i30.8645810>
- ROCHA, D. L. da (2020). *Ocupação das escolas em 2015 e 2016: uma breve análise da forma e do conteúdo da ação dos estudantes*. *Revista Sociologias Plurais* 6 (1), 61-86 <https://revistas.ufpr.br/sciplr/article/download/71450/40287>
- SCHWARCZ, L. M. (2019) *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.
- SCHWARZ, S.M. (2008). *Rio de Janeiro in der Fremdwahrnehmung Reisender. Zu den Stadtimages Rio de Janeiros in der deutschsprachigen Reiseliteratur des 19. bis 21. Jahrhunderts* (Publicação N.º 2712) [Tese de Mestrado, Historisch-Kulturwissenschaftliche

- Fakultät, Universität Wien]. Univesitäts Bibliothek Universität Wien E-Theses.
- SIMAS, L. A. (2015). *Pra tudo começar na quinta-feira*. Mórula editorial.
- SIMÕES, Maria João. Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária. Centro de Estudos Literários, Universidade de Coimbra.
- SOARES, M. D. de A. P. (2018). *Entre vozes e espelhos: Um olhar sobre a Literatura de Viagens portuguesa contemporânea* (Publicação N.º 101339208) [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.
- SOUSA, C. H. M. R. de. (1996). *Retratos do Brasil: heteroimagens literárias alemãs do Brasil*. Arte & Ciências.
- SOUSA, C. H. M. R. de. (2004). *Do cá e do lá. Introdução à imagologia*. Associação Editorial Humanitas.
- SOUSA, C. H. M. R. de. (2011). Literatura e Imagologia: uma interação produtiva. A contribuição da Comparatística da Universidade de Aachen. *Pandaemonium Germanicum*, 17 (159-186). <https://doi.org/10.1590/S1982-88372011000100010>
- THOMPSON, C. (2011) *Travel writing*. Routledge.
- TURANO, G. da C., & FERREIRA, F. (2013). Incômoda vizinhança: a Vizinha Faladeira e a formação das escolas de samba no Rio de Janeiro dos anos 30. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, 10(2), 65-92. <https://doi.org/10.12957/tecap.2013.10217>
- VARGAS, H., & BRUCK, M. (2017). Entre ruptura e retomada: crítica à memória dominante da bossa nova. *Revista Matrizes*, 11(3), 221-239. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i3p221-239>
[file:///Users/lucianaarbex/Downloads/134705-Texto%20do%20artigo-279529-1-10-20171227%20\(3\).pdf](file:///Users/lucianaarbex/Downloads/134705-Texto%20do%20artigo-279529-1-10-20171227%20(3).pdf)
- VILAS-BOAS, G. (2014). Olhares sobre a Patagónia. *Cadernos de Literatura Comparada – 30. De Idas e regressos: Declinações da Viagem*, 30, 45-63. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77710/2/96499.pdf>
- VILAS-BOAS, G. (2015) *Viagens literárias e outras: Uma viagem por textos ao Médio Oriente nos anos 1930*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- WACHELKE, J., & PRADO, A. M. (2017). A ideologia do jeitinho brasileiro. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 146-162. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.31400>
- WELSCH, W. (1999). Transculturality – the Puzzling Form of Cultures Today. *Spaces of*

Culture: City, Nation, World. Mike Featherstone and Scott Lash, pp. 194-213.

WUNN, A. (2013). *In Brasilien geht's ohne Textilien. Ein Deutscher in Rio de Janeiro*. Wilhelm Heyne Verlag.

WUNN, A. (2014). *Brasilien für Insider. Nahaufnahme eines Sehnsuchtslandes*. Wilhelm Heyne Verlag.

ZWEIG, S. (2013). *Brasilien, ein Land der Zukunft*. eBook Insel Verlag.

WEBOGRAFIA

WUNN, A. *Sehnsuchtsland Brasilien - Von Menschen, Träumen, Traditionen*. ZDF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uVSVF3V74HQ>

WUNN, A. (2016). *Der brasilianische Patient*. ZDF

ANEXO 1 – Índice de cenas do documentário “Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen”

Sehnsuchtsland Brasilien – von Menschen, Träumen, Traditionen			
CENA	INÍCIO	FIM	DURAÇÃO
Cena de abertura com Monadelê	0'00"	0'28"	0'28"
Abertura geral	0'29"	2'06"	1'37"
Blumenau	2'07"	7'55"	5'48"
São Paulo	7'56"	13'27"	5'31"
Paraty	13'28"	16'46"	3'18"
Rio de Janeiro	16'47"	24'30"	7'43"
Salvador	24'31"	31'14"	6'43"
Amazonas	31'15"	38'52"	7'37"
Praia dos Carneiros	38'53"	42'56"	4'03"
Monadelê	42'57"	43'29"	0'32"
Créditos finais	43'30"	43'55"	0'25"

ANEXO 2 – Índice de cenas do documentário “Der brasilianische Patient –Olympialand in der Krise”

Der brasilianische Patient			
CENA	INÍCIO	FIM	DURAÇÃO
Cena de abertura – Rio de Janeiro	0'00"	2'06"	2'06"
Olimpíadas / Itaboraí (Iris Tang Sing)	2'07"	7'00"	4'53"
Vila autódromo (Maria da Penha)	7'01"	9'12"	2'11"
Manifestações / Impeachment	9'13"	13'55"	4'42"
Microcefalia / Zika vírus	13'56"	17'42"	3'46"
Greves / Ocupações (Rafael Santana)	17'43"	21'32"	3'49"
Favela / Violência / Badminton	24'31"	28'22"	3'51"
Créditos finais	28'23"	28'50"	0'27"